UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

ROSIANE MARLI ANTONIO DAMAZIO

TURISMO, URBANIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: CONFLITOS PRODUZIDOS A PARTIR DO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DE UMA RESERVA EXTRATIVISTA (RESEX) ENTRE OS MUNICÍPIOS DE GAROPABA E IMBITUBA (SC)

ORIENTADOR:
PROFESSOR DR. EMERSON CÉSAR DE CAMPOS

FLORIANÓPOLIS
2011

Rosiane Marli Antonio Damazio

Turismo, urbanização e preservação ambiental: conflitos produzidos a partir do processo de implantação de uma reserva extrativista (RESEX) entre os municípios de Garopaba e Imbituba (SC)

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florinópolis/SC.

Àrea de Concentração: Linguagens e Identificações

Orientador:
Prof. Dr. Emerson César de Campos

Florianópolis
MARÇO 2011

Rosiane Marli Antonio Damazio

Turismo, urbanização e preservação ambiental: conflitos produzidos a partir do processo de implantação de uma reserva extrativista (RESEX) entre os municípios de Garopaba e Imbituba (SC)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, como requisito à obtenção do título de Mestre em História, aprovado com conceito [ ]

Florianópolis (SC), 17 de março de 2011

BANCA DE APROVAÇÃO

_____

Orientador: Prof. Dr. Emerson César de Campos
UDESC

_____

Prof. Dr. Ely Bergo de Carvalho – UFMG

_____

Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão - UDESC

DEDICATÓRIA

A minha vó Othília Maria Teixeira (in memorian).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido Edinho.

Às minhas filhas Camila, Dayana e Luiza.

Aos meus pais Lode e Bernadete.

Ao meu orientador Prof. Dr. Emerson César de Campos.

À minha amiga Mauricélia Teixeira de Albuquerque.

À Secretária de Educação de Garopaba, Maria Nadir de Araujo Souza.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Udesc.

A todas as pessoas que contribuíram com a concretização deste estudo, especialmente às que gentilmente concederam entrevistas.

EPÍGRAFE

Foi. Nunca será de novo. Lembre.

(Paul Auster – A invenção da solidão.)

RESUMO

Este trabalho consiste em uma reflexão sobre os conflitos existentes na região de Ibiraquera, entre os municípios de Garopaba e Imbituba/SC, intensificados após a década de 1970 com o crescimento do fluxo turístico e o acirramento das apropriações em relação ao meio ambiente e, a partir disso, de diversas questões conexas: as tensões que envolvem a propriedade da terra; a noção de pertencimento e de identidade cultural. A princípio este estudo estava voltado para a criação de uma Reserva Extrativista na região e os conflitos gerados pelo processo, porém, percebi que essa questão colocava em tela uma série de conflitos mais antigos: agrários, lutas identitárias, disputas por propriedades, relações com o meio ambiente, especulação imobiliária e culturas políticas. Redimensionada a temática, procuro abranger conflitos e litígios que transtornaram a região durante a intensificação do fluxo turístico. Por último, busco compreender a configuração social que colocou cena a problemática da Reserva Extrativista (RESEX), priorizando os contatos e conflitos culturais engendrados a partir do seu planejamento e tentativas de implantação.

Palavras-chave: Conflito. Culturas. Natureza. Turismo. RESEX.

ABSTRACT

This work is a reflection about the conflicts in the region of Ibiraquera, between the municipalities of Garopaba and Imbituba / SC, intensified after the 1970s with the growth of tourist flow and the intensification of appropriation in relation to the environment, and from this, several related issues: the tensions surrounding land ownership, the notion of belonging and cultural identity. Initially this study was directed towards the creation of an Extractive Reserve in the region and the conflicts generated by the process, however, I realized that this issue shows a series of earlier conflicts: agrarian, identity struggles, disputes for property, neglect with the environment, property speculation, in other words, questions in the order of political cultures. Finally, I seek to understand the social setting that scene put the issue of the Extractive Reserve (RESEX) prioritizing contacts and cultural conflicts engendered from your planning and deployment efforts.

Keywords: Conflito. Culturas. Natureza. Turismo. RESEX.

LISTA DE SIGLAS

AMA - Associação Amigos de Garopaba

AMOCAD - Associação de Moradores de Campo D'Una

APA - Área de Proteção Ambiental

ARENA - Aliança pela Renovação Nacional

ASPECI - Associação de Pescadores de Ibiraquera

WCT - World Championship Tour

CASAN - Companhia Catarinense de Água e Saneamento

CELESC - Centrais Elétricas de Santa Catarina

CEPSUL - Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul

CERPAULO - Cooperativa de Eletrificação Rural de Paulo Lopes

CNPT - Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais

DC - Diário Catarinense

DEM - Democratas

EEB - Escola de Educação Básica

FESPORT - Federação Catarinense de Desportos

FUNRURAL - Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural

GT - Grupo de Trabalho

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBF - Instituto Baleia Franca

ICC - Indústria Carboquímica Catarinense

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

ITESC - Instituto Teológico de Santa Catarina

MDB - Movimento Democrático Nacional

MERCOSUL - Mercado Comum do Cone Sul

NEA - Núcleo de Estudos Açorianos

NMD/UFSC - Núcleo de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Catarina

ONG - Organização Não Governamental

PFL - Partido da Frente Liberal

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP - Partido Progressista

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

RESEX - Reserva Extrativista

SANTUR - Santa Catarina Turismo

SC - Santa Catarina

UC - Unidade de Conservação

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNCED - Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização de Ibiraquera 13
Figura 2 - Mapa da Resex 24
Figura 3 - Vista geral da Lagoa de Ibiraquera 30
Figura 4 - Mapa de Garopaba 120

LISTA DE ENTREVISTADOS

Abelardo Soares de Moraes - 54 anos, natural de Imarui, instalador de telefone aposentado/pescador

Antonio da Rosa - 70 anos, natural de Garopaba, pescador/lavrador aposentado

Antonio Flor - 61 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba), pescador aposentado

Antônio Pedro Marcelino - 81 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba), pescador/lavrador aposentado

Conceição Teixeira Ferreira - 45 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba), proprietária de pousada na Praia do Rosa

Cristiano Lopes de Oliveira - 32 anos, natural de Imbituba Centro, advogado, Presidente da Câmara de Vereadores de Imbituba, filiado ao Partido dos Democratas (DEM), responsável do poder público municipal em assuntos referentes à RESEX

Fernanda Morganti Schmitz - 31 anos, natural de Novo Hamburgo (RS), proprietária do Ibiraquera Kite Center: escola de kite surfe

Gislaine Gremelmaier - 36 anos, natural de Porto Alegre (RS), diarista

Jair João Ribeiro - 73 anos, natural de Garopaba, pescador aposentado, Presidente da Colônia de Pesca de Garopaba

Jucélio de Souza Clementino - 42 anos, natural de Garopaba, construtor, vereador do Partido Progressista (PP) em Garopaba

Laudelino Antonio Teixeira - 75 anos, natural de Garopaba, lavrador/pescador aposentado

Lédio da Silveira - 46 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba), pescador, Presidente da Associação de Pescadores de Ibiraquera (ASPECI)

Luciane Adelino Monteiro - 36 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba)

Maria Aparecida Ferreira - 43 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba), coordenadora de pousada, Presidente do Fórum da Agenda 21 Local de Ibiraquera, representante da comunidade de Ibiraquera no Conselho da APA da Baleia Franca, representante do Estado de Santa Catarina na Comissão Nacional de Reservas Extrativistas Marinhas, membro da diretoria do Conselho Comunitário de Ibiraquera

Maro Odi de Souza - 46 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba), proprietário de pousada na Praia do Rosa, Presidente da associação de Moradores de Ibiraquera

Ronaldo Gabriel Teixeira - 43 anos, natural de Garopaba, administrador, Secretário de Finanças da Prefeitura de Garopaba

Rui Carlos Marques de Barcelos - 64 anos, natural de Porto Alegre (RS), professor aposentado e jornalista, Presidente do Partido Verde em Garopaba, Presidente da Associação de Moradores da Limpa (AMOLIM), Conselheiro da Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Garopaba (AMA), Presidente do Núcleo Gestor do Conselho Participativo do Plano Diretor de Garopaba, Diretor da Diretoria de Saneamento e Meio Ambiente da Prefeitura, Representante da AMOLIM no Fórum da Agenda 21

Santina da Silveira Teixeira - 80 anos, natural de Ibiraquera (Garopaba), do lar

Terezinha de Carvalho Flor - 56 anos, natural de Ibiraquera (Imbituba), do lar

Valter Martins Ricardo - 50 anos, natural de Imbituba, professor e radialista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 PARAÍSO SOB PERIGO: CONFLITOS EM TORNO DA RESEX DE GAROPABA E IMBITUBA.....23

2 O ENTORNO DA LAGOA DE IBIRAQUERA: PERMANÊNCIAS E HIBRIDAÇÕES 64

3 GAROPABA SEM *STRESS*: O MELHOR LUGAR PARA SUAS FÉRIAS 108

CONSIDERAÇÕES FINAIS 141

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....144

ANEXOS 152

INTRODUÇÃO

Em meados do ano de 2007, em uma conversa informal com Maurício de Carvalho, na época vereador pelo Partido Progressista – PP - e morador de Campo D'Una, bairro ao sul do município de Garopaba[1], distante dez quilômetros do centro da cidade, tomei conhecimento que o "pessoal" do Fórum da Agenda 21[2] e da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca[3] - APA[4] - estava tentando transformar parte dos municípios de Garopaba e Imbituba[5] em Reserva Extrativista – Resex. Ele se dizia no dever de defender as pessoas que possuíam terras, casas, comércio, pois, caso a Resex fosse aprovada, ninguém poderia vender nem

---

[1] Município localizado no litoral sul de Santa Catarina, distante 70 quilômetros da capital Florianópolis.

[2] De acordo com o conteúdo disponível no sítio da Televisão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TVPUC-SP), a Agenda 21 foi um dos principais resultados da conferência Eco-92, ocorrida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. É um documento que estabeleceu a importância de cada país se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas socioambientais. Cada país desenvolve a sua Agenda 21. No Brasil, as discussões são coordenadas pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional (CPDS). A Agenda 21 constitui um poderoso instrumento de reconversão da sociedade industrial rumo a um novo paradigma, que exige a reinterpretação do conceito de progresso, contemplando maior harmonia e equilíbrio holístico entre o todo e as partes, promovendo a qualidade, não apenas a quantidade do crescimento. As ações prioritárias da Agenda 21 brasileira são os programas de inclusão social (com o acesso de toda a população à educação, saúde e distribuição de renda), a sustentabilidade urbana e rural, a preservação dos recursos naturais e minerais e a ética política para o planejamento rumo ao desenvolvimento sustentável. Mas o ponto mais importante dessas ações prioritárias, segundo este estudo, é o planejamento de sistemas de produção e consumo sustentáveis contra a cultura do desperdício. A Agenda 21 é um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Disponível em: < http://tv.pucsp.br/mm/?p=252> Acesso em: 21 ago. 2010.

[3] A baleia franca-austral (Eubalaena australis) é uma das três espécies de baleia franca, pertencente ao gênero Eubalaena. Estima-se que haja cerca de 7.500 exemplares espalhadas pelo sul do Hemisfério Sul, numa faixa compreendida entre os 30º e os 55º de latitude. Pode atingir 18 metros de comprimento e 80 toneladas de peso. A caça indiscriminada deste tipo de baleia, devido à quantidade de óleo de cada indivíduo, deixou-a quase em perigo de extinção. Desde o século 19, a população destes animais foi reduzida em 90%. Atualmente, estima-se uma população que entre os 7.500 e 8.000 indivíduos. Durante o inverno, as baleias escolhem as águas mais quentes do Hemisfério Sul para se reproduzirem, como: costas da Península Valdés (na Patagónia), África do Sul e Brasil. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Baleia-franca> Acesso em: 12 out. 2010.

[4] Unidade de Conservação Federal criada por Decreto s/n, em 14 de setembro de 2000, contou com amplo apoio nacional e internacional e representou a concretização dos anseios de diversos setores da sociedade. Sua área abrange 156.100 hectares, com cerca de 130 quilômetros de extensão, formando um verdadeiro mosaico de ambientes, incluindo manguezais, áreas de restinga, conjuntos de dunas, florestas de planície quaternárias, praias, promontórios, ambientes lagunares, entre outros. A APA se estende da Ponta Sul da Praia da Lagoinha noleste da Ilha de Santa Catarina, até o Balneário do Rincão, ao sul do Cabo de Santa Marta, abrangendo nove municípios da costa catarinense: Florianópolis, Palhoça, Paulo Lopes, Garopaba, Imbituba, Laguna, Tubarão, Jaguaruna e Içara. **Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (ICMBio). Disponível em: <** http://www.krillcom.com.br/promofranca/APA.htm**>. Acesso em: 25 out. 2009.**

[5] Município localizado no litoral sul de Santa Catarina, distante 90 quilômetros da capital, Florianópolis.

construir mais nada; além disso, todos estavam sob risco de desapropriação. Para ele, seria o fim do desenvolvimento turístico de Garopaba e Imbituba.

Após essa conversa, passei a prestar mais atenção na "história da Resex" e procurei informações mais consistentes que me permitissem refletir criticamente sobre o assunto. Perguntei a pessoas residentes na região se sabiam o que era a Resex. A maioria informou não saber ao certo. Resolvi, então, transformar curiosidade e inquietação de moradora em estudo científico, já que havia muitas questões sem resposta em minha breve aferição do tema.

Portanto, a princípio, este estudo estava voltado para a criação de uma Reserva Extrativista na região do entorno da Lagoa de Ibiraquera, nos municípios de Imbituba e Garopaba, no Sul de Santa Catarina (Figura 01) e os conflitos gerados pelo processo, que, em primeira e provisória análise, vinham provocando tensões e desconforto entre os moradores da região, inclusive a mim, ou seja, o encaminhamento inicial deste estudo deve-se à percepção de que algo estava num primeiro olhar, causando desentendimentos.

Assim que comecei a realizar as entrevistas, percebi que a questão da Resex colocava em tela uma série de conflitos mais antigos, que meus entrevistados faziam questão de narrar. As situações descritas apontavam para conflitos agrários, lutas identitárias, disputas por propriedades, descaso com o meio ambiente, especulação imobiliária, ou seja, questões da ordem das culturas políticas. Assim, resolvi redimensionar a temática desse estudo, retirando o foco exclusivamente da Resex, procurando abranger conflitos e litígios, além dos oportunismos políticos, que transtornaram a região durante a intensificação do fluxo turístico.

Dentro desse viés, meu problema de pesquisa trata de identificar, a partir da década de 1970, o acirramento das apropriações em relação ao meio ambiente e, a partir disso, diversas questões conexas: as tensões que envolvem a propriedade da terra; a noção de pertencimento; a de identidade, no sentido de "sou nativo" e "não sou nativo". Sendo assim, busco compreender a configuração social que colocou em tela a problemática da Resex, enfocando a hibridação das culturas no contexto. Saliento que foi seguindo as trilhas demarcadas pelos entrevistados que consegui desenvolver este trabalho, pois, embora as entrevistas focassem a Resex, os entrevistados conduziam suas falas para outras histórias, tornando esta uma entre outras tantas outras questões.

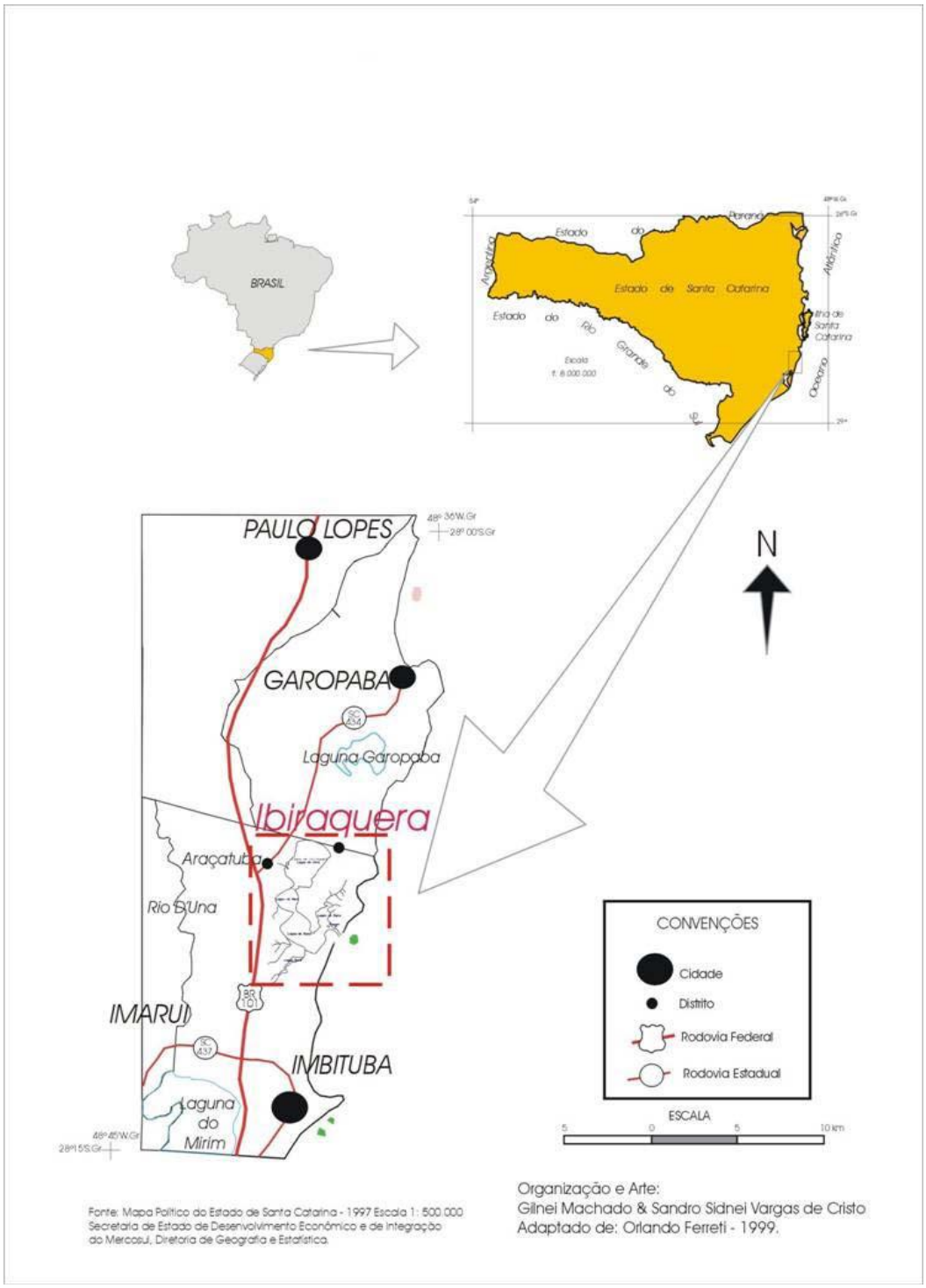

Figura 1 - Localização de Ibiraquera
FONTE: ROSAR, 2007, p. 16

Para viabilizar a proposta de pesquisa, defini algumas questões a serem perseguidas no decorrer do estudo, que podem, sucintamente, ser assim apresentadas:

- De que forma os conflitos produzidos a partir do processo de implantação de uma Resex nos municípios de Garopaba e Imbituba/SC irão estabelecer

relações e fronteiras, justificando novas formas de engajamento no espaço público através dos processos de negociação?

- Que organização social passou a prevalecer após o advento do turismo?
- Como se constituíram os sujeitos políticos envolvidos nos conflitos?
- Que estratégias os indivíduos envolvidos utilizaram para fazer valer seus direitos e colocar seus argumentos?
- Quais são as formas de mediação e arbitragem dos conflitos?

O período de referência para o conjunto do trabalho se estende da década de 1970 aos dias atuais. Na definição do recorte temporal, levo em consideração a intensificação do fluxo de pessoas entre a região da Lagoa de Ibiraquera e Garopaba e o Rio Grande do Sul, em especial Porto Alegre. É nesse período que ocorre o que se pode chamar de "invenção de um litoral", quando os moradores das grandes cidades elegem seus "paraísos" para descansar nas férias. Logo, esse período demarca a chegada dos primeiros turistas à região, a intensificação da atividade turística, bem como suas implicações políticas, econômicas e sociais.

Quanto ao recorte espacial, priorizo a região do entorno da Lagoa de Ibiraquera e Garopaba, por ser esta a área mais procurada por turistas e a que mais rapidamente apresentou conflitos diversos em questões de apropriação e uso do meio ambiente. Além disso, é nessa região que se localiza a Praia do Rosa, inegavelmente o que podemos chamar de "Cartão Postal" de Imbituba e Garopaba. Saliento que pela divisão geográfica dos dois municípios, a Praia do Rosa pertence a Imbituba, mas, como está mais próxima do Centro de Garopaba (distante aproximadamente 25 km do centro de Imbituba e a 15 km do Centro de Garopaba), a maioria dos visitantes e também parte da mídia entendem que pertence a Garopaba. O trabalho, portanto, "acontece" nessa área fronteiriça.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa se insere na tradição historiográfica do Tempo Presente. Proponho esta possibilidade por vivermos momentos fortes em que, em meio à perda ou à transformação constante de sentidos e de significados, emergem problemáticas em torno de memórias, identidades, sociabilidades e subjetividades. Nesta perspectiva, ganham espaço as pesquisas destinadas a compreender atualíssimos fenômenos, como os conflitos contemporâneos em torno da apropriação e dos usos do meio ambiente.

Ao optar por desenvolver este estudo na perspectiva da história do Tempo Presente, considero que a especificidade da pesquisa representa o esforço empreendido na busca da compreensão das transformações em seu percurso, ou seja, em seu próprio tempo de duração, ao contrário do estilo de outras abordagens históricas, que se detêm sobre as transformações,

focando somente o que foi transformado. A perspectiva histórica do Tempo Presente impõe muitos desafios, já que "é feita de 'moradas provisórias' [e] sua lei é a renovação; [no entanto] é consolador pensar que seus adeptos têm o privilégio de uma fonte da eterna juventude" (BÉDARIDA *in* AMADO e FERREIRA, 2006, p. 221).

A opção por coletar e registrar informações de diversas fontes deve-se à ampliação das possibilidades do trabalho de campo e à necessidade de ponderar as reflexões diferenciadas desses diversos documentos sobre um mesmo tema. Andréia Paula dos Santos (2007) indica:

> Os sujeitos – em defesa de suas visões do passado que orientam seu presente e futuro – prestam depoimentos, reúnem bibliografias, documentos escritos e audiovisuais em geral, e disponibilizam essa vasta documentação para o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa (SANTOS, 2007, p. 110).

O fato de coletar informações e elaborar documentos simultaneamente ao desenrolar dos acontecimentos confere a esta pesquisa cunho qualitativo, pois, conforme Maria Cecília de Souza Minayo (1994):

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Para abordar as minhas fontes, a metodologia que, em comum acordo com a orientação, além de solidificada na banca de qualificação, utilizei, foi a leitura documental dos conflitos que irei listar e, sobretudo, as fontes orais, pois essa é uma possibilidade de narrativa da história do Tempo Presente, como bem assinalou Robert Frank *in* Chauveau e Tétard (1999, p. 107): "A fonte oral é privilégio do historiador do presente". No entanto, mesmo sendo as minhas fontes majoritariamente orais, procuro relacioná-las a outras fontes documentais.

De acordo com Lucilia de Almeida Neves Delgado (2006, p. 30-31), trabalhar com fontes orais exige que o que o historiador possua determinadas habilidades, já que "são inúmeros e de diferentes naturezas" os desafios que as acompanham. Primeiramente, é valido destacar que as fontes orais, inerentes ao Tempo Presente, estão repletas de "emoções recentes" que podem levar o pesquisador a tornar-se "refém do depoimento recolhido", em detrimento de sua capacidade analítica. Vale salientar que, em se tratando de fontes orais, a

presença do pesquisador é indispensável. É ele quem deve “comandar o processo”, analisar e interpretar as informações.

Delgado (2006), contudo, considera que o maior desafio das fontes orais na pesquisa histórica é:

> Contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim, em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado (DELGADO, 2006, p. 30).

Nas entrevistas, considero, assim como Kênia de Souza Rios (2000, p. 25), “que o indivíduo é aquilo que sua memória comporta guardar seja como lembrança do vivido ou como desejo sobre o não vivido”. A memória mostra a organização do passado em relação ao presente. Ou seja, não um passado preservado, e sim continuamente reconstruído, tendo como base o presente. Portanto, “a memória é um processo ativo, social que não pode ser apenas identificado com as lembranças”. (GIDDENS, 1997, p. 81). Na verdade, não existe memória isenta, pois a memória é uma construção hodierna sobre o passado que é constantemente revitalizada no Tempo Presente.

A memória é algo que se diferencia do presente, mas que, ao mesmo tempo, o compõe. Assim como a memória, também o passado é entendido dentro do pensamento ocidental como um âmbito temporal distinto do presente. A memória é um dos caminhos para o conhecimento do passado. Ela tem várias funções: toda nossa consciência do passado está fundada na memória; através das lembranças recuperamos acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado. Um passado que muitas vezes ajuda a entender o contexto do vivido, como também nos ajuda a construir um futuro mais significativo.

A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem a memória, não é possível situar-se na própria cidade, pois se perde o elo afetivo com o meio em que se está inserido, o que impede o reconhecimento de si próprio como cidadão de direitos e deveres e sujeito da história.

> Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada, quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então algumas indicações, meros “signos” destinados a evocar antigas imagens. [...] começa-se atribuir à memória uma função decisiva do processo psicológico total: a memória permite a

> relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, [...] A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2004, p. 46-47).

Outro aspecto importante é o fato de que, quando fazemos uso de fontes orais estamos lidando com pessoas e o resultado do material estará ligado ao momento da narrativa, como também à relação do entrevistado com o entrevistador. "Um dos elementos que compõem a narrativa é gestado no momento mesmo da entrevista, pois parte de uma relação entre condições de recepção e emissão neste momento de diálogo" (RIOS, 2000, p. 12).

O resultado da entrevista não está gravado numa memória remetida somente ao passado, nem tampouco ao presente. A memória é utilizada para recompor lembranças a partir desse entrelaçamento. O que se lembra é o que se vive ou o que se queria viver. Existe uma emoção, ou até mesmo uma exaltação do vivido, talvez por se tratar de um sonho ou de um fato que ficou no passado e não pode ser remetido a julgamentos do presente, mas apenas lembrado e enaltecido. "Afinal, os sonhos são reais na sua potência de ser sonho. O mais importante é perscrutar o que esses sonhos dizem do indivíduo e seu grupo na sua dimensão cultural, que é também histórica" (RIOS, 2000, p. 21).

Por outro lado, é fundamental que jamais se afirme que determinado depoimento não é real. O que mais importa não é saber se ele aconteceu ou não, mas perceber por que está sendo narrado de tal maneira, como também perceber a relação com que os elementos contidos na descrição irão ajudar na interpretação da complexidade social em que está inserida. Para Clifford Geertz:

> [...] a coerência não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural. Os sistemas culturais têm que ter grau mínimo de coerência, do contrário não chamaríamos sistemas, e através da observação vemos que normalmente ele tem muito mais do que isso. Mas não há nada tão coerente como a ilusão de um paranóico ou a estória de um trapaceiro. A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta freqüência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural da que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar (GEERTZ, 1989, p. 13).

O trabalho de construção das fontes orais possibilita a abertura de novas perspectivas de investigação, pois, além de criar condições para repensar a construção do conhecimento, agrega elementos subjacentes ao processo, como: valores em disputa, padrões de

comportamento, culturas políticas, dentre outros, fazendo vir à tona as experiências vivenciadas e os seus significados.

> Nós, historiadores da oralidade, não devemos encarar os depoimentos como uma rede de informação pronta para ser analisada e definida pelos pressupostos da filosofia. Entender a situação de enunciação em que o depoimento se constrói é condição imprescindível para estabelecermos diálogos com nossos depoentes. Quando o entrevistado fala sobre o tema solicitado, ele não está simplesmente informando sobre acontecimentos que nos interessam. Ele constrói o fato mediante a sua experiência. Portanto, apresenta-nos sua própria interpretação. É no entendimento dessa dada interpretação que nos encontramos com o sujeito. Deparamo-nos, assim, com a maior contribuição da história oral, ou seja, o horizonte de possibilidades. O vislumbramento do múltiplo, do diverso em face de nossas tentativas de compreensão do homem nas suas mais variadas relações com o mundo (RIOS, 2000, p. l5).

Por outro lado, não podemos dissociar a história oral da teoria, como algo que se basta, como fundamentação teórica, pois estaríamos concebendo qualquer tipo de história, um conjunto de técnicas incapazes de refletir sobre si mesmas. Não só a história oral é teórica, como também pertence a um contexto global. Cabe ao historiador analisar as diversidades e complexidades de cada contexto. Nesse viés, Jorge Eduardo A. Lozano (2001, p.17) afirma: “Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros”.

Gradativamente, o interesse pela história oral foi aumentando e a temática aparecendo nas mais diversas obras acadêmicas. Carlos Humberto P. Corrêa explica como a história oral entra em cena:

> [...] especificadamente a história oral teve início através do norte-americano Allan Nevins, da universidade de Columbia, Nova York [...] fim da década de 20. [...] Com o aparecimento e a popularização dos aparelhos portáteis de gravação e o entusiasmado com os primeiros resultados, Nevins organizou, em Columbia, em 1948, a Oral History Reserch Office, para desenvolver os primeiros projetos de história oral, em nível acadêmico, nos Estados Unidos (CORREA, 1978, p. 18)

Contudo, embora a história oral fosse defendida, também era contestada:

> O renascimento da história oral nos anos 70, na Grã-Bretanha e na Austrália, foi profundamente influenciado pelas críticas dos historiadores documentalistas tradicionais. O principal alvo dessas críticas era a memória não ser confiável como fonte histórica, porque era distorcida pela deterioração física e pela nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado. Por trás dessas críticas estava a preocupação de que a democratização do ofício de historiador fosse facilitada pelos grupos de história oral, além do menosprezo pela aparente “descriminação” da história oral em favor das mulheres, dos trabalhadores e das comunidades minoritárias” (THOMSON, 2001, p. 66).

A história oral pauta-se na narrativa, na rememoração, ou seja, na memória. Nesse viés, Janaína Amado (1995) adverte que a utilização da memória como fonte histórica exige que sejam feitas certas distinções:

> Parece-me necessário distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo assim ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; essa, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora elementos da experiência (AMADO, 1995, p.131).

Não se pode tomar como único e verdadeiro o relato que um entrevistado faz sobre determinado acontecimento. Este relato não constitui a experiência vivida; na verdade, é um olhar sobre o passado, que depende de uma série de fatores pertencentes ao presente. Além disso, deve-se levar em conta que a narrativa do entrevistado, a princípio, se ata ao interesse do entrevistador. Pode acontecer, porém, de o entrevistado encaminhar sua fala para outro foco, necessitando que o historiador, por meio de hábeis artifícios, o faça voltar à temática de sua pesquisa ou, como no caso do presente estudo, se deixar levar pelo caminho de seu entrevistado.

Assim, na condição de historiadora do Tempo Presente, tenho o "privilégio" de poder trabalhar com fontes orais na perspectiva elucidada por François Bédarida (2006, p. 221), ou seja, por meio da idéia de palimpsesto, em que o "tempo presente é reescrito indefinidamente utilizando-se o mesmo material, mediante correções, acréscimos e revisões". Nessa perspectiva, o diálogo entre as fontes contempla experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, que tendem a se completar mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum.

Realizei um total de vinte entrevistas. Os nomes dos entrevistados que aparecem no texto são verdadeiros, já que todos se mostraram seguros quanto à divulgação de suas ideias, ações e sentimentos em relação aos conflitos existentes na região do entorno da Lagoa de Ibiraquera. Informados sobre a possível utilização de suas falas em pesquisa acadêmica, mostraram-se inteiramente favoráveis, embora, depois de desligado o gravador, alguns continuassem a falar, salientado que não queriam que o que estavam acrescentando fosse gravado. Era comum que perguntassem: "Isso não tá gravando?"

A seleção dos entrevistados considerou sua exposição pública, pela participação em eventos e/ou discussões acaloradas sobre a polêmica da Resex em locais públicos. Além

disso, um entrevistado acabava indicando outro, evidenciando a formação de redes de sociais. Reforço que meus entrevistados, a princípio, foram selecionados em função do envolvimento com a Resex. As entrevistas é que foram levantando os diversos conflitos relacionados à apropriação e aos usos do meio ambiente. Então, além das entrevistas, a princípio, centradas na proposta de Resex, realizei outras com moradores tradicionais de Ibiraquera no intuito de historicizar o lugar do qual falo.

Com base nessa variedade e abundância de documentos, o diálogo entre as fontes contempla experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, que tendem a se completar mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum. Minha intenção não pretende realizar a tarefa impossível de estabelecer a "verdade dos fatos", mas apenas mostrar o que se pode registrar e analisar tendo como referência o sujeito que se situa como agente histórico e historiador.

A questão, portanto, não é a produção de verdades absolutas, mas de verdades possíveis (verificáveis). Para os historiadores, a certeza do reconhecimento e a identificação com a verdade do acontecido são possibilidades, não certezas que confortam. O resultado da construção historiográfica é uma versão plausível, possível, verossímil daquilo que foi um dia. Os historiadores perseguem a verdade, pois almejam chegar ao "real acontecido". Mas, como lembra Ricoeur, aos historiadores seria denegada essa "pequena alegria". Assim, a verdade do acontecido aparece como um "horizonte de expectativas" – parafraseando Koselleck - e uma meta de chegada.

Entende-se, portanto, que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi", mas apropriar-se de determinados registros, representações, dando sentido e racionalidade condizentes às questões que se queiram deixar registradas e ver debatidas, mas sem apagar as contradições e os conflitos; neste caso, de cunho ambiental. Por esse viés, as falas dos envolvidos, ou seja, as fontes de maior peso serão as entrevistas, pois, como assinalou Paul Thompson **(**1998, p. 25-26)**, "**um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista".

Dessa articulação surgem histórias heterogêneas, coerentes com os próprios sujeitos desses processos históricos, de origens sociais, econômicas, culturais, políticas e regionais dessemelhantes ou antagônicas. As diferenças marcam as fontes coletadas e elaboradas com idéias e opiniões quase nunca coesas, trazendo fatos históricos vistos por ângulos variados e, por vezes, contraditórios, caracterizando, assim, uma história, por que não dizer, viva.

Antes de adentrarmos a narrativa que aborda os conflitos produzidos na região de Ibiraquera e Garopaba, preciso, assim como o fez Ely Bergo de Carvalho (2003), em sua dissertação de mestrado em História intitulada “Sombras do Passado, projetos de futuro: As florestas nas memórias dos agricultores de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1947-2003”, fazer uma “advertência metodológica”.

Devo informar que sou nativa da região em estudo e que é muito difícil “limpar” meus sentimentos e “estranhar” meu objeto de pesquisa. Por vezes, penso ser esse um fator negativo, já que não consigo separar a moradora da historiadora, confundindo meus ressentimentos com situações que poderiam ser entendidas como próprias das relações estabelecidas entre nativos e visitantes ou novos moradores em regiões litorâneas turísticas.

Por outro lado, vejo aspectos positivos, pois faço uma pesquisa que me é significativa, que valoriza as histórias do lugar em que vivo e que oportuniza a moradores comuns a percepção de que nosso lugar tem uma história e que eles estão contribuindo para registrá-la. Assim, faço minhas as explicações de Carvalho (2003), que também pesquisou questões inerentes ao lugar em que nasceu e cresceu:

> [...] tudo que escrevo nesta pesquisa me é extremamente familiar. Alguns poderiam apontar que, em virtude deste fato, não há um distanciamento do pesquisador e do seu “objeto”. Mais profícuo é considerar que compartilhar experiências com o grupo pesquisado tem um aspecto positivo, a participação permite uma melhor compreensão do outro, mantendo uma autocrítica constante sobre minhas lembranças (CARVALHO, 2003, p.30)

Feito tal esclarecimento, apresento a ordem segundo a qual se estrutura a dissertação, além dos autores com quem irei dialogar ao longo do estudo.

O primeiro capítulo - Paraíso sob perigo: conflitos em torno da Resex de Garopaba e Imbituba - aborda o conflito gerado pela proposta de Resex, pautando-se nos depoimentos das pessoas diretamente envolvidas, com seus usos e práticas do e no social. Aqui, assim como fez Celso Simões Bredariol em sua tese de doutorado, tomo como referência a definição de Henri Acselrad (1995), entendendo os conflitos ambientais como “conflitos sociais que se dão em torno da apropriação do meio ambiente comum”. Assim, todos os sujeitos envolvidos expõem seus pontos de vista e as razões que os impeliram a aprovar, ignorar ou a contrariar a proposta de Resex.

O segundo capítulo - O entorno da Lagoa de Ibiraquera: permanências e hibridações - objetiva contextualizar o *locus* deste estudo, apresentando, primeiramente, o lugar em si, com sua gente, suas falas, seus costumes, bem como o caldeirão cultural e os conflitos nos quais

foi envolvida a região após a chegada dos turistas ou *outsiders* – em oposição a estabelecidos, como chamaram Elias e Scotson (2000) na obra "Os estabelecidos e os *Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade"**.**

O terceiro capítulo - Garopaba sem *stress*: o melhor lugar para suas férias - apresenta a região em estudo nos projetos em torno das atividades turísticas, apontando o quanto isso auxilia e/ou atrapalha a vida dos moradores comuns. Também aborda as "invenções" produzidas a partir da década de 1990 para firmar uma cultura dita de procedência açoriana e de outras atrações ligadas ao mar (pesca, surfe, baleias), que se transformaram em "espetáculos" para atrair turistas, principalmente na baixa temporada.

1 PARAÍSO SOB PERIGO: CONFLITOS EM TORNO DA RESEX DE GAROPABA E IMBITUBA

Em 2007, o jornal Diário Catarinense (DC), que é, sabidamente, a mídia escrita de maior circulação no estado de Santa Catarina, publicou uma reportagem especial intitulada "Paraíso sob perigo: criação de reserva extrativista para a pesca artesanal em Garopaba e Imbituba provoca polêmica no Litoral Sul do Estado", apresentando à opinião pública os desconfortos gerados pela possibilidade de transformação de parte dos municípios em questão em Reserva Extrativista – Resex - (Figura 2). O texto apontava para a ameaça que a proposta representava para a região:

> [...] comunidades locais de Garopaba e Imbituba, inclusive de pescadores, estão se posicionando radicalmente contra a criação da Resex. Entre os motivos que justificam a posição, a possibilidade de severas restrições aos investimentos econômicos nos dois municípios, sobretudo na área de turismo. O projeto prevê a delimitação de uma área de 30 quilômetros de costa - cerca de 18 quilômetros em linha reta - que estende-se de Garopaba até a Lagoa de Ibiraquera, em Imbituba. O município mais atingido é Garopaba. Um dos itens que intrigam moradores, pescadores e o poder público local é se existe a possibilidade de mudanças radicais nas áreas limites da reserva. O resumo da proposta de criação da Resex traz como critérios utilizados para a delimitação da proposta da unidade de conservação a "exclusão, sempre que possível, de residências de moradores não tradicionais ou de veraneio e de atividades legalmente instituídas, desde que não comprometam a manutenção da conexão dos ambientes naturais da área de estudo". Para muitos dos que se posicionam contrários à reserva, o polêmico texto abre espaço para as desapropriações. A criação de um conselho, formado em sua maioria por pescadores, cria expectativas. Na mão desse conselho gestor poderia estar o destino de toda a área, caso a Resex seja implementada. Também há a preocupação de incluir na área da reserva "as maiores áreas possíveis de vegetação natural e dos abrigos para a fauna nativa" (DC, 23 dez. 2007).

Notadamente, a maior preocupação do texto escrito pelo repórter Renê Müller, para a reportagem especial do DC, diz respeito aos riscos que a Resex representa para o desenvolvimento econômico da área. Aponta para desapropriações e provável inclusão de áreas verdes dentro do perímetro da reserva. Talvez o que chama de perigo seja a possibilidade de os pescadores artesanais virem a dirigir o Conselho Gestor. Mas, que perigo se podia oferecer ao chamado paraíso? Como Ibiraquera seria atingida?

A reportagem indica que a região será atingida por algum tipo de catástrofe. Mas, desde quando a proteção do meio ambiente representa uma catástrofe? A catástrofe certamente não deverá ser do tipo natural; ao contrário, deverá encontrar-se justamente na

possibilidade de preservação do patrimônio natural. Este paradoxo dá o tom do conflito, pois, como veremos, “todos querem a preservação ambiental”, só não se sabe para que.

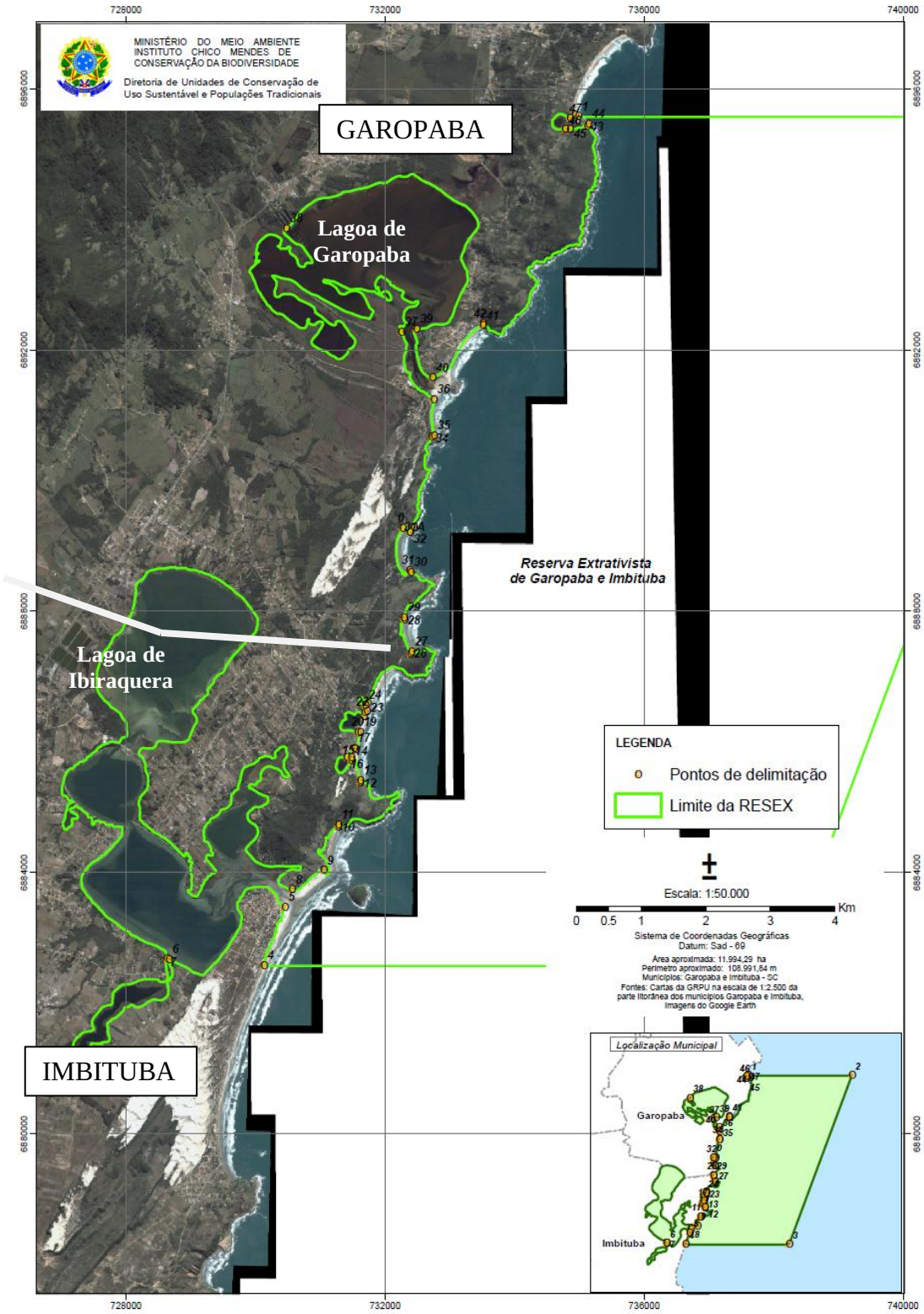

Figura 2: Mapa da Resex
FONTE: Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade – março de 2010.

Este capítulo, portanto, para que se entenda a questão da polêmica Resex, deve apresentar a estruturação do conflito.

Metodologicamente, será desenvolvido com o escopo de responder às seguintes indagações:

- Que estratégias os indivíduos envolvidos com o processo de implantação da Resex irão utilizar para fazer valer seus direitos e impor seus argumentos?
- Como se darão as negociações que poderão culminar em solução do conflito?
- Quais são as formas de mediação e arbitragem do conflito?

Com isso, realizarei a análise do papel dos indivíduos envolvidos no conflito, ou, utilizando as palavras de Agripa Farias Alexandre (2003, p. 27), analiso "o jogo de interesses opostos que emergiram no contexto da disputa e apropriação do meio ambiente comum na área de estudo".

É importante salientar que ainda não tenho uma posição definitiva sobre a questão: em alguns momentos me solidarizo/sensibilizo com os pescadores, com suas histórias de vida, tão semelhantes à minha e sou totalmente capturada pela nostalgia, pela busca do lugar em que cresci, por um passado que quero reviver. Em outros momentos, penso que não é possível juntar todos os "caquinhos" do lugar que se quebrou, que não é mais possível ignorar que ele não é mais um paraíso intocado, que não podemos fazer de conta que vivemos somente da pesca, que a urbanização não chegou. É preciso lembrar que o lugar agora abriga pessoas com origens, práticas e intenções distintas da comunidade nativa. Acredito que talvez essa dúvida foi e é o grande diferencial motivador desse estudo.

A realização de uma consulta pública para apresentar a proposta de Resex da Pesca Artesanal para a região norte de Garopaba e sul de Imbituba, mais precisamente no entorno das lagoas de Ibiraquera e Garopaba, mobilizou diversos segmentos sociais, destacando-se ambientalistas, pescadores artesanais, empresários, políticos e moradores. O encontro aconteceu nas dependências do Clube Campinense, em 19 de dezembro de 2007, no Bairro Campo D'Una, em Garopaba, e colocou a Resex na "boca do povo", ou seja, o assunto passou a ser discutido nos diversos círculos sociais da região.

A idéia de transformar parte dos municípios de Garopaba e Imbituba em Reserva Extrativista da Pesca Artesanal surgiu entre 2002 e 2004, fruto de discussões mediadas pelo Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, organizado por ambientalistas, alguns

habitantes nativos, pescadores artesanais, pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina e outros simpatizantes, em sua maioria *outsiders*.[6]

No entanto, a criação de uma Unidade de Conservação – UC -, tal qual uma Resex, não de se dá de forma vertical e/ou de cima pra baixo, ou seja, não é uma mera imposição de órgãos ligados à preservação ambiental, tal qual o Ministério do Meio Ambiente. Ao contrário, os primeiros passos para a criação de uma reserva extrativista devem ser dados pelos próprios extrativistas moradores da área, com o encaminhamento formal de um pedido ao Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais – CNPT -, à área do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – Ibama -, que responde por esse tipo de unidade de conservação[7].

No caso em questão – a Resex de Garopaba e Imbituba –, existem duas versões para o surgimento da idéia. Uma versão diz que a possibilidade foi aventada em um evento promovido pelo Fórum da Agenda 21 local da Lagoa de Ibiraquera, nos dias 12 e 13 de março de 2004, no salão paroquial de Campo D'Una, com a participação dos pescadores artesanais da região e palestrantes envolvidos com a pesca artesanal de outras comunidades pesqueiras. Já a outra versão diz que a idéia nasceu das palavras de uma professora paranaense em palestra em uma reunião do Fórum da Agenda 21, no salão paroquial de Ibiraquera, no ano 2002.

Maria Aparecida Ferreira, 43 anos, moradora nativa de Ibiraquera, atual presidente do Fórum da Agenda 21 Local de Ibiraquera e representante do estado de Santa Catarina na Comissão Nacional de Reservas Extrativistas Marinhas, contou detalhes da primeira versão:

> O primeiro evento que a gente viu de cara que iríamos fazer foi o da pesca artesanal, pela demanda muito forte dos pescadores dentro do Fórum, participando, muita participação dos pescadores, até hoje é assim. Tem plenárias do Fórum que só tem pescadores, não tem mais ninguém da comunidade, só os pescadores da Ibiraquera, do Capão, da Barra, do Arroio, do Campo D'Una, muitos, tem bastante pescadores dali, da Ressacada, ali da Limpa, tem muito, muito. O objetivo do encontro era: debater sobre a pesca artesanal e a sua escassez de pescado e as suas dificuldades de pescar e toda negatividade que tava acontecendo na pesca artesanal iria ser colocada naquele encontro. A gente viu a possibilidade de trazer alguns palestrantes-chave que nos ajudassem a iluminar caminhos, a pensar a realidade dentro dessas comunidades que já tinham sentido essa necessidade de ir em busca. Então veio o professor Diegues, de São Paulo, um mestre em pesca artesanal, um doutor em pesca artesanal do Brasil, veio o Hugo Diogo, representando a Agenda 21 Nacional, veio o Merico do Ibama, porque o pessoal pensava muito em fiscalização, normatização, então a gente pensou em trazer. Veio o pessoal Cepesul, o Cepesul é o órgão que faz

[6] O termo *outsiders* é usado em oposição a estabelecidos ou nativos, no sentido empregado por Elias e Scotson (2000) na obra: Os Estabelecidos e os *Outsiders*.

[7] Ibama – Criação de UCs: Reservas Extrativistas. Disponível em: <www.ibama.gov.br> Acesso em: 27 jan. 2010.

> todas as portarias que regimenta o recurso pesqueiro, do sul do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. Entra Rio de janeiro, entra tudo. São eles que fazem as normativas, inclusive essa normativa da Portaria da Tainha, que saiu agora, são eles quem fazem, que fazem o regimento. Até aí a gente não tinha utilizado o termo Resex, a gente ainda não tinha decidido; inclusive, nós estávamos pensando em uma possibilidade de solução pra pesca artesanal, pra proteger, pra dar uma ajuda aos pescadores pra eles não perderem mais da sua cultura da qual muito já tinham perdido, mas até então a gente não sabia.[8]

A idéia principal era de que os pescadores pudessem participar diretamente da gestão dos recursos. Em primeira instância, marinhos, já que estes se queixavam dos barcos de pesca profissional que se aproximavam muito da costa e capturavam o pescado, ou afugentavam os cardumes, dificultando o trabalho dos pescadores que, tradicionalmente, capturam tainhas e anchovas. Este encontro marca, portanto, o início do processo de sensibilização da comunidade relativamente à criação de uma reserva extrativista marinho-costeira.

Outra versão em relação à "paternidade/maternidade" da idéia de criar uma Resex nos municípios de Garopaba e Imbituba foi apresentada pelo professor aposentado Rui Carlos Marques de Barcelos, 64 anos, gaúcho de Porto Alegre, morador de Garopaba há quatorze anos, um dos fundadores do Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, seu primeiro vice-presidente, vindo a assumir, ainda na mesma gestão, a presidência do Fórum.

> No nascimento da idéia de transformar isso aqui em Resex eu estava presente. Foi numa reunião do Fórum da Agenda 21, do qual eu fui o primeiro presidente no sentido da palavra, porque, na verdade, fui eleito vice-presidente e o que aconteceu? O presidente dali dois meses se demitiu. Numa reunião lá no salão paroquial da Ibiraquera compareceu uma professora da Universidade Federal do Paraná, e ela, vendo aquela reunião de pescadores, sugeriu que o que caberia aqui era uma Resex, tu entendes? Aí o pessoal "o que é Resex? Ela então pegou o SNUC, que é o Sistema Nacional de Unidade de Conservação, e leu o que é uma Resex. O pessoal ficou entusiasmado e daí nasceu a idéia. Tanto que não foi o poder público. Tem gente que faz injustiça dizendo: Não! foi APA da Baleia, foram o fulano ou cicrano, certas pessoas. Eu digo, não; não foram essas pessoas. Foi uma professora que veio fazer uma pesquisa aqui no litoral de Santa Catarina e compareceu numa reunião do Fórum da Agenda 21 e lá ela deu a idéia que aqui podia ser transformado em Unidade de Conservação. O pessoal gostou da idéia e levou à frente.[9]

Lédio da Silveira, pescador nativo, presidente da Associação de Pescadores de Ibiraquera - Aspeci –, parece ter uma memória do início da discussão acerca da criação da Resex semelhante à do professor Rui Carlos Marques de Barcelos:

---

[8] FERREIRA. Maria. A. Imbituba/SC. Entrevista concedida a Rosiane Damazio, autora, em 24 abr. de 2010.
[9] BARCELOS, R. C. M. de. Garopaba. Entrevista concedida à autora em 8 jun. de 2010.

> A história da Resex começou numa reunião da Agenda 21 e depois nós fomos a Laguna e conhecemos a proposta de reserva para o Farol de Santa Marta e achamos a idéia muito boa e dissemos: se o processo é assim, nós vamos querer isso pra nossa área. E trouxemos a proposta pra cá.[10]

Apresento essas duas versões sem a pretensão de tomar partido. Na verdade, busco contextualizar o momento em que a idéia da Resex chegou aos ouvidos dos pescadores da região de Ibiraquera e considero importante que essas pequenas divergências sejam registradas.

De uma forma ou de outra, o que importa é que fora lançada a idéia da criação da Reserva Extrativista da Pesca Artesanal de Garopaba e Imbituba – Resex. Foi a presidente da APA da Baleia Franca – Maria Elizabeth Carvalho da Rocha - quem deu os primeiros encaminhamentos à proposta. Novas reuniões foram organizadas. O primeiro projeto foi encaminhado ao Ministério do Meio Ambiente. A partir de então, as reuniões passaram a acontecer nos ranchos de pesca da região e os representantes do ministério passaram a fazer o "levantamento das potencialidades da área": comunidade de pesca artesanal estabelecida e condições ambientais favoráveis.

Vale salientar que as entidades em questão: Agenda 21, APA da Baleia Franca e Aspeci não encontraram muita ressonância junto às autoridades locais, que optaram pelo não-envolvimento direto. Os pescadores, bem como os representantes das outras entidades, afirmam que convidavam as autoridades e os líderes de segmentos sociais organizados, além da população em geral, a participar das primeiras reuniões de discussão de viabilidade da Resex, que aconteceram nos ranchos de pesca, mas que não apareciam.[11]

> Eles dizem que nós fazíamos as reuniões escondidas, mas eu tenho tudo assinado, todos os convites que a ASPECI mandava para todas as entidades de Imbituba e Garopaba, pras Prefeituras e Câmaras de Vereadores. Nós pagamos mais de cem carros de som colocando "Projeto da Reserva Extrativista", venha para gente sentar e decidir agora, se não foram... eles diziam que isso nunca ia dar nada, que os pescadores não tinha força e agora eles tem que sentar conosco pra conversar, ou de um lado ou de outro. [12]

Abelardo Soares de Moraes, de 54 anos, pescador nativo e um dos principais líderes do movimento pró-Resex na comunidade de Campo D'Una, também confirmou que todos os eventos eram amplamente divulgados:

---

[10] SILVEIRA, L. da. Garopaba/SC. Entrevista concedida à autora em 23 jun. de 2010.
[11] Tive acesso a todos os ofícios enviados pela Aspeci aos diferentes segmentos sociais dos municípios de Garopaba e Imbituba. Em todas as cópias havia carimbo e assinatura do receptor.
[12] SILVEIRA, L. da. Ibid.

> Todas as reuniões que houve sobre a Resex nós mandamos convites pra todas as colônias, pras associações, pras prefeitura, câmara de vereadores, Epagre, pras escolas, associações de surfe e *kite* surfe. Para todos nós mandávamos o convite. Só não participou quem não quis. Vinha pessoas de outros lugares e as pessoas da comunidade não participavam.[13]

É recorrente ouvir-se dos que são contrários à Resex que as reuniões foram realizadas às escondidas. O vereador Jucélio de Souza Clementino, 42 anos, afirma: "Na verdade, quem tava à frente do poder público era convidado, só que essas reuniões sempre foram feitas em lugares estratégicos para que as pessoas não fossem na reunião; a grande maioria foi feita nos ranchos de canoa na praia. Então tirava as pessoas de participar." [14]

A partir de então, travou-se uma verdadeira luta entre segmentos favoráveis e contrários à Resex. De um lado, colocaram-se um pequeno grupo de pescadores artesanais e as entidades que os apóiam; de outro, o poder público dos dois municípios, além de empresários e da população local (dentre estes muitos pescadores), cooptada através de ideia difundida de que a Resex iria tomar as terras e os moradores seriam desapropriados.

Até o início do século 21, com exceção das igrejas, virtualmente inexistia, na região da Lagoa de Ibiraquera (Figura 3), outro tipo de associação social comunitária que agregasse interesses e representantes oriundos dos diversos grupos existentes. Porém, em 2002, esta situação começou a mudar. Foi criado o Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera. De acordo com Daniel Rosar (2007, p. 21), a "instituição foi constituída para servir como espaço de participação, onde a comunidade local, representada por suas instituições, deve definir os rumos para o ecodesenvolvimento".

Maria Aparecida Ferreira, atual presidente do Fórum, enfatiza a importância de a Agenda 21 agregar as comunidades do entorno da lagoa de Ibiraquera:

> A Agenda 21 veio com a proposta de dar algumas diretrizes pra gente tá lutando e uma das quais eu percebi que ia ser muito boa e muito positiva pra gente, pra nossa comunidade se unir. É que não iria ser só o Conselho Comunitário da Ibiraquera e que a Agenda 21 ia propor a união entre outras comunidades, não era só a Ibiraquera isolada como sempre. Ela ia fazer o elo dessas instituições todas e, dessa forma, não ia ser só a Ibiraquera que ia lutar pelas coisas.Ia ser a Grama, ia ser o Campo D'Una, e isso aconteceu mesmo, isso é legítimo. Hoje o Fórum da Agenda 21 envolveu, inclusive, até Garopaba, trazendo o pessoal do Capão. Então isso é que é legal. Não ficou mais só a Ibiraquera lutando pelas questões ambientais. Ficou todo mundo junto num mesmo patamar.[15]

---

[13] MORAES, Abelardo S. de. Garopaba/SC. Entrevista concedida à autora em 25 abr. de 2010.
[14] CLEMENTINO, Jucélio de S. Garopaba/SC. Entrevista concedida à autora em 23 mai. de 2010.
[15] FERREIRA. Maria. A. Ibid.

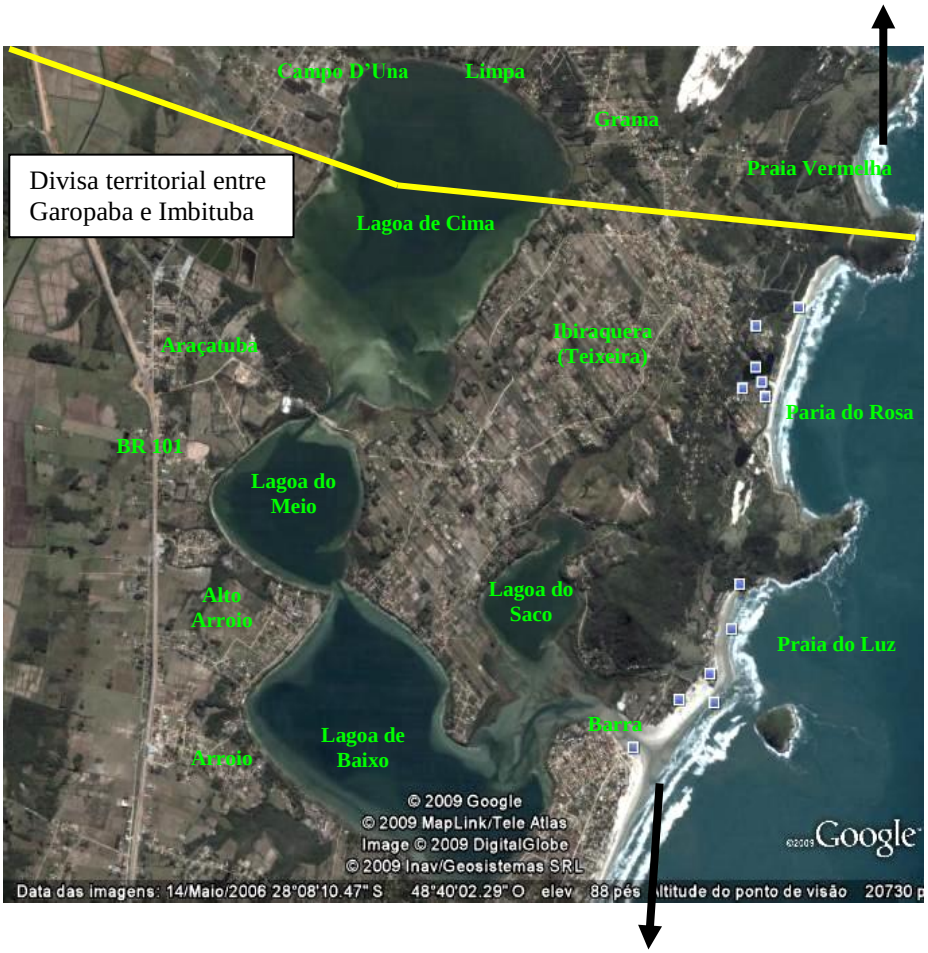

Figura 3: Vista geral da Lagoa de Ibiraquera
FONTE: Google Earth, 21 abr. de 2009, com organização da autora.

A implantação de tal fórum ocorreu devido ao envolvimento do Núcleo de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Catarina (NMD/UFSC), que mobilizou uma equipe diversificada de professores e estudantes. A idéia era de que para a promoção de um desenvolvimento adequado às condições ecológicas, culturais e sociais, para além das econômicas, era preciso a geração de inovações processadas pela comunidade organizada em uma instituição. Daniel Rosar (2007. p. 82) argumenta que, dessa forma, "privilegia-se a institucionalização das relações políticas. Isso significa a busca de um equilíbrio no capital político, procurando uma horizontalidade nas relações".

O primeiro passo da equipe da UFSC foi estabelecer relações com os moradores do lugar, conquistando, gradativamente, o interesse e a confiança dos nativos. Abertas as vias de comunicação, passaram a organizar reuniões com o objetivo de apresentar a proposta de

implantação de um Fórum da Agenda 21 em Ibiraquera. O Conselho Comunitário de Ibiraquera (Teixeira) mostrou-se receptivo à proposta, já que havia similaridades e convergências entre os interesses das duas instituições. Então, em março de 2002, teve início e estruturação do fórum. Os membros do NMD/UFSC ficaram com a incumbência de definir uma diretoria provisória e redigir o estatuto, como foi relatado por Daniel Rosar (2007):

> Após criarmos um modelo de estatuto e um organograma de funcionamento para o fórum, levamos a proposta, que passou por sucessivas reuniões durante quase um ano inteiro. [...] Ao final chegamos a um estatuto que foi aprovado em uma reunião plenária no final do mês de novembro de 2002. Nessa mesma reunião foi eleita uma diretoria que tinha como presidente alguém que fosse reconhecido, pelos presentes, como pertencente ao grupo dos nativos (ROSAR, 2007, p. 83).

É possível inferir que os pesquisadores da UFSC procuravam demonstrar que o Fórum da Agenda 21 era uma instituição pensada, organizada e dirigida por nativos, ou seja, pela população tradicional do entorno da Lagoa de Ibiraquera, mas Daniel Rosar (2007) deixa transparecer que as coisas não eram exatamente assim. Segundo ele:

> Neste processo de formação do Fórum, dois agentes, entre outros, foram fundamentais no que diz respeito à construção dos mecanismos burocráticos (o que aconteceu através do estatuto), ambos outsiders que vieram de Porto Alegre morar na região, e filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT). Um deles é um professor aposentado, com uma grande experiência de participação em movimentos sociais. Conhecedor dos trâmites burocráticos das instituições, foi quem mais se envolveu na criação institucional do Fórum. [...] Ficou como vice-presidente, e como o presidente acabou se afastando, assumiu o cargo pouco tempo depois. O outro outsider é um advogado que tem sistematicamente se recusado a participar da diretoria do Fórum. No entanto, dificilmente falta a reuniões ou eventos relacionados a ele, e sempre está bastante envolvido nos debates. Ele apresenta uma grande eloquência, e acaba dominando muitas discussões. Isso é aumentado por exercer a função de assessor jurídico do Fórum e de parte das instituições que dele participam (ROSAR, 2007, p. 84).

Entendo que o Fórum da Agenda 21 de Ibiraquera tem sua base cultural e social distinta dos nativos, mas seus mentores procuram demonstrar que as propostas nascem do anseio dos moradores tradicionais. Apesar disso, como se viu, são os *outsiders*, entre os quais os próprios pesquisadores da UFSC, que definem o lugar de cada "fio" nesse tecido social. Certamente já existiam nativos que se preocupavam com a questão ambiental, mas esta não era a regra. Maria Aparecida Ferreira diz ser uma dessas exceções:

> Desde pequena eu já tinha assim uma coisa muito incômoda dentro de mim no sentido de ver meu pai caçando animais, como lebres e tatus. Eu não achava isso certo. Quando as minhas irmãs vieram todas morar ali perto da lagoa, onde eu morava, já deu problema. Porque no começo era só eu que cuidava ali do beirado da

> lagoa. Eu limpava tudo, mas não se tocava em uma árvore; aquilo ali era cuidado. Eu observava que aquelas folhas caíam dentro da água; aquilo ali fazia uma decomposição; aquilo ali fazia parte do ciclo de vida da lagoa e por isso os nossos peixes, da lagoa de cima, eram saudáveis. Quando elas vieram morar ali, elas começaram com uma história de querer cortar as árvores pra ver a lagoa e aquilo já foi me incomodando um pouco. Daí, pra culminar com essa minha inquietação, veio o tal de criadouro de camarão. Eu já sabia que o conselho da comunidade era muito organizado e eu já me questionava por que eu não participava. Eu sabia e apoiava e tinha ido a algumas reuniões, quando eles chamaram e eu disse assim: é não tá certo. Nós cuidamos da nossa vidinha, cada um tem a sua vida, ah tudo muito legal, morar na Ibiraquera, ter esse paraíso como contexto de vida, mas ninguém quer fazer nada por ele. Isso é um absurdo. [16]

As mais importantes reuniões do Fórum da Agenda 21 são as plenárias, que ocorrem a cada dois meses, em locais alternados, procurando abranger todas as comunidades que compõem a região do entorno da Lagoa de Ibiraquera. Estes encontros são anunciados por carro de som, rádio e cartazes. Nessas reuniões, costumam aparecer moradores da região, tanto nativos como *outsiders*, convidados, pessoas de regiões próximas e um grande número de pesquisadores e estudantes de universidades, na sua maioria com alguma relação com o NMD. Aliás, a presença da equipe do NMD/UFSC é determinante para o funcionamento da instituição, o que, segundo Daniel Rosar (2007, p.84), é "sentido quando por diversos motivos nos afastamos um pouco do processo, e ele enfraquece".

Com a instalação de um criadouro de camarão - carcinicultura[17] - nas imediações da Lagoa de Cima, as reuniões do fórum passaram a focar sua inviabilidade ambiental, fomentando as discussões contrárias à sua implantação. Esta foi uma luta que envolveu os líderes locais e deu visibilidade ao fórum. Como consequência, a carcinicultura foi desativada e a proposta da Resex tornou-se realidade.

Maria Aparecida Ferreira salienta que o Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera atualmente já "anda com suas próprias pernas". Ela foi aos poucos tomando a frente e envolveu-se tanto que se tornou um "símbolo", uma referência nas lutas empreendidas em prol do meio ambiente em Garopaba e Imbituba. Defende que são as pessoas do lugar que devem tomar a frente nas decisões, já que essas vão afetar diretamente seu cotidiano. Foi neste sentido que falou acerca do papel desempenhado atualmente pelo grupo da UFSC dentro do Fórum:

---

[16] Idem.

[17] A carcinicultura consiste na criação de camarões em tanques. No caso de Araçatuba, os camarões são criados em açudes que utilizam a água da lagoa que, no final do ciclo da cultura, é devolvida à lagoa. Os moradores locais alegam que a água devolvida à lagoa vai repleta de resíduos que comprometiam a lagoa e a produção de pescados.

> A proposta de formar um Fórum da Agenda 21 da Lagoa da Ibiraquera foi uma proposta trazida pela UFSC. Agora, independente deles estarem aqui ou não, o fórum tá aí. O Conselho Comunitário já existia com a nossa organização e, infelizmente, talvez a gente não ia abranger todas as comunidades do entorno da Lagoa da Ibiraquera, como a gente abrangeu. Isso aí eu sei. Agora eles foram embora; agora não tem ninguém da universidade com nós, ninguém já há muito tempo, fazem dois anos, vai fazer dois e meio, vai fazer quase três e o fórum continua e só com as pessoas da comunidade. Tem uma menina do NMD que faz parte, mas ela faz parte porque ela quer fazer parte, não é a gente que quer que ela faça parte porque senão ia acabar. Inclusive são eles que não querem nos perder mais, porque eles também fazem a gente de banco de dados. É importantíssimo pra eles tá aqui dentro.[18]

Posso, de certa forma, inferir que o Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera é uma realidade, pois conseguiu conquistar um dos objetivos que inicialmente se propunha: a integração entre as comunidades do entorno das lagoas de Ibiraquera e Garopaba, através das instituições que as representam. O papel desempenhado pelos pesquisadores da UFSC foi decisivo no "ponta-pé" inicial, mas, de acordo com Maria Aparecida Ferreira, "é a força da comunidade local que vem mantendo a idéia viva". Para ela, "se hoje existem as discussões em torno da proposta da Resex é sinal de que valeu a pena. Mesmo que a Resex não saia do papel, já está provado que o meio ambiente se tornou uma preocupação real".[19]

O Fórum da Agenda 21 adota a metodologia do estabelecimento de Grupos de Trabalho (GT) da Pesca, da Saúde e do Turismo. O GT da Pesca foi o grupo de trabalho mais atuante, agregando principalmente os pescadores artesanais da região. Dentre seus anseios, surgiu a demanda da necessidade da criação de uma instituição que representasse efetivamente esses pescadores. Eles eram institucionalmente vinculados, e alguns ainda são, às colônias de pesca de Imbituba ou de Garopaba e reclamavam constantemente de que elas não os representavam de forma adequada. Fruto dessa discussão, "foi criada a Associação dos Pescadores de Ibiraquera, sendo que após isso os assuntos do grupo passaram a ser tratados pela associação", diz Daniel Rosar (2007, p. 8).

Maria Aparecida Ferreira também lembra o processo de transformação do GP da Pesca em Aspeci:

> O GP da Pesca foi um dos mais fortes constituídos dentro do fórum, já por causa do anseio dos pescadores de quererem fazer alguma coisa pra se proteger e não tinham mais pra onde correr. Eles queriam se proteger da pesca predatória, do turismo desordenado de massa, que vem pegando esses locais, deixando eles, inclusive, sem condições de chegar aos seus locais de pesca, como no caso do conflito da Gerdau na Praia Vermelha. As datas de pescaria, isso foi fazendo com que eles buscassem

[18] Idem.
[19] Idem.

> apoio no Fórum da Agenda 21, da qual o Fórum deu todo apoio. Na época eu era presidente. Depois eles formaram a Aspeci.[20]

Lédio da Silveira forneceu uma apresentação em *Power Point*, produzida para ser apresentada em uma reunião da Agenda 21, que resume histórico, atuação e prioridades da Aspeci. A apresentação se abre informando que "A Aspeci é uma Associação de Pescadores sem vínculo político partidário e sem fins lucrativos". Explica que "se originou de uma conversa entre pescadores no Rancho de Pesca do Porto Novo e foi formalmente fundada em 2003 e atualmente conta com 290 pescadores associados". Indica ainda que a Aspeci "conta com o apoio do Fórum da Agenda 21 da Lagoa de Ibiraquera, do Conselho Comunitário de Ibiraquera, da APA da Baleia Franca e do – Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul - Cepsul - Ibama -, dentre outras entidades", tendo por finalidades:

> Congregar e sensibilizar os pescadores das comunidades de sua área de abrangência; defender os interesses dos pescadores; desenvolver atividades ligadas à pesca nas lagoas e no mar; participar ativamente da abertura das barras e elaborar e desenvolver programas nas áreas educacional, comunitária, ecológica, esportiva, beneficente, social e cultural.[21]

A área de abrangência da Aspeci engloba "desde o Arroio – Imbituba até Capão – Garopaba". As prioridades atuais e futuras da associação são: "a fiscalização no mar e nas lagoas; o cadastramento de pescadores; o fornecimento de carteiras de pesca aos associados e a construção de uma sede". Quanto aos problemas para cuja solução a associação já atuou, cita:

> As construções irregulares nas áreas de marinha; a retirada predatória de sementes de mariscos nos costões; o lixo e o saneamento básico nas comunidades; a regularização da pesca da tainha em relação ao surf (sistema de bandeiras); o embargo da fazenda de camarões Lagamar e a abertura do acesso a Praia Vermelha e ao Portinho.[22]

Maria Elizabeth Carvalho da Rocha, presidente da Área de Proteção Ambiental - APA - da Baleia Franca, fez a seguinte afirmação a respeito das lutas empreendidas pela agenda 21 da Lagoa da Ibiraquera, destacando o que, segundo ela, é a maior das conquistas:

---

[20] Idem.
[21] SILVEIRA, Lédio da. Apresentação de *slides* elaborada pela Aspeci.
[22] Idem.

> Pra mim, todo o trabalho realizado pela Agenda 21 da Lagoa de Ibiraquera foi recompensado com a formação e atuação da Associação de Pescadores [Aspeci] na luta pela Resex. A participação dos pescadores nas reuniões do Fórum foi decisiva para que tomassem consciência de seu papel dentro da comunidade e que passassem a se ver de outra forma, ver quanto valor têm e o quanto podem fazer pelo lugar em que vivemos. Se a Resex não se concretizar não tem problema, pois o prêmio maior nós já conquistamos, que é o autorreconhecimento dos pescadores como seres humanos e profissionais valorosos, capazes.[23]

A manutenção dos costumes da população tradicional está cada vez mais difícil. A conjunção de turistas e novos moradores, ávidos por explorar as belezas naturais, estimulou a especulação imobiliária, descaracterizando continuamente o modo de vida até então seguido na pesca e na agricultura de subsistência. Mas, conforme colocou Homi Bhabha (1998), nesse caldeirão multicultural sempre existem "pedaços teimosos de cultura" que insistem em vir à tona. Assim, a pequena comunidade de pescadores artesanais insiste em manter seus costumes, lutando pela preservação de sua tradição em meio ao emaranhado cultural que envolve o empreendedorismo turístico.

Este esforço dos pescadores em não perder os laços com a segurança do passado tradicional pode ser considerada uma "invenção da tradição", já que a tradição "inventada", de acordo com Hobsbawm (1984, p. 9), tenta, sempre que possível, "estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado". Ou seja, pode ser entendida como um conjunto de práticas reguladas por regras de natureza ritual ou simbólica, aceitas pelo grupo, que visam a sugerir certos valores e normas de comportamento a partir da repetição, "implicando uma continuidade em relação ao passado. Na medida em que as práticas passam a ser um hábito, a partir da repetição, resgata-se um passado histórico ao qual tais práticas fazem referência".

Hobsbawm (1984, p.12-13) acredita na importância da invenção das tradições quando uma alteração rápida da sociedade enfraquece ou destrói os padrões sociais orientados pelas antigas tradições, produzindo novos modelos com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e flexibilidade ou quando são eliminadas de outras formas. Ou seja, novas tradições são inventadas quando as "transformações são suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta".

---

[23] Informação oral de Maria Elizabeth Carvalho da Rocha enquanto conversávamos em um almoço de domingo na residência do pescador Antonio Raquel, no bairro Grama, em junho de 2009.

A população tradicional de pescadores, cada vez mais pressionada pelas atividades turísticas e pelos conflitos por elas gerados, procurou apoio junto ao Fórum da Agenda 21 Local de Ibiraquera para que, em parceria, encontrassem uma saída para o problema. Diversas reuniões aconteceram; debates foram realizados. A Aspeci se fortaleceu e tornou-se uma instituição legítima a representar os pescadores artesanais. Como resultado desse "encontro", dessa convergência de anseios em relação à manutenção do patrimônio natural e cultural da região, foi encaminhada a proposta da Reserva Extrativista de Garopaba e Imbituba ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio -, órgão responsável pela criação de unidades de conservação.

A Agenda 21 de Ibiraquera e, mais tarde, a Aspeci contaram com outra instituição importante na luta pelo encaminhamento do processo formal de solicitação da Resex junto ao Ministério do Meio Ambiente: a APA da Baleia Franca, gerenciado por Maria Elizabeth Carvalho da Rocha, estrangeira[24]. Os políticos locais vêem sua presença nos acontecimentos locais como uma intromissão, pois em Garopaba, em geral, o PT é visto com certa antipatia e, sobretudo, como coisa de gaúcho.

De fato, o diretório do PT em Garopaba é constituído por pessoas que vieram de outros lugares do País, na sua maioria do Rio Grande do Sul, e que adotaram o município de Garopaba para viver. Organizado no município na década de 1990, o partido não tem alcançado números significativos nos pleitos eleitorais e jamais elegeu sequer um vereador. Em 2000, o farmacêutico Silvio Lopes da Silva, paranaense, radicado na cidade, recebeu 3% dos votos para prefeito, mesmo desempenho obtido pelo professor aposentado de Educação Física, gaúcho[25], Rui Carlos Marques de Barcelos, candidato a prefeito em 2004. No último pleito municipal (2008), o PT não lançou candidatos e não apoiou publicamente nenhum candidato.

A antipatia do poder público garopabense por Maria Elizabeth Carvalho da Rocha gerou um acontecimento, no mínimo, curioso. A Câmara de Vereadores de Garopaba emitiu uma moção de repúdio a essa senhora, pela qual a considera *"Persona non Grata"* (Anexo 1). Tal moção abriu um precedente na casa, já que nunca na história do município outra pessoa fora assim considerada.

---

[24] Mora em Garopaba há cerca de 20 anos, viúva de Olívio Lamas, um dos fotógrafos oficiais da campanha presidencial de Lula em 2006, filiado de longa data ao Partido dos Trabalhadores (PT) e um dos fundadores do diretório da sigla em Garopaba.

[25] Quanto utilizo o termo gaúcho, refiro-me a pessoas que nasceram no Rio Grande do Sul e passaram a frequentar Ibiraquera e Garopaba ou a viver na região.

Em entrevista publicada no sítio *garopabaonline*, Maria Elizabeth disse não se ter abalado com a moção; diz somente ser lamentável e equivocada tal posição da Câmara de Vereadores de Garopaba:

> É um equívoco lamentável. Estou executando uma política pública federal para o meio ambiente e uma política nacional para populações tradicionais, nada mais que isso. Quem a ataca está de fato atacando o governo federal e o Estado brasileiro. O que a APA fez foi representar o Ministério do Meio Ambiente neste processo, até por ser a unidade federal mais próxima da área pretendida para a Resex. Mas, vindo de quem vem, pode ser entendido como um elogio, um atestado de que o processo foi conduzido com lisura pelo Ministério, Instituto Chico Mendes e pela APA da Baleia Franca.[26]

Em contrapartida, se diz bastante incomodada com os argumentos utilizados na moção, em que é acusada de "manipular minorias" e "não-pescadores". Questiona também o que é citado no documento como maioria:

> É um desrespeito com mestres de pesca e pescadores que estão neste processo de discussão há cinco anos e não são nada manipuláveis. São muito conscientes do colapso da pesca artesanal, que, aliás, ninguém pode negar. Todos eles são pessoas que fazem parte da identidade e tradição da região, além de grandes atrações turísticas. Senão vejamos a suposta maioria: é formada por pequenos segmentos com interesses bem claros, muito definidos, muito diversos, além de uma massa de desinformados.[27]

A troca de farpas e acusações foi constante no confronto em torno da Resex. Se, por um lado, políticos e empresários acusam os ambientalistas de manipular um pequeno grupo de pescadores, por outro, segmentos ligados à preservação ambiental acusam as autoridades locais de não se preocuparem com a conservação da natureza e só pensarem em explorar o turismo sem garantir a manutenção do objeto turístico, ou seja, o meio ambiente.

O Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, a Aspeci e a APA da Baleia Franca são as instituições que defendem que a região do entorno das lagoas de Ibiraquera e Garopaba seja transformada em reserva extrativista de pesca artesanal. Para estes segmentos, a região em questão possui as características exigidas pelo Ministério do Meio Ambiente para que uma área seja transformada em reserva ambiental. Tais características são: população legítima extrativista organizada, que extrai produtos pesqueiros, e área ecologicamente representativa com os ecossistemas preservados. Alegam que somente as lagoas e uma faixa

---

[26] SARAIVA, Sergio. **Projeto de Resex define novos limites para a área de amortecimento. Disponível em:** <http://www.garopabaonline.com.br/cn_notgrb/notgrb_principal.php?codigo=196 23/04/20>. Acesso em: 13 mai. 2010.

[27] Idem.

de cinco milhas do mar serão encampadas. “O projeto oficial de RESEX que trabalhamos e deve chegar às mãos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva não mexe com terrenos, construções ou atividades turísticas”, garante Maria Elizabeth Carvalho da Rocha.[28]

Outros segmentos sociais, porém, vêem a criação da Resex com ressalva e desconfiança, organizando, a bem dizer, a resistência. São as autoridades municipais, a maioria dos pescadores associados às colônias de pesca, construtores, empresários e grande parcela da população local, como se pôde presenciar na Consulta Pública realizada em 19 de dezembro de 2007, na comunidade de Campo D’Una – Garopaba. Estes segmentos argumentam, dentre outras coisas:

> Os prejuízos pra Imbituba e Garopaba serão muitos. Na verdade, as Resex surgiram no Amazonas pra proteger áreas em que realmente a população vive do extrativismo simples, tradicional, o que não é o caso de Imbituba e Garopaba. Se tu fizeres uma pesquisa em Ibiraquera, tanto na parte de Imbituba quanto na de Garopaba, sobre quem vive da pesca artesanal, tu verás que ninguém vive só da pesca. Tem um filho trabalhando fora, na construção civil,;tem outros que trabalham em pousadas, bares ou casas noturnas. Não tem ninguém só na pesca. Se deixar o mar e a lagoa só pra pesca, tu vai acabar com o turismo, com as pousadas, restaurantes que hoje são a maior fonte de renda da região. Eu tenho convicção de que uma vez implantada, a Resex será o fim econômico daquela área. Pode ser que a preservação ambiental aconteça melhor que hoje, mas economicamente falando, o desenvolvimento da região, pras pessoas, vai ser terrível.[29]

As palavras do vereador imbitubense Cristiano de Oliveira Lopes, 32 anos, representante do Partido Democratas (DEM), deixam clara a posição das autoridades locais: em Garopaba e Imbituba não cabe uma reserva extrativista. Para ele, as reservas extrativistas atendem à demanda de uma população realmente extrativista, que tira da natureza seu meio de sobrevivência, o que não é o caso da área em questão, ou seja, esse tipo de unidade de conservação, se aplicada na região, irá travar o desenvolvimento do turismo e trazer sérios prejuízos à economia local.

A idéia de que as reservas extrativistas atendem a uma demanda específica do norte do Brasil, associando-as às lutas do seringueiro Chico Mendes pela preservação das florestas, mais especificamente dos seringais, tornou-se lugar-comum e transita por diferentes esferas sociais. De fato, como indicou Marcos Fábio Freire Montysuma, em sua tese de doutorado, a idealização de um “homem preservacionista” teve sua construção histórica nos seringais da floresta amazônica.

---

[28] Idem.

[29] OLIVEIRA, C. L. de. Vereador dos Democratas (DEM), presidente da Câmara Municipal de Imbituba.Entrevista concedida à autora em 24 mai. de 2010, na Câmara de Vereadores de Imbituba/SC.

> Entendo que todo ritual de busca de braços, necessários ao trabalho e a respectiva construção de sua adaptação ao sistema da região constituíram possibilidades de forjar o homem preservacionista, "cujo parâmetro é o extrativista seringueiro da Amazônia brasileira, com posturas e moldes almejados pelos ambientalistas contemporâneos", que não surgiu de uma hora para outra, nem é uma invenção da mídia. Fez-se historicamente, no decorrer de múltiplas experiências e relações de trabalho e de luta, no contexto de subsistência na floresta relacionando-se com seus habitantes, seres e entidades. Aquele que para organismos e governos tornou-se portador de comportamento equilibrado no meio em que vive, foi construído historicamente, a partir do contato das culturas indígenas e nordestinas, que no ambiente dos seringais encontraram condições propicias para sua constituição e desenvolvimento. [Porém] por mais paradoxal que pareça, que se ignore ou que não se tenha percebido, fez-se na composição de relações econômicas, sociais e de trabalho bastante rígidas e fechadas, pois visavam simplesmente assegurar altos índices de produtividade e lucro aos patrões (MONTYSUMA, 2003. p. 27).

Montysuma ressalta que aprender as "manhas" da floresta não foi tarefa fácil nem tampouco rápida. Os nordestinos que chegavam à floresta amazônica, chamados de "brabos" pelos senhores da borracha, sofriam um processo doloroso de adaptação. Para manter a produtividade e assegurar lucro aos patrões a floresta, era preciso manter o equilíbrio, ou seja, não foi com o intuito primeiro de preservação que se forjou o homem preservacionista; na verdade, o objetivo, a princípio, embora pareça paradoxal, foi o lucro.

Estes homens simples aprenderam na lida diária que a natureza demanda certos cuidados para manter-se apta a produzir. Ainda que no litoral sul-brasileiro os caminhos para o aprendizado da necessidade de preservação ambiental venham sendo motivados por outros fatores, o resultado, de certa forma, coincide: os pescadores artesanais engajados com as causas ambientais sabem que, para manter a produtividade de pescado, tanto o mar quanto as lagoas dependem de um conjunto de cuidados.

Cabe assinalar que o conflito em torno da Resex engloba uma gama eclética de sujeitos que redesenham suas relações e estabelecem alianças. Constitui-se em um jogo de interesses que tem como pano de fundo, inegavelmente, o fator econômico. Para muitas pessoas, as "questões ambientais continuam a ser vistas como obstáculo ao crescimento econômico e, por implicação, como um fator de agravamento da retração do mercado de trabalho", de acordo com Agripa Farias Alexandre (2003, p. 27).

Para a criação de uma unidade de conservação do tipo reserva extrativista, é necessário que sejam cumpridas algumas etapas. Primeiramente, é preciso que sejam recolhidas assinaturas, na forma de "abaixo-assinado". Esta etapa ficou sob responsabilidade dos membros da Aspeci que, rapidamente, obtiveram o total de nomes necessários, muito embora fosse preciso que a composição da listagem contemplasse todos os segmentos sociais. É Maria Aparecida Ferreira, 43 anos, moradora nativa de Ibiraquera, atual presidente do Fórum

da Agenda 21 Local de Ibiraquera, além de representante de Santa Catarina na Comissão Nacional de Reservas Extrativistas Marinhas, quem explica essa fase do processo:

> Nós fomos a um evento em Laguna. Queríamos entender melhor o que era a Resex. Nesse dia, os pescadores já ficaram tão apaixonados pela proposta que queriam entrar na proposta deles, de Laguna. Queriam que puxasse da Laguna e viesse até aqui. Então, o Alexandre Cordeiro[30] falou: não, não pode ser assim, a demanda tem que ser de vocês. São municípios diferentes. É outro estudo, não dá pra ser assim. Vocês encaminham o pedido e a gente vem fazer a vistoria. Se vocês estiverem, realmente, sendo ameaçados, se vocês, realmente, têm lugares que ainda não são poluídos, que são limpos pra pesca, se vocês realmente tiverem ranchos de pesca, sobreviverem da pesca da tainha tradicional a gente abre, sim, a possibilidade de vocês também terem o processo de vocês, mas isso tem que ser uma demanda de vocês. De quantas assinaturas precisamos? Ah! Umas cinqüenta, sessenta assinaturas a gente já abre o processo. Na época, foi quase cento e poucas assinaturas que a gente conseguiu, envolvendo toda a área do fórum. Muitos estudantes, muitos pescadores assinaram porque era a população em geral, era a demanda geral. Sempre que pedíamos assinaturas explicávamos que era porque estávamos vendo que a pesca artesanal ameaçada e todos aceitavam a justificativa do pedido, nunca ninguém disse: Ah! Não, nos não temos pesca. Ah! Nós não queremos proteger a pesca artesanal. Pelo contrário: sempre que falávamos pros pescadores da possibilidade, eles perguntavam: Isso vai demorar muito?[31]

Maria Aparecida Ferreira explica, portanto, que ao participarem de um evento de pescadores artesanais, em Laguna, sul do estado de Santa Catarina, os pescadores de Ibiraquera conheceram a proposta, já em andamento, de uma reserva extrativista a ser implantada no Farol de Santa Marta, no mesmo município de Laguna. Os pescadores ficaram entusiasmados com a idéia, aventando, inclusive, a possibilidade de a Resex de Laguna encampar áreas dos municípios de Garopaba e Imbituba. Foram, porém, alertados pelo coordenador do Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais – CNPT - do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – Ibama -, Alexandre Cordeiro, que deveriam ter uma demanda própria, ou seja, era preciso que a população de Ibiraquera se mostrasse interessada em integrar-se a uma reserva extrativista.

Além disso, como dito anteriormente, seria necessário que os pescadores elaborassem um abaixo-assinado e providenciassem a assinatura de cinquenta a setenta pessoas moradoras da região. O documento foi prontamente elaborado e assinado pelos interessados em viabilizar o encaminhamento ao CNTP – Ibama -, de uma proposta de reserva extrativista para o entorno das lagoas de Garopaba e Ibiraquera. Depois de recolhidas as assinaturas, foi redigido outro documento, em nome da Aspeci, solicitando a abertura do processo de criação da Reserva Extrativista de Garopaba e Imbituba junto ao Ministério do Meio Ambiente.

---

[30] Coordenador do Centro Nacional de Populações Tradicionais – CNTP - do Ibama.
[31] FERREIRA. Maria. A. Ibid.

De posse da solicitação, o Ministério do Meio Ambiente deu-lhe os devidos encaminhamentos, repassando-o, então, ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio -, para que este verificasse, inicialmente, a existência de uma demanda que justificasse tal pedido.

> Quem veio fazer a vistoria foi o ICMBio, na pessoa do Alexandre Cordeiro, coordenador do CNPT [Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais], que realmente é a pessoa que faz as vistorias. Com ele vieram sociólogos, antropólogos e juntamente com a comunidade e pescadores fizeram uma vistoria em todos os ranchos. Fizeram questionários, desde a Praia do Luz até a Barra do Capão. Eles vieram, ficaram apaixonados e disseram: Sim, vocês têm o direito de abrir um processo de pedido de uma proteção para a pesca artesanal aqui. [32]

Maria Aparecida Ferreira utiliza a expressão "ficaram apaixonadas" para se referir à reação que os membros de ICMBio tiveram perante a situação verificada nos ranchos de pesca localizados desde a Barra de Ibiraquera, em Imbituba, até a Praia da Silveira, em Garopaba. De fato, nesses ranchos existe um clima bucólico, que remete a um passado distante, deslocado do Tempo Presente. Quem conhece os ranchos de pesca e os pescadores é capaz de se convencer de que essa é uma região extrativista, povoada por pessoas simples, que se organizaram para defender o maior interesse local: a manutenção da pesca artesanal.

Porém, as visitas do grupo de estudos do ICMBio aconteceram durante a temporada de pesca da tainha, ou seja, no inverno. Essa época do ano é de fato pouco movimentada e as praias são frequentadas praticamente por pescadores, alguns turistas interessados em conferir o trabalho artesanal e/ou comprar peixe fresco e alguns surfistas que tentam negociar com os pescadores uma oportunidade de surfar. Em outras palavras: o reconhecimento das potencialidades locais que viabilizaram a abertura de processo da Resex de Garopaba e Imbituba foi realizado sem considerar que na temporada de verão o lugar se transforma, abrigando desde um grande número de turistas até pessoas atraídas por empregos temporários, além de vendedores ambulantes.

No entanto, conforme indicam pessoas como Maria Aparecida Ferreira, Lédio da Silveira e Elizabeth Carvalho da Rocha, o processo de reconhecimento, "aconteceu de maneira transparente; só não participou quem não se interessou". Foi durante as oitivas - reuniões nos ranchos de pesca - que os estudos para avaliar a viabilidade da área como propícia a ser transformada em Resex se efetivaram. O roteiro para criação de uma Resex

[32] Idem.

exige, dentre outras coisas, que se faça uma vistoria na área em questão. De acordo com o Ibama -, essa vistoria objetiva conhecer:

> • A situação demográfica e as tradições culturais das populações. Nesta ocasião serão feitas reuniões com os moradores para sentir o nível de consciência do problema, as propostas de solução e o grau de organização;
> • O uso dos recursos naturais: ocupação principal da população e fontes de renda. Quantidade dos produtos extraídos e preços obtidos. Potencial de exploração futura;
> • A existência de atividades não extrativistas na área: fazendas, madeireiras, comércio, indústria, etc.;
> • A situação fundiária da área;
> • A infraestrutura existente: transporte, educação, saúde, comunicação, habitação, etc.
> O aspecto principal a ser analisado durante a vistoria é a existência das condições exigidas para a criação de Reservas Extrativistas segundo o Decreto N° 98.897 de 30/01/90:
> Art. 1°. Existência de população extrativista e possibilidade de exploração auto-sustentável, conservando os recursos naturais renováveis.
> Art. 2°. Existência de interesse ecológico e social sobre o espaço territorial proposto para a reserva.[33]

Numa análise dos objetivos propostos pelo ICMBio para avaliar se uma área está apta a transformar-se em Resex, percebe-se serem decisivas a existência de população extrativista e as possibilidades da exploração autossustentável dos recursos naturais, bem como o interesse da demanda social. Realmente, existem pescadores artesanais, mas essa não é a única nem a maior fonte de renda. Dito de outra forma, os pescadores artesanais de Garopaba e Imbituba têm no pescado um complemento para a renda familiar.

Depois da realização dos estudos por parte do ICMBio junto à comunidade pesqueira da região, a próxima etapa a ser cumprida no processo de implantação da Resex de Garopaba e Imbituba foi a realização de consultas públicas nos dois municípios.

Em junho de 2007, foi feita a primeira consulta no bairro Campo D'Una, nas dependências do *Star Club*. Foi justamente a partir desse evento que começaram a surgir os adesivos "RESEX NÃO". Até então não havia nenhuma manifestação contrária. Para Maria Aparecida Ferreira, presidente do Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, "foi aí que começou a confusão, o conflito, as discordâncias e lutas":

> Começamos a fazer toda uma explicação nas comunidades sobre o que era uma reserva extrativista, sem polêmica nenhuma, tanto que a gente foi no salão do Campo D'Una, no *Star Club*, naquela primeira Consulta Pública bem tranquilos.

[33] ROTEIRO para Criação e Legalização das Reservas Extrativistas. Disponível em: < http://www.ibama.gov.br/resex/textos/c3.htm>. Acesso em: 16 set. 2009.

> Naquele dia a polêmica começou. Nós descobrimos que o Dedê[34], presidente da AMOCAD [Associação de Moradores de Campo D'Una], que era registrada no Fórum da Agenda 21, iria distribuir uma carta contra a Resex. Esse cara tá maluco! Mas como é que pode? Nós fomos chamados pelo Abelardo pra explicar pro pessoal do Campo D'Una o que era a Resex, por que tava uma loucura no Campo D'Una. Então, essa história da Resex começou assim e dessa época a gente já começou a ter conflitos. O Jucélio foi pra rádio de Garopaba, fez um estardalhaço e os prefeitos já começaram a se movimentar contra.[35]

De acordo com Maria Aparecida Ferreira, até a consulta pública de junho de 2007 não havia conflitos em torno do processo da Resex. Bastou que o vereador garopabense, Jucélio de Souza Clementino, 42 anos, representante do Partido Progressista – PP -, começasse a questionar a proposta para que se instaurasse a polêmica. O próprio, no pleito eleitoral de 2004, já se havia envolvido em uma grande polêmica: eleito pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB - trocou de partido no dia da posse, em 1º de janeiro de 2005, passando a fazer parte do PP, partido que havia vencido a eleição para prefeito. Foi acusado de traidor pelo PMDB (sua antiga sigla), já que fez sua campanha com apoio do partido e se aliou ao novo prefeito, garantindo-lhe maioria na câmara municipal.

Jucélio de Souza Clementino diz que entrou na política a pedido da comunidade e por já exercer uma forte liderança comunitária:

> Eu trabalhei durante duas eleições pra dois candidatos a vereador e fui presidente do time de futebol do Siriú durante seis, sete anos e fui presidente da Associação de Moradores também. Daí as pessoas me convidaram, insistiram e por insistência e por liderar a comunidade eu entrei.[36]

O vereador Jucélio de Souza Clementino também é conhecido por sua luta contra os limites do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (Anexo 2). Diz que acabou se envolvendo na luta contra a Resex justamente por sua experiência na causa do parque:

> Eu me envolvi com isso por causa da Serra do Tabuleiro. Começou um conflito porque as pessoas, quando o parque foi criado, acharam que não tinha problema. Só que nos últimos anos não podia ligar mais energia e os limites do parque vinham até ali no Morongo [Morrinhos]. Pegava aquelas dunas tudo e vinha até ali no Siriú, no Macacu e na Gamboa. As pessoas começaram a ser processadas. Então começou esse conflito.A gente viu pessoas sendo trazidas pro Fórum, pessoas com 70 anos, que nunca tinham vindo numa delegacia e ficaram com vergonha que nem vinham mais na igreja do Siriú. Foram processadas porque estavam botando fogo numa rocinha. Eles têm que ser reeducados e eu não estou dizendo que é certo, mas as

---

[34] Dedê, em 2007, era presidente da Associação de Moradores de Campo D'Una – AMOCAD. Foi candidato a vereador nos pleitos de 2000 e 2004, defendendo a bandeira do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB. Em ambas as tentativas não conseguiu se eleger.

[35] FERREIRA. Maria. A. Ibid.

[36] CLEMENTINO, Jucélio. de S. Ibid.

> pessoas não têm noção de que não é certo e essas pessoas começaram a ser processadas, começaram a pagar um preço por uma coisa que eles não tinham conhecimento. Mas como? Se eu estou aqui há 70 anos, eu sempre vivi dessa roça. Por que que eu não posso mais? Aí, andando nessas reuniões, a gente fez um movimento e conseguiu pessoas que ajudaram. Contratamos uma empresa pra fazer um projeto do novo limite do parque - a gente que eu digo são as lideranças comunitárias - e daí buscamos apoio.[37]

A experiência com a questão ambiental fez com que o vereador Jucélio de Souza Clementino se tornasse ícone da resistência à Resex. Ele mesmo tem consciência do papel decisivo que desempenhou no sentido de mobilizar autoridades e população em geral para dizer não à proposta de Resex: "Eu fui numa reunião na Ibiraquera, no salão da igreja e se deu um conflito. Portanto, eu provoquei a realização da consulta pública de junho de 2007 no Campo D'Una" [38].

Recentemente, o vereador esteve envolvido em outra polêmica, desta feita estendida à Justiça. Ele foi flagrado propondo suborno ao atual prefeito de Garopaba, Luiz Carlos Luiz. A reportagem do Diário Catarinense de 20 de junho de 2009, intitulada "Vídeo mostra suposta tentativa de suborno: vereador teria oferecido setecentos mil reais ao prefeito de Garopaba para que fosse direcionado edital de licitação", resume o episódio:

> O objetivo seria direcionar o edital de concorrência para concessão de serviços públicos de abastecimento de água e esgotamento sanitário no município. A conversa do prefeito – chamado popularmente de Luiz Nestor – com o vereador Jucélio de Souza Clementino (PP) ocorreu em 2008. De acordo com Nestor, o encontro ocorreu 12 dias depois da eleição municipal. A gravação mostra que o prefeito teria recebido uma oferta de R$ 700 mil por parte de Jucélio. Na gravação encaminhada ao MP e à Polícia, o vereador não indica quem pagaria o dinheiro, mas diz que o valor seria só para o prefeito, e que este poderia conseguir "um pouco meio já". O vereador diz que a empresa que estaria interessada na licitação – segundo ele, a Cibe Participações – "é a empresa que vai tomar conta de Santa Catarina" na área de abastecimento. No final da gravação, afirma que agradeceria se recebesse "R$ 50 (mil)" de Nestor. [...] O que diz o vereador Jucélio de Souza Clementino: O vereador Jucélio de Souza Clementino afirma que a gravação é um "terrorismo" do prefeito Luiz Nestor. Procurado na tarde de ontem, o parlamentar afirma que foi manipulado por Nestor durante a conversa. Não tem nada, não existe nada. É tudo terrorismo dele. Já fez isso na eleição: gravou a primeira-dama, vereador sem autorização da Justiça e colocou na internet. Anda filmando tudo para intimidar a oposição. Quem faz contrato é o Executivo, não é vereador. Quem faz contrato sem licitação é ele, como estamos denunciando – disse, por telefone. [39]

O prefeito Luiz, antigo aliado de Clementino no PMDB, gravou a conversa com uma "caneta espiã" e encaminhou o vídeo à Promotoria Pública. O vídeo também foi veiculado

---

[37] Idem.
[38] Idem.
[39] DIARIO Catarinense, 20 jun. de 2009.

pela televisão e pelo portal da *internet you tube*. Realizei a entrevista com o vereador Jucélio de Souza Clementino pouco tempo depois de esse episódio ter vindo a público, o que deve ter contribuído para tornar nossa conversa um tanto burocrática.

Voltando à questão da Resex, outra consulta pública foi realizada também em Garopaba, novamente no bairro Campo D'Una, na data de 19 de dezembro de 2008, como anteriormente citado. Por volta das dezesseis horas, um carro de som conclamava a população a participar de uma audiência pública sobre a Resex: "Venha dizer não à Resex", anunciavam os megafones. A audiência era para as dezoito horas daquele mesmo dia.

As informações repassadas aos moradores da região não condiziam com a pauta da reunião. O carro de som anunciou durante a tarde que haveria uma votação para decidir sobre a implantação ou não da reserva, conclamando a comunidade a votar "não". Porém, as autoridades do Ministério do Meio Ambiente enfatizaram que esta era a segunda que realizavam na região e que não havia previsão de uma demanda tão grande, já que na consulta anterior[40], também em Campo D'Una, tinha havido pouca participação. Deixou claro que não haveria votação, que fariam a apresentação do projeto da Resex e que todas as reivindicações seriam encaminhadas ao Ministério do Meio Ambiente.

Entendi que os segmentos contrários à Resex utilizaram como estratégia para atrair a comunidade ao evento a possibilidade de votação. Além disso, as pessoas eram recebidas por empresários e vereadores que lhes entregavam uma camiseta com o *slogan* da campanha contrária à Resex. Na frente lia-se: RESEX NÃO. Nas costas: NATUREZA SIM RESEX NÃO[41]. Eles ainda distribuíam um panfleto (Anexo 3) com o mapa da área de abrangência da reserva e uma reportagem em que a Resex de Canavieiras, na Bahia, era apresentada como entrave ao desenvolvimento do turismo naquela localidade. Além disso, eram distribuídas camisetas.

Segundo o empresário Maro Odi de Souza, 49 anos, nativo, dono de uma pousada na Praia do Rosa e uma das lideranças contrárias à Resex, o material impresso, as camisetas e os ônibus utilizados nas consultas públicas foram patrocinados por empresários de Imbituba e Garopaba.

> Aí tivemos apoio de empresários. Eu acho que empresas, eu não participei, não era eu que corria atrás dessa parte, doaram camisetas como o Nivaldo. A Mormaii deu ônibus, mas no caso eles não davam dinheiro, mas contratavam. Por exemplo, o

[40] Essa Consulta Pública aconteceu no *Star Club*, no bairro Campo D'Una, em agosto de 2007.

[41] Verifiquei, mais tarde, que a camiseta utilizada em Garopaba era idêntica à utilizada no protesto contra a reserva extrativista de Canavieiras, na Bahia.

> pessoal foi lá, falou com a Mormaii, a Mormaii pagou dois ônibus; o Nivaldo, camisetas, mandou fazer camisetas; o Renato, dois ônibus da empresa dele, através da CERPAULO [Cooperativa de Eletrificação Rural de Paulo Lopes], como a empresa era prejudicada, a cooperativa. Todos participaram. A CERPAULO era contra porque foi levado ao Nilson e o Nilson é formado eu acho em Direito ou Administração. Ele leu a lei e disse: "Não, isso vai pegar nós também, para fazer uma rede elétrica, se passar em cima da ponte não pode". Mesmo que a Ibiraquera não ficasse, mas na ponte é Resex, cruza o espelho d'água, entendeu? Então aí houve quem colaborasse. Eu acho que o Litman deu uma topique da pousada. Aí foi mais ou menos assim, as pessoas se juntaram.[42]

Maro Odi de Souza, inicialmente resistente, acabou elencando grandes empresários das duas cidades que patrocinaram o "RESEX NÃO". Citou a Mormaii, maior empresa de Garopaba, fabricante de roupas de neoprene e esportivas do empresário gaúcho Marco Aurélio Raymundo[43], conhecido como Morongo; o empresário imbitubense Nivaldo da Rosa, dono das lojas Ferju, o empresário argentino radicado na Praia do Rosa, Henrique Litman, proprietário de uma das mais conhecidas e badaladas pousados do Rosa, a Vida Sol e Mar.

Ele também sinalizou com uma interessante união entre o empresário imbitubense Renato Pereira, proprietário da Empresa Expresso, única empresa de transporte coletivo de Garopaba, e a Cooperativa de Eletrificação Rural de Paulo Lopes – Cerpaulo -, que fornece energia a parte do município de Imbituba, justamente na região de Ibiraquera. Esta parceria, à primeira vista desconexa, representa os interesses da família Pereira, já que Renato e Nilson são irmãos.

Os defensores da Resex também distribuíram um "jornal" (Anexo 4), no qual descreviam o andamento do processo até então e as razões pelas quais a proposta da Resex deveria ser aceita. Esse material, de acordo com Maria Aparecida Ferreira, nativa, presidente do Fórum da Agenda 21 Local da lagoa de Ibiraquera, foi doado pelo Ministério do Meio Ambiente: "Foi o próprio Ministério que pagou, porque daí tem algumas coisas assim, os estudos foi o ministério que pagou, dentro dos estudos não foi gasto todo o dinheiro. Aí nós

---

[42] SOUZA, Maro O. de. Imbituba /SC. Entrevista concedida à autora em 12 out. de 2009.

[43] Empresário gaúcho, Marco Aurélio Raymundo, 56 anos, médico formado em Porto Alegre, seguiu a trilha de muitos gaúchos e mudou-se para Santa Catarina em 1974. Escolheu Garopaba, uma praia onde viviam apenas pescadores; na época, sem rua asfaltada nem água encanada. Montou o primeiro posto de saúde da região. Sua diversão era o surfe. Para aguentar a água gelada do inverno, pediu a uma tia que confeccionasse um macacão de lã. A experiência evoluiu para macacões de borracha costurados por Morongo em pessoa na mesa da sala de jantar. Os amigos encomendaram algumas peças. Nascia a Mormaii, fusão de Morongo, Maira (nome de sua primeira mulher) e Hawaii (Havaí). Hoje em dia, a empresa tem 21 fábricas que produzem mais de 600 itens de roupas e acessórios para jovens. Os macacões são confeccionados em neoprene, um material sintético maleável, e exportados para Estados Unidos, Mercosul, Europa e México. Em 1999, o modelo Second Skin (segunda pele, em inglês) foi considerada a melhor roupa de neoprene do mundo por associações de surfistas americanas. No Brasil, as roupas da Mormaii são encontradas em 2.500 pontos-de-venda e 26 lojas exclusivas. Disponivel em: < http://veja.abril.com.br/260100/p_092.html > Acesso em: 23 set. 2010

pedimos pra fazer algum material pra gente poder distribuir pro povo, pra esclarecer e foram muitos, muitos” [44].

A partir da consulta pública realizada no bairro Campo D’Una em dezembro de 2007, foi possível identificar os sujeitos envolvidos no conflito, bem como a formação de grupos antagônicos que reivindicavam autorização sobre o discurso pertinente à preservação ambiental. Aparentes adversários políticos tradicionais da região estavam de “braços dados” contra a Resex. Apesar de haver um grupo significativo de pescadores nativos favoráveis à reserva, muitos outros se mostravam contrários. Na verdade, se compararmos o grupo de pescadores que defende a reserva com o grupo de pescadores contrários (ou até mesmo indiferentes) à idéia, observa-se uma disparidade muito grande em termos numéricos. Enquanto os contrários somam uma maioria de aproximadamente 90%, os favoráveis se restringem a 10% dos pescadores artesanais que possuem carteira de pesca.

No entanto, há de se sublinhar que o grupo de pescadores favoráveis é constituído por aqueles que realmente vivem da pesca ou a utilizam como importante complemento da renda familiar, enquanto que os contrários formam um grupo bastante eclético, entre os quais alguns tradicionais. O grupo, em sua maioria, é formado por sujeitos que tiraram a carteira de pesca com o intuito de se beneficiarem com o Seguro Defeso[45], pago pelo Ministério do Trabalho.

Quanto aos adversários políticos, creio que não podem ser considerados tão antagônicos assim. A história política de Garopaba mostra que, a princípio, a partir de 1961, ano em que foi criado o município, havia três partidos na cidade: a União Democrática Nacional – UDN -, o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB - e o Partido Social Democrata – PSD. Destes partidos resultou a Aliança pela Renovação Nacional – Arena – e, dentro desta mesma sigla, havia dois segmentos: Arena 1 e Arena 2.

Em âmbito local, a Arena 1 se converteu, majoritariamente, em Partido Democrático Social – PDS -; a Arena 2 seria incorporada pelo Partido da Frente Liberal – PFL. Mais tarde, o PDS encolheu a sigla e tornou-se PP, e o PFL mudou para Democratas – DEM. Entre 1961 e 2004, os prefeitos de Garopaba foram escolhidos dentro desse time. Em 1982, o Movimento Democrático Nacional – MDB - lançou candidato a prefeito, sem sucesso. Somente em 2000 é que o PMDB (antigo MDB) voltou a lançar candidato, novamente sem êxito. Na eleição

---

[44] FERREIRA, Maria A. Ibid.

[45] Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, o Seguro Desemprego, ou Defeso, é uma assistência financeira temporária concedida ao pescador profissional que exerça sua atividade de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, ainda que com o auxílio eventual de parceiros, que teve suas atividades paralisadas no período de defeso.[45]

seguinte, 2004, já compôs chapa com o DEM, sendo também derrotado, dessa vez pelo PP, que concorreu sozinho. O atual prefeito de Garopaba é do PMDB e seu vice, do DEM.[46]

Este breve resumo indica que em uma análise mais minuciosa se pode inferir que os projetos políticos e a base partidária em Garopaba são muito semelhantes, o que denota uma cultura política muito bem-marcada. À exceção do PT, os demais partidos vivem "misturados", ou melhor, "misturando-se", já que é comum a troca de siglas entre os representantes políticos. Ildo da Silva Lobo, atual vice-prefeito, por exemplo, elegeu-se vereador em 2000 pelo DEM; em 2004, elegeu-se também vereador pelo PP e, em 2008, pelo DEM, como vice-prefeito, em coligação com o PMDB.

Voltando à consulta pública de dezembro de 2007: dentro do clube, os ânimos estavam bastante exaltados e todos os representantes do Ministério do Meio Ambiente foram recebidos com vaias. Na verdade, era uma gritaria generalizada. Os manifestantes contrários à Resex proferiam diversos xingamentos contra os pescadores e as lideranças favoráveis à Resex. Estes, por sua vez, mantinham-se calmos, sentados bem à frente. Os pescadores artesanais e demais pessoas que apoiavam a reserva quase não tiveram condições de falar, em função das vaias e da gritaria. Ficaram acuados diante da multidão que gritava em coro "RESEX NÃO". Foi preciso que a Polícia Federal guarnecesse o evento, pois o ânimo dos contrários à Resex estava bastante alterado. Os demais participantes ficaram todos de pé ou por sobre as mesas nos fundos do salão. Foi necessária muita negociação por parte do presidente do Clube Campinense para que as discussões fossem encaminhadas.

O superintendente do Ibama em Santa Catarina, Luiz Ernesto Trein, salientou que a proposta de reserva extrativista, apoiada por parte da população nativa, tinha por objetivo compatibilizar a preservação ambiental com o desenvolvimento da região, para garantir a sobrevivência da cultura local. Irritado com a gritaria, concluiu: "Muitos não sabem por que estão vestindo essa camiseta. Estão vestindo porque o patrão mandou", referindo-se às camisetas que a maioria dos presentes trajava.

O clima ficou ainda mais tenso depois desta fala. Seguiram-se depoimentos de descontentamento. Um morador nativo, proprietário de terras e de uma pousada na Praia do Rosa, exteriorizou sua angústia: "A Resex trouxe discórdia entre as famílias da comunidade; não podemos aceitar isso".

A controvérsia encontra semelhanças em outros estudos. Segundo Debetir (2007, p. 81), "são recorrentes nas consultas públicas as manifestações de repúdio à intervenção de

[46] Este resumo foi elaborado com o auxílio de Laudelino Antonio Teixeira, vereador em Garopaba na década de 1990.

Técnicos de Brasília, muitas vezes teatralmente organizadas por lideranças locais flagrantemente envolvidas com práticas ambientais reprováveis".

Diversas autoridades do município se pronunciaram. O então prefeito de Garopaba, Luiz Carlos da Silva, do PP, enviou ofício em que se dizia contrário à criação da reserva porque causaria "atraso econômico à região", que vive quase totalmente do turismo. Enfatizava que "órgãos e pessoas serão responsabilizados pelos danos ao município". O vereador Maurício de Carvalho, 44 anos, também do PP, nativo da região de Ibiraquera, atualmente morador de Campo D'Una, expôs seu ponto de vista: "Sei o quanto é difícil viver somente da pesca artesanal, pois me criei assim. Havia muita miséria". O representante da oposição (e atual prefeito) Luiz Carlos Luiz, proferiu um discurso conciliador e reclamou por "não haver espaço para as 350 pessoas que ficaram do lado de fora", sem deixar claro se era favorável ou contrário à Resex.

Rivais na política, esqueceram os desafetos e se uniram em torno da refutação da proposta. Antigas rivalidades foram deixadas de lado em função do caráter emergencial da situação. Moradores nativos, estrangeiros[47], empresários da construção civil, donos de pousadas e imobiliárias, políticos, jornalistas, enfim, uma gama eclética da população local aderiu ao "RESEX NÃO".

Cena inusitada: Bertoldo Álvaro dos Santos, empresário bem-estabelecido na cidade, proprietário de muitos terrenos próximos ao mar, de pousada, de loja e posto de gasolina, adepto incondicional de roupas sociais, trajava uma das camisetas de protesto. Ali, perante o perigo iminente de ter suas terras transformadas em reserva ambiental, a maioria formava uma tribo híbrida, sufocando os presentes que se arriscavam a defender o projeto da Resex para a região.

Balizadas as fronteiras, a questão continua em debate. É pertinente observar que todas as pessoas envolvidas declaram igual adesão aos valores das causas ambientais; no entanto, apesar da aparente coincidência do discurso, o episódio continua sem solução pela via do diálogo aberto. O que há, na verdade, são grandes diferenças de interesses e valores.

Toda a argumentação exposta até aqui evidencia que os pescadores que lutam pela implantação da Resex não se cansam de explicar o que é uma reserva extrativista. Insistem que buscaram apoio de entidades estaduais e federais fortes, principalmente junto aos órgãos governamentais que trabalham com a proteção ambiental, com destaque para a APA da Baleia Franca e o ICMBio.

---

[47] O termo estrangeiro(a) será por mim utilizado quando me referir aos moradores não-nativos da região, com o mesmo sentido de *outsiders.*

Faz-se necessário e importante lembrar que alguns pescadores locais passaram a se reconhecer como comunidade extrativista após o envolvimento com o Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, criado em 2001, por iniciativa do Núcleo de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Catarina (NMD/UFSC).

Os envolvidos com a causa da reserva extrativista lamentam que outros pescadores não se juntem à sua luta, especialmente os das colônias de pesca de Garopaba e Imbituba:

> Nós trabalhamos com o Ibama de SC, ICMBIO, Polícia Ambiental de SC, UFSC, com o professor Paulo Vieira da UFSC, com o Patrimônio da União, Capitania dos Portos, Cepsul. Então, todos os órgãos representativos da classe estão conosco, juntando, debatendo o que é certo, o que é errado e uma pena que as colônias não estejam junto; estão atrasadas, não participam, igual à de Garopaba, ficam ali só fazendo reuniãozinha.Deviam se envolver, fazer projetos, chamar a UFSC, o Ibama...[48]

Lédio da Silveira, líder dos pescadores favoráveis à Resex, mostra-se bastante entrosado com os órgãos de proteção ambiental. Afirma que Polícia Ambiental, a Capitania dos Portos, a Cepsul, o Ibama e a UFSC estão todos engajados no apoio ao processo da reserva. Sublinha que as colônias de pesca fazem muitas reuniões, mas na prática não atuam junto às comunidades pesqueiras.

Os favoráveis à Resex pensam que existe um equívoco por parte das autoridades municipais e que "certas pessoas de dentro das prefeituras utilizaram de má fé ao alterarem o mapa da primeira proposta de limites da reserva". Segundo Lédio da Silveira[49], os responsáveis por tais distorções serão chamados a responder junto ao Ministério Público Federal:

> O processo foi distorcido. As prefeituras de Imbituba, Garopaba e Paulo Lopes vieram em cima do processo, fizeram um mapa falso, em vez de colocarem cinco milhas em direção ao mar eles inverteram e colocaram em direção à terra. Então a associação entrou com uma ação no Ministério Público Federal. A Polícia Federal apóia a proposta de Resex, eu tenho o documento da Polícia Federal e agora essas três prefeituras têm que sentar no Ministério Público e se explicar, dizer o porquê de terem distorcido o processo da Resex. O problema é a distorção; a distorção é a pior coisa que tem.[50]

As palavras de Lédio da Silveira são corroboradas por Maria Elizabeth Carvalho da Rocha, presidente da APA da Baleia Franca. Segundo ela, o "projeto usado pelos opositores

[48]SILVEIRA, Lédio da. Ibid.
[49] Idem.
[50] Idem.

da Resex é fruto de má fé e delírio de grupos econômicos e seus políticos. A estes, nenhuma lei interessa, senão não teríamos tantas agressões ao meio ambiente em toda a região”.[51]

Os pescadores mostram-se convencidos de que essa é uma causa legítima, justa e que todos terão a ganhar com a Resex, até mesmo os que se preocupam com o turismo. Salientam que um lugar preservado com certeza atrai muito mais turistas e que a Resex não vai acabar com o turismo; ao contrário, irá tornar a região ainda mais procurada. Enfatizam que não existe outra proposta, outra saída para manter viva a pesca artesanal e a cultura local. Lédio da Silveira desafia:

> No conselho gestor da Resex nós vamos ter um voto a mais, mas vai sentar órgãos públicos, prefeituras, associações, as ONGs. Vamos sentar todos pra decidir o que é melhor. Por que eles têm medo, por que as prefeituras têm medo? Eu disse pro Cristiano Lopes[52], pro Jucélio[53] e pros dois prefeitos: se eles tiverem um projeto melhor pra pesca artesanal do que o nosso, nós desistimos do projeto; agora apresentem![54]

Certo de que a Resex é a melhor alternativa para a manutenção da natureza, da pesca e da cultura da região do entorno e das lagoas de Ibiraquera e Garopaba, o presidente da Aspeci questiona a existência de um projeto mais adequado e viável para substituir a proposta de reserva, lembrando ao poder público dos municípios de Garopaba e Imbituba que não há nada a temer, que no Conselho Gestor da reserva haverá espaço para todas as instituições exporem e debaterem suas idéias, muito embora informe que os pescadores terão um voto a mais dentro do conselho.

Além dos pescadores até aqui citados, também conversei com pescadores acampados no rancho de pesca da Praia do Ouvidor. Este grupo é igualmente favorável à Resex, apontando os mesmos problemas que os demais pescadores já haviam indicado: pesca predatória, poluição, instrumentos de pesca irregulares, esportes náuticos, mergulhadores, dentre outros, como responsáveis pelas dificuldades enfrentadas pela pesca artesanal. Para eles, esta é uma luta que os pescadores artesanais precisam enfrentar se não querem que tudo se acabe, se não querem que os ranchos de pesca e as canoas se tornem peças de museu, pois já receberam propostas dessa natureza.

---

[51] SARAIVA, Sergio. **Projeto de Resex define novos limites para a área de amortecimento** Disponível em: <http://www.garopabaonline.com.br/cn_notgrb/notgrb_principal.php?codigo=196 23/04/20>. Acesso em: 13 mai. 2010.
[52] Vereador do DEM de Imbituba.
[53] Vereador do PP de Garopaba.
[54] SILVEIRA, Lédio. da. Ibid..

Como já mencionei, existem diversos pescadores contrários à proposta da reserva. Costumo conversar com eles de maneira informal sobre o assunto e ouço frequentemente que "o turismo vai acabar", que "ninguém mais vai poder vender um lote de terra", que "as moradas serão desapropriadas" e que "ninguém vai poder cortar nem um galho de mato, muito menos criar um gadinho". Laudelino Antonio Teixeira, pescador/lavrador aposentado, explica por que é contrário à Resex:

> Na verdade, o que se vê dizer é que depois, não sei qual foi a pessoa que disse, mas dizem que lá no nordeste o turista não quer comprar mais. O terreno perde o valor, esse é um ponto. De resto, eu não sei. Pode ter alguma coisa que seja benéfico, como o negócio de cuidar da lagoa, mas se até hoje não cuidaram da lagoa, entra a Resex e eles não cuidam também. Fica do mesmo jeito, mas... é, eu não sei o que acontece depois. Na prática, eu acho que fica tudo do mesmo jeito.[55]

São comuns comentários que a reserva trará prejuízos para a região. Dizem que os terrenos perdem o valor porque os turistas não vão querer comprar terra dentro de uma reserva ambiental e que há grandes possibilidades de desapropriação. A preservação da lagoa é apontada como aspecto positivo, mas acreditam que já existem leis para proteger a lagoa e que estas não são colocadas em prática.

Para entender melhor a resistência de muitos pescadores, conversei com Jair João Ribeiro, 73 anos, pescador e atual presidente da Colônia de Pesca de Garopaba. Ele próprio se diz pessoa "pouca letrada", pois na escola "só queria saber de cutucar os outros com a ponta do lápis". "Não aprendi a ler, mas tenho mais conhecimento que muita gente; não tem lugar que eu não vá, pode ser em Brasília, na Bahia. Ando e converso com os grandes e arrumo muita coisa pra Colônia".[56]

Diz-se contrário porque já viu exemplos de reservas em que os moradores nativos estão vivendo praticamente na miséria, citando uma do Rio Grande do Norte que visitou [57].

> Eu vi a Resex do Rio Grande do Norte e lá o pescador morre de fome. É fechado, minha filha. É assim. Eu vou explicar certinho pra ti como é a Resex: eles fazem, depois eles cercam um certo limite, cerca com tela e tudo. Não entra pescador nenhum lá dentro. O que entra lá dentro é aqueles galhudos grandões – aqueles deputados, senadores que entram quando querem pescar. O pescador miúdo não

[55] TEIXEIRA, Laudelino. A. Garopaba /SC. Entrevista concedida à autora em 5 mai. de 2010.
[56] RIBEIRO, Jair. J. Garopaba /SC. Entrevista concedida à autora em 22 mai. de 2010.
[57] Em consulta ao mapa disponibilizado pelo ICMBio, em que aparecem todos as Unidades de Conservação do Brasil, verifiquei que no estado do Rio Grande do Norte não há nenhuma reserva extrativista. Posso inferir, portanto, que o Jair João Ribeiro está equivocado em sua colocação. Possivelmente está se referindo a algum parque que visitou na Região Nordeste.

> entra lá dentro. Eles só entram no primeiro ano; depois de dois anos não entram mais. Eu vi aquilo tudo com eles lá.[58]

Acredita que alguns pescadores estão a favor por desconhecerem do que se trata. Acusa a Aspeci de ser pouco representativa já que enquanto a colônia de pesca tem 1.800 associados – eram apenas 400 há dezoito anos quando ele se tornou presidente, a Aspeci tem apenas 36. Sobre esse assunto declarou:

> Olha, eu vou dizer bem certinho pra ti: nós temos uma associação de pescadores formada pela Cida e pelo Lédio do Campo D'Una, do Ouvidor que veio aqui, formou uma associação de pescadores e eles têm 36 pescadores. Dizem que eles têm estatuto tudo, eu não sei. Então tem o pescador da Resex, que é esse pescador da associação. São vinte e poucos pescadores daqui que tão lá e de lá que tão aqui. Então são esses vinte. Vinte e poucos pescadores pra mil e oitocentos não é nada e esses pescadores que são da associação também são da colônia de pesca.[59]

Para ele, o acréscimo no número de associados na colônia de pesca no período de sua gestão à frente da associação se deve à sua intensa dedicação, tendo vivido praticamente para a colônia. "Antes eram poucos associados porque os outros presidentes não davam bola pra ninguém, mas o pescador tem o direito." Dentre os direitos assegurados aos pescadores, cita o seguro defeso: "O defeso eles têm o direito de fazer, porque isso aí é uma lei familiar, dá o direito à família toda". [60]

Realmente, o defeso é um direito facultado ao pescador e sua família, em proteção à pesca artesanal. Para receber o seguro, o pescador deve preencher alguns requisitos:

> I - Ter registro como Pescador Profissional devidamente atualizado no Registro Geral da Pesca - RGP - como pescador profissional, classificado na categoria artesanal, emitido pela Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República - SEAP/PR -, com antecedência mínima de 1 (um) ano da data do início do defeso;
> II - Possuir inscrição no Instituto Nacional do Seguro Social - INSS - como segurado especial;
> III - Possuir comprovação de venda do pescado a adquirente pessoa jurídica ou cooperativa, no período correspondente aos últimos doze meses que antecederam ao início do defeso;
> IV - Na hipótese de não atender ao inciso III e ter vendido sua produção a pessoa física, possuir comprovante de, pelo menos, dois recolhimentos ao Instituto Nacional do Seguro Social – INSS - em sua própria matrícula no Cadastro Específico – CEI -, no período correspondente aos últimos doze meses que antecederam ao início do defeso;
> V - Não estar em gozo de nenhum benefício de prestação continuada da Previdência Social, ou da Assistência Social, exceto auxílio-acidente e pensão por morte;

---

[58] Idem.
[59] Idem.
[60] Idem.

> VI - Comprovar o exercício profissional da atividade de pesca artesanal objeto do defeso e que se dedicou à pesca, em caráter ininterrupto, durante o período compreendido entre o defeso anterior e o em curso; e
> VII - Não ter vínculo de emprego ou outra relação de trabalho, tampouco outra fonte de renda diversa da decorrente da atividade pesqueira.[61]

Perante todas essas exigências legais, há situações em que o benefício é questionado, assim como há pessoas que afirmam que as maiores responsáveis pela possibilidade de transformação da região em Resex são as próprias colônias de pesca, pois, pelo grande número de beneficiados com o seguro, é compreensível que o Ministério do Meio Ambiente se preocupe em manter condições ambientais próprias para a pesca. Ronaldo Gabriel Teixeira, 42 anos, nativo de Garopaba, secretário de Finanças da prefeitura de Garopaba, filiado ao DEM, com formação em Administração Pública, argumenta:

> Pra mim a Resex é um erro do governo federal; é um equívoco. O governo entende que aqui é uma reserva pelo número de pescadores com carteira de pescador que existe. Na real, pescadores em Garopaba dá pra colocar numa sala, aliás, se juntarmos Garopaba, Imbituba e Imaruí juntas não têm duzentos pescadores. Porém, somando os cerca de 1.800 associados da Colônia de Pescadores Garopaba, com mais uns 3.000 que deve ter em Imaruí e mais uns 2.000 associados de Imbituba, dá pro governo federal entender que o contexto daqui é realmente de uma região que vive realmente da pesca. O que é um equívoco, porque não tem mais de duzentos pescadores nessa região. O governo federal não tem controle e deixa que falsos pescadores acabem recebendo o seguro defeso da anchova, de camarão, dentre outros. Denúncias foram feitas. Já existe um movimento do governo no sentido de uma vistoria mais rigorosa, com uma portaria que a partir de setembro tende a mudar isso aí. Parece que o governo federal começou a se mobilizar no sentido de ter controle da situação. Se esse controle realmente for feito, a quantidade real de pescadores que existe vai aparecer e o próprio governo vai entender que foi um equívoco tentar transformar essa região em Resex.[62]

Lédio da Silveira também tece severas críticas à atitude das colônias de pesca em relação ao seguro defeso. Ele acredita que carteiras de pescador venham sendo fornecidas a pessoas que não estão em atividade na pesca, mas em função de favorecimentos políticos:

> Nós éramos sócios da colônia, mas meteram as nossas colônias de pesca com essa política suja, tanto a de Imbituba quanto a de Garopaba, fazendo o defeso pra quem não precisa e nós estamos na área pra defender o pescador artesanal, portanto hoje a Aspeci já tira carteirinha pros pescadores que precisam, pros seus filhos e temos também o direito de fazer o defeso para o pescador que precisa, que está em atividade. Nós não temos medo de nada, porque nós trabalhamos certo. Se nós errarmos, nós vamos pagar pelo nosso erro. Agora, nós queremos que as colônias paguem pelo que fizeram, pois a colônia deveria ser um órgão pra representar o pescador, mas não faz mais isso.[63]

---

[61] Ministério do Trabalho e Emprego.
[62] TEIXEIRA, Ronaldo. G. Garopaba /SC. Entrevista concedida à autora em 23 mai. de 2010.
[63] SILVEIRA, Lédio. Ibid.

Jair João Ribeiro, porém, mostra-se tranquilo em relação a possíveis irregularidades na emissão de carteiras de pescador, já que não são as colônias de pesca que emite o documento, e sim o Ministério da Pesca. Ele já teve que se explicar junto à Polícia Federal em Laguna, mas diz não se ter intimidado, pois não é ele quem pode dizer se um cidadão é pescador ou não. O responsável pela informação é o próprio requerente.

> Porque é assim: o SEAP [Secretaria Especial da Pesca] é o órgão que fazia as carteirinhas de pescador. A gente preenchia a guia na colônia e levava pra Florianópolis e eles levavam pra Brasília. Quem dava as carteiras não era a colônia de pescadores, é assinada pelo Ministro da Pesca e pelo presidente da República. Então quem sou eu pra dizer quem pode! Uma vez eu fui chamado lá em Laguna, na Polícia Federal, porque fiz a carteira de pesca pra uma mulher da Ibiraquera, que disseram que não era pescadora. A juíza disse pra mim que ela não era pescadora, que o Davi deu parte. Aí eu disse pra ela: quem sou pra dizer que ela não é pescadora, se o ministro da Pesca, a SEAP, deram a carteira em Brasília pra ela, quem sou pra dizer que ela não é pescadora? Toda mulher de pescador tem direito. Não interessa, isso aí eu especulei bem lá no Ministério do Trabalho, em Brasília. O pescador não vive só da pesca. Se ele viver só da pesca ele vai viver roubando ou morrer de fome, ou os filhos vão começar a roubar. Então, o ministro da Pesca disse: não é bem assim seu Jair, o pescador pode fazer bico. Os nossos pescadores quase todos fazem bico.[64]

Para ele, a real situação dos pescadores artesanais é a seguinte:

> Minha filha, ninguém vive só da pesca, se for só viver da pesca morre. Tudo tem uma casinha pra alugar. A gente tem que dizer o que é. No verão até eu pesco, no verão o pescador lá um dia que sai pro mar, tô lá embaixo eu tô vendo, no verão está tudo trabalhando, fazendo um bico pra poder viver. Se não fizer um bico morre, morre ou rouba.[65]

Na função de presidente da Colônia de Pesca de Garopaba, está convencido de que na região nenhum pescador vive somente da pesca. Todas as famílias de pescadores dependem de outra fonte para complementar a renda. Cita a importância que as casas de aluguel têm nesse sistema econômico, enfatizando que no verão são poucos os que saem para pescar, pois a maioria está envolvida com trabalhos que surgem na alta temporada

É fácil perceber que o clima entre a Colônia de Pesca de Garopaba, representada por Jair João Ribeiro, e os membros da Agenda 21 e da Aspeci, é pouco amistoso. Se esses o acusam de ser pouco rigoroso em relação aos interessados em obter carteiras de pescador, ele os acusa de não serem honestos quando afirmam de o haverem convidado para discutir a proposta da reserva:

---

[64] RIBEIRO, Jair. J. Ibid.
[65] Idem.

> Eles faziam a reunião e não mandavam convite pra mim. Eu só recebi depois que eu disse pra Cidinha que ela merecia um [...] bem bom pra ela sossegar. Daí ela começou a mandar. Agora, na outra semana retrasada, eu cheguei na colônia e tinha um oficio dela pedindo pra eu ir numa reunião no salão da comunidade do Teixeira. Eu não fui. Não fui porque eu não vou. A Cidinha é uma mentirosa, tudo que ela diz é mentira. Eu não vou em reunião deles, porque se eu for numa reunião dessas eu acabo com tudo em meia hora. Eu me incomodo e porque eu digo as razões que tem que dizer. Eles vão pra dentro dos ranchos aí, quatro, cinco, dez, doze pessoas. Eles não podem fazer isso que eles andam fazendo.[66]

Jair João Ribeiro, como se viu, não foi às reuniões em que o processo de Resex era debatido por não ser convidado, segundo o próprio, para em seguida afirmar que não foi nem irá porque não participa de reuniões organizadas por "eles". Por outro lado, a Aspeci afirma que enviou convites a todas as instituições públicas de Garopaba e Imbituba. De fato, mesmo que não tenha chegado às mãos do presidente da Colônia de Pesca de Garopaba, os convites foram enviados. Confirmei esta informação ao examinar os documentos que a Aspeci forneceu para a pesquisa. Dentre eles, estavam os convites com assinatura e data de recebimento, não só o da Colônia de Pesca de Garopaba, mas dos enviados às demais entidades.

O presidente da colônia de pesca representa a maioria dos pescadores de Garopaba que poderão vir a ser atingidos diretamente pela Resex. Ele afirma que os pescadores não querem a reserva, que é somente um grupo isolado que luta por ela. Em sua opinião, a população da região está toda contra, inclusive os diversos partidos políticos e os empresários. Mas diz também que não existe uma organização em torno do "RESEX NÃO"; as coisas estariam acontecendo naturalmente, um convidando outro a participar. Para Jair João Ribeiro existem interesses maiores por trás da proposta de Resex. Existem pessoas que recebem propinas para serem favoráveis. Acrescenta que a proposta é enganosa; que não serão somente as laminas de água que se tornarão reserva. Outro fator que aponta como obstáculo para a efetivação da proposta é que essa área já está dentro da APA da Baleia Franca, não sendo possível fazer uma unidade de conservação dentro de outra.

> Eles dizem que aqui é só lamina de água, mas isso aí é tudo mentira. Não pode fazer uma Resex em cima da Baleia Franca. Eles tão tudo enleados; eles não sabem nem o que falam, não sabem nem o que fazem. E tem alguém por trás que está ganhando. Eu já não quis dizer isso na reunião lá no Campo D'Una, mas tem alguém por trás que tá recebendo propina, que eu sei que tem, sei. Eu sei quem e se apertar mesmo eu digo quem é que tá ganhando propina pra ser a favor da Resex. Tem os grandões que tão por trás disso. Aquela consulta pública no Campo D'Una não se sabe nem quem é que fez, aquilo foi o pessoal da Resex. Ali que eu descobri que tinha alguém por trás que ganhava dinheiro, tinha alguém por trás recebendo propina; aquele dia

[66] Idem.

> lá que eu descobri. Tava de olho visto. Eu tô por dentro do Ibama. Tinha gente de Brasília, tinha gente de Florianópolis do Ibama ali. Isso aí eu vi. Aquele Alexandre Cordeiro do Ibama, aquele é um que tá ganhando propina por fora.[67]

É praticamente impossível haver uma única verdade em relação a um acontecimento. Verdades são construídas através de jogos que envolvem diversos sujeitos. Assim, Jair João Ribeiro, dentro de seu ponto de vista e universo de relações sociais, entende que o que se diz sobre a Fazenda Lagamar não é verdade. Porém, não é a sua verdade, mas a verdade de outro segmento social que, digamos, não fala a mesma "língua" dele. Nesse jogo de agressões verbais e ações judiciais, ambas as partes procuram demonstrar que sua verdade é a mais verdadeira, a que encerra a essência dos fatos.

Michel Focault (2009), em "A verdade e as formas jurídicas", procura demonstrar de maneira simples como a verdade é construída através de jogos, contribuindo para o fortalecimento da idéia de que ela é produto de um contexto histórico e social e, portanto, não é algo universal e incontestável, já que varia de acordo com a configuração social em que se insere. O autor ainda fala de um "estranhamento" para com todas as instituições e conteúdos jurídicos existentes, uma vez que demonstra que toda e qualquer relação social e produção da verdade está relacionada com "laços" de poder. Sua concepção da verdade descaracteriza o discurso jurídico como imparcial ou isento, sendo evidente que é fruto das práticas do poder; logo, o contexto social influenciará a sua produção. Cada época tem sua própria forma de pesquisar a verdade.

Jair João Ribeiro acredita que os "cabeças" da proposta estão perdidos, sem ter para onde recorrer. Para ele, a reserva não sai. Ele esteve em Brasília e está certo disso. Comentou:

> Eu tive agora com os deputados e senadores do PT [Partido dos Trabalhadores] em Brasília e eles foram os próprios a dizer pra mim: não sai seu Jair, não sai a Resex em Garopaba porque não pode ter Resex encima da Baleia Franca; não existe a lei, e o presidente Lula não vai assinar. [68]

Mesmo polêmico (ou sobretudo por isso), Jair João Ribeiro é uma pessoa respeitada pelos pescadores. Sua posição coincide com a de um grupo bastante representativo, até porque muitos já foram favorecidos de alguma forma pela colônia de pesca e acabaram "devendo" um favor ou outro ao presidente. Destaco, ainda, que a posição da Colônia de Pesca de

---

[67] Idem.
[68] Idem.

Garopaba em relação à Resex é compartilhada pelas colônias de Imbituba e Imaruí, além de agregar políticos de diferentes partidos e empresários da região, conforme citou Ribeiro:

> Aqui em Garopaba são todos contra, não tem nada um partido com o outro. O negócio é juntar, não tem nada que seja do 11, do 13, do 15, do 16, não tem nada uma coisa com a outra. O que interessa é nós não querer. Os presidentes de colônias, mesmo, eu, Imbituba e Laguna não aceitamos, e Imaruí também não aceita. Os quatro presidentes aqui do sul encostados não aceitam. O prefeito de Paulo Lopes não aceita e o prefeito de Garopaba também disse pra mim que não aceita. O outro que saiu não aceitou. Aqueles ali dos búfalos, o Franco e o Justo, que são meus amigos, dizem que eles são a favor da Resex, mas eles não sabem nem o que é uma Resex. O Franco não sai aqui da minha casa. Ele disse: seu Jair, eu tô por fora, eu não sei de nada; eu não digo nem que sim nem que não. Aquele material que apareceu na reunião do Campo D'Una foi todo ganhado dos empresários; tudo mundo deu. Não tinha ninguém pra organizar e o povo foi por que quis ir mesmo.[69]

Fechando a entrevista, Jair João Ribeiro reafirmou sua crença de que a Resex "não sai do papel" e sugeriu que, ao invés de certas pessoas ficarem querendo fazer uma reserva nessa região, deveriam fazer como ele, que é sempre presente e ajuda quem precisa.

> Se eles fizessem como eu, o tempo que eles andam aí fazendo Resex, esses vadios fizessem como eu na colônia, que eu dou auxílio pra todo mundo, eu dou trinta sextas básicas todo mês, só pro Campo D'Una eu levo nove. Levo pra Limpa, pra Ibiraquera, Ressacada, Garopaba, Ambrósio, Siriú e Macacu. Não é pra associado da colônia. É pras pessoas carentes que precisam mesmo. Eles deveriam arrumar outro jeito de ajudar a comunidade sem meter essa porcaria de Resex no meio. O pessoal da Resex só tem uma tristeza comigo, por que dizem que o que eu quero arrumar eu arrumo e eles passam trabalho. A nossa colônia agora deu uma operação pra uma mulher; quem pagou foi a colônia, com o dinheiro dos associados e quando a colônia não tem, eu tiro do meu dinheiro e dou. Eu compro as cestas básicas; vem o Altoff aqui em casa trazer. Tem tempo na colônia de ter sessenta cestas básicas, eu compro todo mês. Agora eu aumentei porque eu descobri mais duas casas que precisam. Agora já são 32. Nós ganhamos oito cestas da Santiago, é só quem dá.[70]

As ações mais efetivas da Colônia de Pescadores de Garopaba estão voltadas ao assistencialismo, com doação de cestas básicas a famílias carentes e "doação" de procedimentos médico-hospitalares para pessoas necessitadas. Jair João Ribeiro não esclareceu exatamente de onde vem o dinheiro para tais ações; apenas indicou que paga tudo isso com o dinheiro dos associados e com a participação de uma empresa local, que mensalmente doa oito cestas básicas. Disse ainda que, caso a colônia não disponha de recursos, paga com seu próprio dinheiro. Além disso, diz ser uma pessoa muito bem relacionada e que consegue muitas coisas para a colônia.

---

[69] Idem.
[70] Idem.

Por outro lado, a Aspeci, na pessoa do Lédio da Silveira, cobra da colônia ações mais abrangentes que venham a garantir a manutenção da pesca artesanal e da cultura local. Sugere a parceria com instituições federais e a busca de soluções para a crise que a pesca vem atravessando. Tanto Jair João Ribeiro quanto Lédio da Silveira são filiados no PP; suas divergências, portanto, não são de ordem político-partidária, mas de escolhas pessoais em torno da apropriação e uso da natureza.

Pescadores artesanais como Antonio da Rosa, conhecido como Nico Zizué, um tradicional pescador, que viveu grande parte de sua vida na Praia da Ferrugem, que nativos chamam de Capão, e atualmente mora na Limpa, aos 70 anos conheceu a proposta da reserva em uma reunião de pescadores. Como ele mesmo diz: "Quando posso vou às reuniões; é bom a gente ficar sabendo das coisas. Quem fala [mal da Resex] é porque nunca foi numa reunião."

Ele se mostra seguro em sua opinião favorável à reserva. Diz que essa proposta é muito diferente do que certas pessoas andam falando, que não vai tirar terra de ninguém, nem vai definir a quantidade de pescado que cada pescador pode pescar. Sua segurança se deve ao fato de ter ouvido do próprio Alexandre Cordeiro[71] que os pescadores terão autonomia para decidir de que forma a pesca deve ser organizada:

> A Resex do tipo que eu vi falar vai ser boa demais, porque vai ser pra produzir. Agora, tem muita gente dizendo que a Resex é pra não construir mais casas aqui, que é pra pegar terras. Só pode pegar cinco quilos de peixe, não pode pegar muito porque o Ibama vem e pega: essas são coisas que irão acontecer. Mas eu não soube assim; eu soube e vi lá na reunião de maneira diferente.Eu perguntei pro Alexandre Cordeiro e ele disse: vocês é que mandam e fazem o que vocês quiserem; pode pegar uma tonelada, pode pegar dez, pode pegar cem, desde que seja peixe bom de aproveitar. Tem que aproveitar quando dá.[72]

A militância não é certamente a atitude adotada por Nico Zizué em relação à Resex. No entanto, seu nome é recorrentemente citado por líderes do movimento ao se referirem a pescadores tradicionais que apóiam a causa da reserva extrativista.

Outra pessoa bastante envolvida com o processo de implantação da Resex de Garopaba e Imbituba é Abelardo Soares de Moraes, 54 anos, aposentado como instalador de telefones e pescador desde os 12 anos, nascido em Imaruí e morador de Garopaba desde um ano de idade. Ele diz que se envolveu com a causa da Resex por ser um pescador sempre preocupado com a degradação da lagoa pela poluição, bem como com a prática predatória da

---

[71] CORDEIRO, Alexandre. Coordenador do Centro Nacional de Populações Tradicionais – CNTP - do Ibama.
[72] ROSA, Antonio da. Garopaba/SC: entrevista concedida à autora em 22 mai. De 2010.

pesca com rede de arrasto. Segundo ele, “os redeiros limpam o fundo da lagoa e os tarrafeiros que se danem.” Reclama que não existe fiscalização na lagoa; que cada um pesca ou pratica esporte como desejar. Perante tudo isso, diz: “Então aonde que a gente se agarrou? Na Resex. Quem sabe ainda dá pra salvar isso aqui, melhorar em termos de poluição, em termos de organização, quem sabe!”[73]

Realizei a entrevista em sua casa, no Campo D’Una, numa tarde chuvosa de inverno. Abelardo Soares de Moraes estava com sua esposa e seu filho mais novo, de dez anos. Apesar de ser um dia pouco convidativo para visitas, ainda mais em se tratando de um sábado à tarde, recebeu-me muito bem; porém, eram nítidas a tristeza e a decepção em sua fala. Mostrou-se cansado por tanta luta e pouco resultado. Ainda não conseguiu esquecer o golpe sentido na famosa consulta pública realizada no Campinense Futebol Clube, ao lado de sua residência, em dezembro de 2007:

> Os empresários e vereadores influenciaram pessoas que não tinham conhecimento; iludiram com camisetas e mostraram o quanto não se importam com a comunidade nativa. A comunidade nativa pra eles é um cordeirinho que eles mandam pra onde querem. Eu fiquei muito triste, não por aqueles grandes que já eram contra, mas pela nossa comunidade. Teve gente que nem sabia o que era e se trocou por uma camiseta. Dá até pena, pessoas que nunca foram a uma reunião e ficam a favor de uns caras só porque eles têm dinheiro. Vestindo uma camiseta sem saber o porquê, só porque quem deu a camiseta é rico. Como era o Bertoldo[74], o Morongo, foram aplaudidos só porque têm dinheiro. Que visão das pessoas da comunidade![75]

Em sua opinião, as pessoas, de modo geral, se deixaram influenciar pelo grupo hegemônico de Garopaba: políticos e empresários. Representados por vereadores, como Jucélio de Souza Clementino e Maurício de Carvalho, ambos do PP, e por empresários como Marco Aurélio Raymundo, conhecido como Morongo, proprietário da marca internacional Mormaii, e Bertoldo Álvaro dos Santos, comerciante nativo do centro da cidade, os “poderosos” de Garopaba ofereceram camisetas para os que aderissem ao RESEX NÃO. Esses, para sua tristeza, engrossaram o coro de contrários à Resex em troca de uma camiseta. Não se preocuparam em ouvir os dois lados; simplesmente aceitaram como verdadeira a versão apresentada por empresários e vereadores.

Sua frustração se deve, portanto, ao fato de seus vizinhos e demais membros da comunidade não terem procurado se inteirar sobre o que estava acontecendo. Para ele:

---

[73] Idem.
[74] Empresário nativo, morador do Centro de Garopaba, é proprietário de vastas áreas na região em questão, além de dono de lojas e pousada.
[75] MORAES, Abelardo S. de. Ibid..

> Uma coisa era a comunidade ser contra, sabendo do que se tratava; mas é muito triste ver que a comunidade se colocou contra só porque os ricos disseram que a Resex era ruim. Essa pessoa desinformada está contra ele próprio. Estamos cinco, seis anos batalhando pra ajudar a comunidade e eles se colocam contra só porque não quiseram saber o que era. Olha, isso é muito triste, a gente até desanima. O cara entristece, desanima.[76]

Apesar de dizer-se decepcionado com a postura contrária da comunidade, que preferiu ficar ao "lado dos ricos" nas disputas pela criação da Resex, ressalta que a luta em defesa dos interesses comunitários já vem acontecendo há mais de seis anos e que, apesar de bastante desanimado, sente-se preparado para administrar a Resex caso seja aprovada, porém já não acredita mais nessa hipótese. Diz que tem estudado muito, participado de eventos, conhecido outras reservas extrativistas que funcionam bem. Além disso, sabe que cumpriu seu papel dentro do processo: "Eu não canso de explicar o que é a Resex, na verdade eu faço isso toda hora, estou sempre explicando pra alguém, esse é o meu papel, é só o que eu posso fazer pela comunidade."[77]

Conclui sua fala mostrando-se convencido de que a Resex não passou de ilusão e quase não alimenta mais esperanças de vê-la concretizada. Para ele, trata-se de uma benfeitoria que poderia auxiliar na renda das pessoas mais pobres, sendo justamente esta a razão de não sair do papel. Acredita que, se fosse uma política para favorecer as elites, já teria sido aprovada:

> Sinceramente, eu perdi a fé sobre a Resex. Com essa política suja que nós temos, eu já não tenho mais esperança. É só reunião, mandar papel e nada de bom acontece. Não existe uma política pra favorecer as pessoas. A única preocupação é com o dinheiro. Se o meu lado é fraco, não tem dinheiro, perdeu. Se fosse pra favorecer os ricos, já tinha sido aprovada.[78]

Se Abelardo Soares de Moraes está desanimado e descrente de que a Resex possa se tornar realidade, Lédio da Silveira, 42 anos, presidente da Aspeci, filho de um dos pescadores mais respeitados na região, Domingos Juvêncio da Silveira, não se cansa de afirmar a certeza de que a Resex está bem mais próxima do que se pensa. "Vou colocar a realidade pra ti: o processo da Resex vai sair; essa é a coisa que eu mais tenho certeza na vida" [79]

Muitas pessoas criticam Lédio da Silveira por defender tão veementemente a pesca artesanal. Dizem que "não é pescador coisa nenhuma", que vive do turismo como todos os nativos da região. Na verdade, assim como muitos nativos, ele também construiu casas de

---

[76] Idem.
[77] Idem.
[78] Idem.
[79] SILVEIRA, Lédio. Ibid.

aluguel para complementar sua renda. Sabe-se que a pesca é um trabalho inconstante: uma temporada pode ser muito boa e a próxima, muito escassa. Mas recorrer a outra fonte de renda não retira do pescador esta sua condição. Não é de hoje que os pescadores aprenderam que precisam ter outra fonte de renda afora a pesca. Será que não esqueceram que além de pescar todos praticavam a agricultura de subsistência?

Ao menos até 1970, o pescador tinha sua casa, muito simples, cercada de roças que garantiam a sobrevivência nos tempos de miséria da pescaria. Hoje, como as terras foram vendidas para serem exploradas pela indústria do turismo, é comum que procurem uma fonte de renda complementar, em substituição às antigas práticas. Neste processo de adaptação, as novidades trazidas pelo turismo, a construção de casas de aluguel, as primeiras (com o dinheiro ganho possivelmente numa farta safra de tainha) apareceram como uma solução bastante viável. "Eu tenho quatro ou cinco casas que alugo; mas vivo da pesca artesanal e luto por ela e não vou deixar que morra"[80], responde aos que o acusam de não ser pescador.

Para Jucélio de Souza Clementino, 42 anos, vereador por Garopaba pelo PP, empresário da construção civil, a Resex é uma proposta completamente inviável para o município, que tem por vocação o turismo e não possui pescadores artesanais que vivam exclusivamente da pesca:

> O foco da nossa região, a vocação é o turismo; então tu fazes essas reservas pras comunidades que realmente dependem daquilo ali. Tu não podes sacrificar um município com quase 20 mil habitantes por causa de 60, 70 pescadores. E, se tu fores à origem, eles são pescadores artesanais sim, mas que não vivem exclusivamente da pesca; alguns desses pescadores têm bar, têm casa de aluguel.[81]

Nessa celeuma, o empresário Maro Odi de Souza, 49 anos, filho de pescador/lavrador, nativo de Ibiraquera, radicalmente contrário à Resex, enfatiza que a pesca nunca foi totalmente responsável pela sobrevivência das famílias. Lembra que pesca e agricultura eram atividades complementares e que, atualmente, a atividade agrícola foi substituída por outras formas de complementação da renda obtida com a pesca, o que não descaracteriza quem ainda é pescador:

> Então, na verdade, era uma junção das duas profissões, porque na Ibiraquera não tinha só o lavrador e só o pescador. Muita gente tinha carteira de pescador porque na verdade naquela época não existia o Funrural[82] e quando passou a ter o fundo rural

[80] Idem.
[81] CLEMENTINO, Jucélio de S. Ibid.
[82] Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural – Funrural.

> ele passou a ter as duas, porque, na verdade, eles eram os dois. Na Ibiraquera, até a geração que hoje tem 60 anos, já os mais novos que pescam eles são pescadores e não são mais lavradores; eles são pescadores e trabalham geralmente na atividade de turismo ou na construção civil ou cuidando de casa.[83]

Concluindo a coleta das mais controversas opiniões dos diversos sujeitos envolvidos com a celeuma da reserva extrativista de Garopaba e Imbituba, espero ter conseguido colocar em tela elementos significativos da trama, aliás ainda em aberto. Pelo histórico, é bem possível que diferentes outras configurações sociais possam aparecer no desenrolar do processo. Por ora, a questão está no "limbo", aguardando em algum arquivo da Presidência da República para ser decretada ou vetada, o que alguns acreditam que poderá vir a acontecer no início do mandato da presidente Dilma Rousseff.

O próximo capítulo será dedicado, também utilizando depoimentos orais, à construção ou "invenção de um litoral", a seus desdobramentos relacionados à vida cotidiana das pessoas que habitam a região, palco de hibridações e embates, tal qual o da Resex, que teve seu *boom* em 2007, inegavelmente fruto de inúmeros (des)encontros acontecidos a partir da década de 1970.

Pretendo mostrar que a configuração social da região de Ibiraquera na primeira década do século 21 tem uma história, ou melhor, várias histórias.

---

[83] SOUZA Maro Odi de. Ibid.

2 O ENTORNO DA LAGOA DE IBIRAQUERA: PERMANÊNCIAS E HIBRIDAÇÕES

Para qualquer pessoa que tenha conhecido a região do entorno das lagoas de Ibiraquera e Garopaba no período anterior à década de 1990, ou que lá tenha nascido, como eu, terá facilidade em perceber que o lugar passou por muitas transformações, deixando para trás um tempo ritmado pela natureza, adentrando no tempo conflituoso da globalização. O processo suscita inúmeras questões:

- Como se chegou à atual configuração social e como se estruturou?
- Por que tantos conflitos?

Vamos tentar entender isso utilizando a noção de "invenção de um litoral", com a atenção voltada aos embates produzidos pela intensificação do fluxo turístico para a região.

Utilizo a expressão "invenção de um litoral" tendo como referência dissertação de mestrado em História de Hermetes Reis Araujo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), defendida em 1989, intitulada: "A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república". Nessa obra, o autor narra a transformação de uma cidade, particularmente dos costumes "pouco civilizados" em relação aos padrões europeus e certamente incompatíveis com o esperado das elites brasileiras de uma cidade do porte de uma capital - que se pretendia influente e promissora.

O litoral de Santa Catarina, no conjunto da história do Brasil, foi, desde o início do povoamento da região Sul, um lugar de passagem. O próprio nome da capital da província – Desterro - carregava o pesado estigma de uma terra de degredados, expatriados. As demais vilas que se formaram na orla marítima também tinham a função de abastecer as embarcações e os viajantes que transitavam entre o Rio Grande do Sul e as demais regiões do País. Isso talvez explique o fato de os acessos principais de Garopaba e Imbituba se voltarem para o Sul, como se a capital fosse Porto Alegre.

Para "inventar" uma capital catarinense moderna e dinâmica foi necessário que o poder público interviesse e afastasse ou invizibilisasse a presença dos pobres no círculo central da cidade, processo semelhante, embora em escala menor, ao que aconteceu no Rio de Janeiro no mesmo período. No restante do litoral catarinense, esta mudança de configuração, com reflexo nos costumes considerados "pouco civilizados", se deu de maneira e em tempos diferentes. Enquanto o centro da cidade de Imbituba, por exemplo, se modernizava ao abrigar

um importante porto escoador de carvão, as comunidades mais afastadas, como Ibiraquera, mantinham seu ritmo habitual, ou seja, a maioria das pessoas não era afetada pelas benesses e pelos problemas trazidos pelo "progresso".

Busco contextualizar, neste capítulo o *locus* deste estudo, apresentando, primeiramente, o lugar em si, com sua gente, suas falas, seus costumes, bem como o caldeirão cultural em que se transformou a região após a chegada dos turistas ou *outsiders* – expressão de Elias e Scotson (2000) na obra "Os estabelecidos e os *Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade", em oposição a estabelecidos.

O estudo desses autores trata das relações de poder e *status* entre dois grupos de moradores de uma comunidade no interior da Inglaterra, chamando a atenção para o fato de que as tensões não eram fruto de diferenças étnicas, de classe ou nacionais. Não havia nenhum elemento gerador de tais diferenciais. Na verdade, todos ali eram parte do mesmo grupo étnico e nacional, sem diferenças significativas de ocupação, renda ou nível educacional.

Na oposição estabelecidos-*outsiders*, os autores identificam uma constante universal:

> [...] o grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.20).

A obra (Id., 2000, p. 28) serve de parâmetro para entender, relativamente à região de Ibiraquera, questões de sociabilidade entre nativos e *outsiders*, o que não significa dizer que é um modelo metodológico, mas apenas um referencial, já que capta com eficiência as tensões presentes entre grupos humanos, à primeira vista bastante similares, que revelam, num olhar mais detalhista, o modo como certos homens se sentem superiores na relação com os outros, ou seja, como "os grupos estabelecidos vêem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado". Ou, até mesmo, quando a situação se inverte e são os *outsiders* que se sentem detentores de qualidades humanas superiores.

Outra obra que embasa teoricamente este capítulo é "O processo civilizador, volume 01: uma história dos costumes", também de Norbert Elias. Nessa obra, publicada no Brasil em 1990, o sociólogo alemão parte de uma problemática a princípio bastante simples, como demonstrou Tatiana Savoia Landini (2006):

> Se uma pessoa que vive em nossa época fosse transportada até tempos passados em sua própria sociedade, certamente veria um modo de vida muito diferente do seu, alguns costumes provavelmente lhe causariam asco, enquanto outros lhe causariam curiosidade e até atração – em suma, encontraria muito daquilo que vê em sociedades atuais às quais considera incivilizadas. Apesar de o problema ser bastante simples, as perguntas correspondentes a essa situação – como se deu essa mudança? em que consiste? quais são suas forças motrizes? – não comportam uma resposta rudimentar. São essas perguntas que O Processo Civilizador procura responder (2006, p. 91).

Um embate presente entre nativos e *outsiders* na região em estudo acontece justamente em torno da idéia de civilização: o que é ser civilizado, já que muitos "estrangeiros", em sua maioria gaúchos, donos de pousadas, se consideram desbravadores do lugar, salvadores de um povo que vivia na "Idade Média".

> [...] os nativos não tinham banheiro; cagavam no mato e jogavam seus lixos pela janela. Olha hoje, que evolução, até tomam banho. De quem você acha que seguiram o exemplo? Eles viviam na Idade Média, em economia de subsistência, olha só o que aprenderam com a gente, até fazer casinhas de aluguel e, pasmem, limpinhas.[84]

A Rodovia Brasil (BR)101 abriu caminhos (e/ou aprimorou os já existentes), facilitando a vinda de turistas, especialmente gaúchos, ao litoral centro-sul de Santa Catarina. Lugares como a região de Ibiraquera, com suas expressivas paisagens naturais, logo se tornaram um dos destinos preferidos daqueles que queriam fugir da correria das grandes cidades. Além dos turistas, a rodovia trouxe também algumas novidades próprias da modernidade, tanto em costumes quanto em artefatos tecnológicos. Zygmunt Bauman, sociólogo reconhecido por seus trabalhos sobre o fenômeno da globalização, salienta:

> A história moderna foi marcada pelo progresso constante dos meios de transporte. [...] Foi, antes de mais nada, a disponibilidade de meios de viagem rápidos que desencadeou o processo tipicamente moderno de erosão e solapamento da "totalidades" sociais e culturais localmente arraigadas (BAUMAN, 2000, p. 21).

Mas o que vem a ser essa modernização?

Marshal Berman (1982) sugere que vivemos em um "turbilhão" de modernidade, em um excesso de modernidade, capaz de tornar a novidade de ontem em objeto obsoleto num

---

[84] Este texto faz parte de um *e-mail* que circulou entre moradores estrangeiros de Praia do Rosa e que acidentalmente chegou às mãos de moradores nativos, isso em março de 2008. Tive acesso à mensagem através de um dono de restaurante nativo, que recebeu o *e-mail* por estar na lista de endereços dos responsáveis pela produção, visto que é membro da Associação de Empresários da Praia do Rosa. Além disso, os recepcionistas de pousadas, em geral nativos, têm por função abrir a correspondência e tomar as providências; assim, não houve invasão de correspondência alheia, até porque a mensagem não foi enviada somente para *e-mails* particulares, mas também para os comerciais.

“piscar de olhos”. Vivemos, portanto, um encavalar de temporalidades, já que um mesmo lugar pode abrigar sujeitos que vivem intensamente o ritmo do tempo do trabalho e da alta tecnologia, enquanto outros não acessam as “benfeitorias do progresso” e continuam a ter seu ritmo de vida desenhado em função do tempo da natureza.

A noção de tempo é bastante relativa, dependendo da forma segundo a qual é evocado. Do ponto de vista linear, o tempo persegue um *telos:* pressupõe que haverá um fim. Neste sentido, as ações do presente são pensadas na expectativa de um futuro próximo, ou seja, um julgamento final. O tempo cíclico nos reporta à “segurança” da repetição. Este seria o tempo previsível da natureza, baseado, por exemplo, nas fases da lua. Em outra perspectiva, podemos falar sobre um tempo em espiral, ou seja, tempo em que tudo é possível: repetições, estagnações, acelerações. Nessa forma de ver o tempo não há espaço nem perspectiva que aponte para um fim. Vive-se o “eterno presente”.

Nesse encontro com a modernidade, a sociedade local misturou-se com o novo, hibridizou-se. Em Homi K. Bhabha, e sua obra “O local da Cultura”, de 1988, e em Nestor Garcia Canclini, com suas obras “Culturas Híbridas” e “Consumidores e Cidadãos”, respectivamente de 1989 e 1995, busco subsídios para melhor compreender a transição de uma cultura dita tradicional, nativa, para uma cultura híbrida que o turismo, principalmente, ajudou a produzir.

Esta história de hibridismo me remete à infância. Peço licença, por isso, para um pouco de saudosismo. Sou filha de um pescador/lavrador e de uma costureira que, além de “bater na máquina” – como costumava dizer -, ajudava muito na produção de alimentos para o consumo de nossa família, composta de seis filhos. Cresci brincando entre as roças de mandioca, milho e feijão. Adorava fazer “trancinhas nos cabelos das bonequinhas de milho”, brincadeira que muito incomodava meus pais, já que estragava a espiga em formação. Era muito bom passar a tarde tomando banho de lagoa e voltar pra casa e encontrar uma “panelada” de milho cozido à espera.

O milho era base de nossa alimentação, assim com os outros produtos agrícolas já citados. Então minha mãe “descobriu” a existência de sementes de milho híbrido, que garantiam a produção de espigas perfeitas, ótimas para alimentação, para ser utilizado, verde ou maduro, na produção da farinha. Naquela época eu pensava que só o milho tivesse mudado; agora, eu entendo que não foi só o milho que se tornou híbrido, mas que com ele vieram outras práticas que tornaram também o nosso modo de viver híbrido, juntando passado e presente numa simbiose que iria produzir um futuro muito diferente do até então imaginado.

Porém, se em termos biológicos, como no caso das sementes, o conceito de hibridização se mostra de fácil compreensão, "nas ciências sociais sua compreensão é acompanhada por muitas dificuldades", alerta Nestor Garcia Canclini (2008, p.18).

Passadas as reminiscências, retomo o foco do estudo, enfatizando que o presente capítulo contempla ainda as (re)invenções nas construções dos sujeitos que compõem o que provisoriamente chamo de comunidade tradicional extrativista de pescadores artesanais como um segmento social capaz de intervir no cenário político da região. É na introdução de "A Invenção das Tradições", obra de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, publicada em 1984, que busco subsídios teóricos para refletir sobre a forma como a idéia de tradição, de cultura tradicional, se torna lugar-comum entre as pessoas. Utilizo tais referências para entender o fenômeno registrado entre os moradores nativos do entorno das lagoas de Ibiraquera e Garopaba. Começo por admitir como explicação o elemento "invenção de tradição", que José Maurício Andion Arruti identifica na obra dos citados autores:

> Hobsbawm e Ranger chamaram de "invenção de tradição" a uma reapropriação de velhos modelos ou antigos elementos de cultura e de memória para novos fins, em que o passado serve como repertório de símbolos, rituais e personagens exemplares que até então poderiam ser desconhecidos pela maior parte da comunidade (ARRUTI, 1997, p. 27)

Arruti (1997, p. 28) alerta para o fato de que invenções são comuns em qualquer organização social e que, portanto, não se deve "atribuir a esse movimento analítico um sentido negativo, associado às idéias de falsidade, manipulação, artificialismo etc."

Isto me permite e estimula a traçar um perfil da região, contemplando seus aspectos históricos, econômicos e culturais, fazendo uma descrição dos fenômenos considerados importantes na atual configuração social. Dessa forma, contextualizo o *locus* do estudo, apresentando primeiramente o lugar, com sua gente – os nativos, suas falas, seus valores, suas crenças, seus costumes -, e o caldeirão cultural em que depois a região se transformou com a chegada dos "outros". Saliento que o uso do termo nativo se restringe aos pertencentes à população inicial, original ou mais tradicional, da região. Assim, não engloba os filhos de não-nativos nascidos e/ou criados nas localidades do complexo lacunar de Ibiraquera e Garopaba. O uso dessa acepção tem por suporte teórico a definição elaborada por Norbert Elias e John L. Scotson (2000) para o conceito de estabelecidos em oposição a "*outsiders"*.

Na obra "Os estabelecidos e os outsiders", eles descrevem e analisam o modo como um grupo "estabelecido" na aldeia de Winston Parva - Inglaterra - havia mais tempo se relacionava com o grupo dos que chegaram mais tarde e eram vistos pelos antigos moradores

do lugar como "*outsiders*", isto é, como gente de fora e, por essa razão, sem direitos de plena cidadania na vida local. O segmento "estabelecido" contava já com três gerações de ascendentes e se julgava detentor de direitos especiais. Tinha dificuldades em aceitar o segundo grupo, que chegara à região em uma fase recente da industrialização, após a segunda guerra mundial. Mesmo depois de vários anos, esse grupo continuava sendo visto e tratado pelo primeiro como estrangeiro e intruso.

Na obra de Norbert Elias, escrita com John Scotson, os estabelecidos são os grupos ou indivíduos que ocupam posições de prestígio e de poder em uma comunidade; os *outsiders* são justamente as pessoas que se encontram totalmente fora deste tipo de situação. Desse modo, "superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o binômio estabelecidos-*outsiders* ilumina exemplarmente" (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 8).

Embora a comunidade se mostrasse, aparentemente, homogênea, uma investigação mais minuciosa revelou que apresentava uma fissura entre, de um lado, o grupo residente no bairro denominado "aldeia", que se via e era visto pelos demais como o "*establishment*" local e, de outro, as famílias moradoras no relegado "loteamento", que se viam e eram considerados como "*outsiders*" (os de fora, os outros). Apesar de todos serem trabalhadores e viverem em situação socioeconômica semelhante, os primeiros justificavam sua "superioridade" e poder com base num princípio de antiguidade, pois estavam ali instalados havia duas ou três gerações, enquanto os demais eram "recém-chegados".

As crenças, valores e princípios comportamentais vigentes em Winston Parva não se devem seguramente a diferenças de classe social, salário ou religião ou à maior ou menor fatia de poder que cada um dos dois segmentos daquela população possui, reivindica ou se atribui. O determinante parecem ser as representações sociais de poder que os dois agrupamentos fazem um do outro e de si próprios.

Esta cesura que dividia os grupos estudados por Elias e Scotson é semelhante à existente entre os moradores da região de Ibiraquera. Afinal, para ambos os grupos a própria história é mais valiosa, a que merece ser narrada e guardada na memória coletiva. Quem mais se preocupa com o esquecimento são os nativos, pois temem que a história dos *outsiders* prevaleça e que, passados alguns anos, contem uma história da região de Ibiraquera num *continuum*, ou seja, que a população local aceitou sem reações a inserção de novos elementos em sua tradição cultural, escondendo as tensões do processo. Este também era o receio de Walter Benjamin: que a escrita da história permita os buracos do esquecimento.

Jeanne Marie Gagnebin (2004, p. 100) afirma que "o que a história tradicional quer apagar são os buracos da narrativa que indicam tantas brechas possíveis no *continuum* da dominação". Assim, a importância da incompletude, da cesura está no fato de não permitir que se tome a história com um movimento natural e orgânico; ao contrário, a cesura adverte que a história não segue por si só, mas resulta de decisões singulares e arbitrárias, ou seja, o historiador faz escolhas que podem levar a distintas versões.

Jeanne Marie Gagnebin (2004, p. 106) lembra ainda a "pretensão de absoluto e de infinito de um discurso que funda sua competência no seu próprio desenvolvimento". O despertar de uma mera contemplação histórica é, portanto, marcado pela cesura com a qual não se pretendem preencher vazios com a massa dos fatos, mas fazer do passado uma experiência única, carregado de "agoras", ou seja, de "instantes que escrevem história para si mesmos e que detonam o *continuum* da História" (RODRIGUES, 2006, p. 72)

Atenta a esses "buracos" de uma história que não se faz por si mesma, retomo as divergências entre os moradores da região em foco, remetendo-me às generalizações que tanto moradores tradicionais nativos quanto gaúchos costumam fazer a respeito uns dos outros: "Algumas pessoas do nosso lugar têm o hábito de generalizar os gaúchos: Ah! Os gaúchos não prestam!", falou empresário nativo Maro Odi de Souza[85] ou, da mesma forma, acusações de parte dos estrangeiros[86], conforme as relatadas no *e-mail* intitulado "Mantendo a pose...", que circulou entre os estrangeiros e, acidentalmente, acabou nas mãos de alguns nativos, em março de 2008. A mensagem foi então impressa e circulou entre todos moradores, provocando um misto de indignação e tristeza.

Esse *e-mail* partiu de um colunista gaúcho, conhecido como Barão, radicado há cerca de vinte e cinco anos na Praia do Rosa. Ele se dizia inconformado com a promoção de um mutirão de limpeza das ruas por donas de pousadas oriundas da capital gaúcha, mas também radicadas no Rosa há bastante tempo. Dizia a mensagem:

> Bom dia tradeiros[87] e adjacentes, tentei me segurar mas não adianta, não consigo mesmo engolir as coisas, tenho que cuspir fora pra não me envenenar. Acho que precisamos ter muito cuidado com o nível de exposição a que estamos nos auto-submetendo com esse lance de mutirão de limpeza. Sempre concordei que ajudar manter a praia limpa era uma atitude saudável e agregava a nossa comunidade, mas daí a limpar o lixo da nativada lá do Baixo Rosa acho um pouco demais.

[85] SOUZA, Maro Odi de. Imbituba/SC. Entrevista concedida à autora em 12 out. de 2009.
[86] Estrangeiros, ou *outsiders*, cfr. Elias e Scotson, op. cit.
[87] O termo é uma gíria utilizada pelos gaúchos com o sentido de viajantes, ou seja, de pessoas que vivem na Praia do Rosa, mas não são nativos.

> Principalmente porque os únicos bicas[88] presentes eram os funcionários das pousadas, levados na ponta da chibata... Não falo nem por mim, que sou chinelo mesmo e a princípio não teria impedimento maior em meter a mão nas larvas, mas acho um absurdo as "primeiras damas" da nossa comunidade [...] estarem de quatro juntando restos da frente da casa da biquirada[89], que ficam só tirando sarro da nossa cara sem participar. [...] isso não é cidadania, é populismo chinfrim e demagogia, que sem dúvida desprestigiam as senhoras envolvidas e não acrescentam nada de bom à diáspora entre gaiúnchos e os biquiras... Vamos preservar a moral e o respeito que levamos tantos anos para conquistar, minha gente!!![90]

No que foi respondido por uma das "Damas do Rosa":

> Querido Barão, sei que a tua intenção é a melhor, mas não vejo em momento algum vergonha em educar um povo, que precisa no mínimo do nosso exemplo. Boto a mão na massa sim, mas com toda a humildade, pois não sou melhor do que ninguém, só por que tenho uns pilas a mais e uma educação melhorzinha. Acho que é nosso dever e inclusive obrigação, é darmos o exemplo de cidadania. Hoje fui à academia logo cedo, e vi nas casas de aluguel do Seu Domingos (pra quem não sabe quem é, é o pescador que mora na esquina em frente ao Mercado Rosa, e que tem aquelas casinhas de aluguel em frente) gente limpando o seu terreno, pedido feito por mim ontem [...]. Com certeza ficaram com vergonha e limparam [...] Por favor, me deixe sonhar. Não faz tanto tempo assim, você com certeza se lembra, quando morávamos aqui, os nativos não tinham banheiro, cagavam no mato e jogavam seus lixos pela janela. Olha hoje, que evolução, até tomam banho. De quem você acha que seguiram o exemplo? Eles viviam na Idade Média, em economia de subsistência, olha só o que aprenderam com a gente, até fazer casinhas de aluguel, e pasmem, limpinhas. Por isso e tudo mais, prefiro seguir dando o exemplo a ficar com as mãos cruzadas e vendo o Rosa afundar no lixo. Mas alguém tem que fazer o papel de Barão, não é mesmo? (hahahahaha)[91]

Este incidente exaltou os ânimos e o que estava latente desde os primeiros encontros entre nativos e estrangeiros, ou *outsiders*, com sugerem Elias e Scotson (2000), acabou sendo externado. A mensagem foi lida nas rádios dos municípios de Imbituba e Garopaba e provocou discursos acalorados e ressentidos. O fato é que todos os nativos, inclusive eu, nos sentimos humilhados pela forma como nossa cultura foi exposta. Foi triste saber o que realmente alguns *outsiders* pensam a nosso respeito, como nos ignoram e nos veem como atrasados, não civilizados.

---

[88] O termo bicas/biquiras é uma forma pejorativa, utilizada pelos gaúchos, para identificar as pessoas nativas de Ibiraquera. Por outro lado, existe um termo recorrente entre os nativos que significa que a pessoa é de Ibiraquera: beraquera.
[89] Idem.
[90] A mensagem do *e-mail* circulou entre os moradores da região de Ibiraquera em março de 2008.
[91] SOUZA, Maro. O. Ibid.

Na verdade, os "Dinos do Rosa"[92], como os chamou o empresário nativo Maro Odi de Souza, sentem-se e se comportam como detentores de uma cultura superior e, por isso, responsáveis por terem trazido a civilização à região do entorno da Lagoa de Ibiraquera.

> Pouco tempo atrás eu tive dentro de uma polêmica por causa de um *e-mail* que circulou e eu sofri com o que foi dito. Se tu lesses, tu sabes. Eu fui contra a atitude dela [Susana]. Eu gosto de história, desse negócio de como era a nossa vida antes. Se agora tem lixo é porque veio com o turismo, nós não tínhamos lixo aqui, os restos de alimentos nós alimentávamos os animais domésticos. A época da embalagem não era a nossa época, foram eles que trouxeram pra cá. Se ela acha que nós não tomávamos banho, eu tomava banho sim, de gamela e depois de banheira, com água jogada de balde encima [da gente], então ela tá enganada. Coloquei minha posição, fiquei triste, sofri muito. O que ocorre aqui é o seguinte: é um conflito de cultura, um choque de cultura, porque nós temos a nossa cultura, apesar de já termos botado muita coisa de fora. Eu digo em reuniões pra eles, eu fico triste, porque na realidade na época que eles vieram para cá eles não tinham dinheiro pra nada, eles viviam no engenho do Seu Dorvino, comendo o que tivesse, claro que eles traziam umas bolachinhas também, mas sempre foram bem acolhidos pelo Seu Antonio Pedro, pelos nativos nossos daqui e alguns deles resolveram ficar, acharam o lugar lindo. Ótimo! Só que eles não quiseram se misturar na cultura, até porque eles vêm de uma geração, geralmente são descendentes de alemão, que são destruidores por natureza, de praias principalmente, é só tu olhar a região norte de Santa Catarina e ver onde que eles fizeram os prédios, na beira da praia. Uma visão mais ecológica? Eles não vieram com isso aí, eles tentaram preservar uma parte, só que depois que se acharam com um dinheirinho a mais, porque praticamente ganharam de graça as terras, que na época não tinham valor, conseguiram se estabilizar aqui na Ibiraquera, hoje a gente tem até orgulho das pousadas deles, que são bonitas e eles não têm orgulho de pegar isso aqui preservado e dar esse valor pra nós, eles não retribuem isso, eles, às vezes, ofendem a gente... Então [os gaúchos] acham que tão um pouco acima porque têm conhecimento, não cultura, cultura é outra coisa, têm um conhecimento um pouco maior do mundo porque tiveram mais chance de viajar e tal e isso magoa a gente em certas coisas e a gente fica chateado.[93]

Parece-me que a presente relação entre estabelecidos e *outsiders*, entre os moradores da região que abrange parte dos municípios de Garopaba e Imbituba, nosso recorte espacial de estudo, acontece "às avessas", ou melhor, a relação de poder vem se invertendo em prol dos *outsiders*. Penso assim porque o grupo de estrangeiros, aqui os *outsiders*, se sente superior financeira e culturalmente em relação aos nativos/ estabelecidos. Se no estudo de Elias e Scotson (2000) eram os estabelecidos que estigmatizavam os *outsiders*, na situação em estudo são os *outsiders* que estigmatizam os estabelecidos.

No caso estudado por Elias e Scotson, os *outsiders* estavam em desvantagem em relação aos estabelecidos e não conseguiam "cerrar fileiras" contra eles por falta de coesão grupal. Mesmo que todos fossem operários e tivessem o mesmo nível de renda e escolaridade, não tinham um passado comum, já que provenientes de diferentes lugares. As miudezas da

---

[92] Maro Odi de Souza explicou que costuma chamar os donos das maiores e mais luxuosas pousadas da Praia do Rosa de "Dinos", no sentido de dinossauros, de grandes.
[93] SOUZA, Maro O. de. Ibid.

vida não eram compartilhadas; cada família trazia uma carga de costumes próprios da região de origem. Ou seja, “Um [grupo] era estreitamente integrado e o outro não” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 24). Esse fator era o diferencial na relação de poder.

Nas comunidades constituídas no entorno das lagoas de Ibiraquera e Garopaba após a chegada dos novos moradores – os gaúchos -, mesmo que os estabelecidos tivessem uma história comum e mantivessem estreitos laços de pertença, os estrangeiros também tinham uma “tradição cultural própria” que impulsionou sua coesão, possibilitando que “cerrassem fileiras” contra os estabelecidos. “Um dos fatores capazes de modificar o impacto da situação dos membros dos grupos de *outsiders* é sua posse de uma tradição cultural própria” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 31).

Além da tradição cultural própria do grupo de gaúchos, também foi determinante na virada de poder o fator econômico. No início da “era turística”, as terras não tinham valor comercial e os forasteiros as compravam por valores irrisórios. Era comum, inclusive que, ao invés de dinheiro, oferecessem objetos modernos (rádio a pilha, televisão a bateria) em troca de um pedaço de terra. É justamente aí que está o “pulo do gato”: as terras pouco valorizadas pelos nativos, no alto dos morros e à beira do mar, foram justamente as vendidas aos gaúchos. Eles foram construindo casas, a princípio para passar as férias e feriados prolongados; depois, algumas dessas casas se transformaram em pousadas. Quando os nativos se deram “por conta”, já estavam morando no “Baixo Rosa”, como o Barão denominou no *e-mail*.

Os nativos tentaram acompanhar os *outsiders* e começaram também a alugar suas próprias casas, mas não podiam cobrar os mesmos valores das pousadas, já que estas eram mais bem localizadas e ofereciam serviços de qualidade. De meros visitantes de verão, os *outsiders* se transformaram em empresários. As “beiradas de terra”, sem valor, se transformaram em refúgios paradisíacos que enchem os olhos dos atuais turistas.

Os engenhos da farinha da região, aos poucos, foram sendo desmontados e as velhas prensas e demais instrumentos rústicos foram substituídos por motores elétricos até finalmente serem totalmente abandonados. Aquela “coisarada” sem valor era dada pra quem quisesse carregar. Hoje, essa “parafernália” decora requintados ambientes de pousadas e restaurantes acessíveis aos nativos somente como empregados de escalas inferiores: faxineiras, camareiras, ajudantes de cozinha, vigias... etc., levados muitas vezes na “ponta da chibata”, como também mencionado no *e-mail* do Barão.

Retomando a fala do empresário Mario Odi, observa-se que ele salienta “não ser a nossa época” a época do lixo inorgânico, que foram os *outsiders* que o trouxerem, com suas

bolachinhas em embalagens plásticas e seus copos descartáveis, por exemplo. Evidentemente, este é o ponto de vista de um morador ressentido com a forma como certos gaúchos se referem aos nativos, tratando-se de um anacronismo ingênuo. O lixo não foi necessariamente trazido pelos turistas; na verdade, com o aumento do fluxo de pessoas na região ele se tornou mais visível.

Também as drogas, como a maconha e a cocaína, não faziam parte do modo de vida nativo; elas vieram com a intensificação do turismo, o que não significa dizer que os nativos estivessem livres do uso de bebidas e cigarro. Se hoje se morre de overdose, antigamente morria-se de cirrose em função do vício do álcool.

Na década de 1970, o escritor, dramaturgo e jornalista gaúcho Caio Fernando Loureiro de Abreu[94], que muito provavelmente visitou Garopaba e em 1977 escreveu o conto "Garopaba *mon amour*", descreve, num olhar muito próprio, o modo como a modernidade chegou à região:

> Foram os primeiros a chegar. Durante a noite, o vento sacudindo a lona da barraca, podiam ouvir os gritos dos outros, as estacas de metal violando a terra. O chão amanheceu juncado de latas de cerveja copos de plástico papéis amassados pontas de cigarro seringas manchadas de sangue latas de conserva ampolas vazias vidros de óleo de bronzear bagas bolsas de couro fotonovelas tamancos ortopédicos. Pela manhã sentaram sobre a rocha mais alta, cruzaram as pernas, respiraram sete vezes, profundamente, e pediram nada para o mar batendo na areia.

Assim, o que convencionamos chamar de modernidade e seus artefatos chegou à região na esteira do turismo (iniciado mais propriamente com os gaúchos). A partir de então, a população nativa passou a conviver com as novidades tentando, através da renda proporcionada pela nova atividade econômica, a melhorar suas condições de vida, o que lhes permitiu os "confortos" próprios dos novos tempos. É preciso que se diga, desde logo, que isto não se deu (nem se dá) de modo tranquilo, sem tensões.

De repente, os "horizontes de expectativas", usando um termo bem conhecido de Reinhart Koselleck, transformaram-se, dirigindo-se para um além incerto, nebuloso e bastante hibridizado. A chegada dos estrangeiros deixou os moradores nativos desorientados: por um lado, pensavam na segurança da tradição, da singularidade e da repetição de comportamentos

---

[94] Caio Fernando Loureiro de Abreu (Santiago, 12 de setembro de 1948 — Porto Alegre, 25 de fevereiro de 1996) foi jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro. Apontado como um dos expoentes de sua geração, sua obra, escrita num estilo econômico e bem pessoal, fala de sexo, de medo, de morte e, principalmente, de angustiante solidão. Apresenta uma visão dramática do mundo moderno e é considerado um "fotógrafo da fragmentação contemporânea". Disponível em: *<200.201.8.27/index.php/linguaseletras/article/download/778/659>* Acesso em: 12 maio 2010.

e ações há muito definidas a aceitas como corretas; por outro, sentiam-se tentados a experimentar o novo. Este sentimento é muito bem ilustrado por Homi K. Bhabha:

> O "além" não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas nesse *fin de siècle*, encontramo-nos no momento em que espaço e tempo de cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no "além": um movimento exploratório incessante, para lá e para cá, para a frente e para trás (BHABHA, 1998, p. 19).

Não se trata de colocar os nativos na condição de vítimas. Na verdade, após a intensificação do fluxo turístico, os nativos passaram a questionar seus próprios padrões de comportamento e a pensar em "estratégias para entrar na modernidade", ou em táticas que lhes possibilitassem inserir-se no contexto social que se desenhava. Excessos foram cometidos; confusões foram feitas: o sexo, antes tabu, serviu, para muitas garotas, como forma de inserção, da mesma forma que o consumo excessivo de bebidas e de drogas, como maconha e lança-perfume.

Até mesmo o sotaque precisava ser alterado. Os jovens adotaram o jeito de falar do pessoal de fora, mais especificamente dos gaúchos, pois o "falar cantado" dos "catarinas" era motivo de piadinhas nas rodas sociais. Elias e Scotson também chamaram a atenção para o sotaque como reforço de estigma:

> O fato de os membros [...] de um grupo falarem com um sotaque e uma fluência diferentes a língua em que ambos se expressam serve apenas como um sinal de reforço que torna os membros do grupo estigmatizado mais fáceis de reconhecer sua condição (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 32)

Os anos da década de 1980 mostraram à região de Ibiraquera e adjacências que o modo de vida da década anterior estava definitivamente ficando para trás. Na década de 1970, os moradores de Garopaba e região viviam uma vida pacata, distante das vantagens e desvantagens do "progresso". É também no conto de Loureiro de Abreu - "Garopaba *mon amour*" (1977) - que encontramos uma referência ao modo de vida simples de uma família de pescadores: "Luiz delira com malária no quarto. Minerva decepa com gestos precisos a cabeça e a cauda dos peixes. Os gatos rondam. Jair João Ribeiro está no mar pescando. Ou na putaria, ela diz."[95]

---

[95] Idem.

Mais interessante ainda é confirmar com o próprio Jair João Ribeiro a passagem em questão. Hoje, aos 67 anos, o então personagem é presidente da Colônia de Pesca Z13 de Garopaba e, coincidentemente, um dos entrevistados selecionados para o presente estudo. Ele não sabia da existência do conto, mas pensa ser possível que os personagens citados na trama de Loureiro de Abreu realmente se refiram à sua família Em sua entrevista, falou também sobre sua juventude e suas peripécias amorosas:

> Coitada da Minerva. Aqui na Garopaba não tinha bem putaria, mas tinha esculhambação. A mulherada, tinha uma porção de mulher andando aí, mulher da vida que gostava de furuncar (risos). Tinha uma porção de mulher aí que gostava de furuncar. Dizem até que eu tenho uns filho aí pela rua: tenho um filho lá no RJ, a mãe dele era filha do gerente do banco; era nortista. Foi quando eu trabalhei em Angra dos Reis por treze anos de pescador. Eu tenho uma rapariga em Lages. É igual à Batata[96], filha da Niba; era uma "fema" minha (risos). [97]

Certamente, a cena narrada por Loureiro de Abreu em que a esposa Minerva diz que o marido poderia estar na putaria é um relato de parte do cotidiano de uma família garopabense da década de 1970. Esta é uma característica da sociedade machista daquela época (mas muito atual), em que a mulher se submetia aos caprichos do marido, mesmo que fosse o hábito constrangedor de freqüentar casas de prostituição e sair contando vantagem, ignorando os sentimentos da companheira.

Bem, a princípio este capítulo está voltado às experiências dos nativos e suas ações, porém, é importante ressaltar que a fase em que havia poucos contatos com os grandes centros regionais, em especial com Porto Alegre, encontra seu fim com turismo, isso lá pelo final da década de 1970 e, mais intensa e definitivamente, na década de 1980. Penso até que se pode falar em termos de uma revolução nos usos e costumes, já que o modo de vida das pessoas foi, de repente, transformado: luz elétrica, fogão a gás, geladeira, televisão, automóveis, supermercados, consumo. "As identidades atualmente se configuram no consumo, dependem daquilo que se possui ou daquilo que pode se chegar a possuir". (CANCLINI, 2008, p.30)

É relevante insistir: o que procuro é sublinhar um panorama geral das diferenças sociais que compõem o cenário das comunidades estabelecidas no entorno das lagoas de Ibiraquera e Garopaba e, assim, entender melhor as razões que levaram um grupo a se reconhecer como pescadores artesanais, herdeiros de uma cultura local tradicional e outro, a rejeitar esta identidade, afirmando que não existe mais pesca artesanal capaz de sustentar as famílias e que é o turismo que rege a economia da região.

---

[96] Apelido de uma das filhas de Jair João Ribeiro com sua esposa Minerva.
[97] RIBEIRO, Jair. J. Garopaba/SC. Ibid.

Para dar conta deste propósito, estruturei o capítulo da seguinte forma: apresento a região do entorno da Lagoa de Ibiraquera do ponto de vista histórico, falando da chegada dos primeiros moradores e dos núcleos familiares por eles constituídos; das práticas de subsistência, com destaque para a lavoura e a pesca; da relação entre as comunidades e as mudanças sociais, culturais e espaciais experimentadas após o advento do turismo.

Procuro agora encarar o despertar da comunidade extrativista de pescadores artesanais nativos como segmento social capaz de intervir no cenário político da região. Em outras palavras, importa-me, na etapa atual do estudo, levantar a história do lugar, enfatizando a região de Ibiraquera como área de conflitos por conta da apropriação e do uso do meio ambiente.

Entende-se que valores e crenças são, eles mesmos, forças materiais que mobilizam a ação, organizam massas humanas, formam identidades sociais e criam o terreno sobre o qual os homens se movem, forjam a consciência, lutam por direitos. Práticas, representações, costumes, linguagens, por conseguinte, ordenam a sociabilidade e fazem história.[98]

A preservação do meio ambiente é somente uma dimensão ou um lado da moeda; o outro seria a preservação das diferenças culturais. Assim, entende-se que a compreensão e a atuação sobre o local e o território não se restringem ao espaço físico, geograficamente limitado, mas a um espaço que tem uma história, uma cultura. O agir transformador implica consciência e compreensão do processo histórico aliado à preservação de características ambientais, sem reduzir o papel dos sujeitos a meros admiradores do mundo natural.

Não basta olhar para um lugar e vislumbrá-lo com um "pedaço de paraíso", tão belo e fascinante que deva ser preservado como quem guarda um retrato, reforçando o mito da "natureza intocada"[99]. É preciso considerar que aquela paisagem pode estar repleta de gente, de falas, de costumes e (res)sentimentos. Um lugar paradisíaco não é necessariamente despovoado. Se, por um lado, a paisagem de Ibiraquera encanta os olhos dos visitantes, por outro lado é um lugar vivo, não só de fauna e flora, mas principalmente de pessoas que ali construíram suas vidas, sonharam seu futuro e sorriram e/ou choraram seu presente.

---

[98] VIÉGAS, R. Conflitos ambientais e lutas materiais e simbólicas. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, vol. 19 América do Sul, 2009. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewArticle/13564> Acesso em: 20 mai. 2010.

[99] Diz respeito à criação de áreas naturais protegidas que deveriam permanecer intactas, de acordo com a idéia, de origem cristã, de paraíso perdido. Este mito foi duramente criticado por Antonio Carlos Diegues na obra "O mito moderno da natureza intocada", publicada em 2003. O texto alerta para novos caminhos da conservação da natureza que levem em consideração os habitantes locais e sua influência positiva na manutenção da diversidade biológica.

Este lugar tem características ímpares, a começar por seu território, repleto de "fronteiras deslizantes". Por se localizar na zona costeira, a região de Ibiraquera, na conceituação de José Milton Andriguetto Filho:

> [...] pode ser conceituada de uma forma simples como a interface ou espaço de transição entre a terra e o mar, entendidos como grandes domínios ambientais. É a parte da terra afetada por sua proximidade ao mar, e a parte do oceano afetada por sua proximidade à terra. É uma área em que processos dependentes da interação entre geosfera, hidrosfera e atmosfera são mais intensos e diretos. A zona costeira se caracteriza, portanto, por sua tridimensionalidade, pelo encontro das águas (doces e salgadas) com a terra e a atmosfera, e por sua "fluidez", de água e de ar, mas também de gente, embarcações, mercadorias e significados. Como espaço físico, é de certa forma indeterminado, já que a definição de limites físicos passará sempre por uma escolha social mais ou menos arbitrária. É antes um território culturalmente construído do que um espaço fisicamente dado (ANDRIGUETTO FILHO, 2004, p. 189).

Quando se fala em Ibiraquera, não se fala em um bairro ou comunidade específica. Fala-se, na verdade, de um punhado de comunidades que têm em comum a proximidade com a Lagoa de Ibiraquera. Esta região abrange partes dos municípios de Garopaba e Imbituba, no litoral centro-sul do estado de Santa Catarina e recebe tal denominação justamente em função da Lagoa de Ibiraquera, que, por sua vez, é constituída por quatro lagoas menores, ligadas entre si: Lagoa de Cima, Lagoa do Meio, Lagoa de Baixo e Lagoa do Saco. As comunidades de Campo D'Una, Limpa, Grama e Ouvidor pertencem ao município de Garopaba; já as comunidades de Ibiraquera (ou Teixeira, como as pessoas do lugar costumam falar) - Praia do Rosa, Araçatuba, Arroio, Alto Arroio e Barra - pertencem ao município de Imbituba, como se pode conferir na figura 3.

É recorrente, inclusive na mídia, uma confusão que deixa os moradores de Imbituba bastante chateados: muitas vezes a Praia do Rosa é citada como pertencente ao município de Garopaba. Isto se explica pela indefinição de fronteiras, territorialmente falando, e pelo trânsito de pessoas. Para novos moradores e diversos visitantes, qualquer local que fique nos arredores de Ibiraquera é considerado, ou melhor, é chamado de Rosa, afinal, morar no Rosa ou estar de férias no Rosa é bem mais "glamoroso" de que dizer que se ficou numa pousada na Limpa ou que moro na Grama. Assim, "tudo" é Rosa, não importa se Imbituba ou Garopaba; o que vale é estar e/ou viver no Rosa.

A Praia do Rosa, inegavelmente, é o cartão de visitas da região. Eleita uma das trinta mais belas baías do mundo[100], tornou-se referência pela exuberante natureza, por ondas

[100] A Praia do Rosa é a única baía brasileira a fazer parte do seleto Clube das Mais Belas do Mundo. O título, ganho em 2003, uma espécie de selo de qualidade, foi concedido pelo Club des Plus Belles Baies du Monde,

perfeitas que, dependendo do dia, quebram no Rosa Sul ou no Rosa Norte, e por suas pousadas e restaurantes requintados. Além disso, as vielas e caminhos antigos, como o do Rei[101], dão um charme todo especial ao lugar. Na alta temporada, as baladas entram noite a dentro e o movimento de pessoas e automóveis nas ruas faz pensar que estamos em um grande centro. No inverno, a vida retoma o ritmo suave da natureza: pouco barulho, conversas de boteco, pesca da tainha, um ou outro engenho de farinha (teimoso) exalando um "cheiro de antigamente" pelo ar. É possível ouvir o cantar dos galos e carros de boi no silêncio das madrugadas. Esse silêncio, essa calmaria do inverno apraz somente aos ouvidos de alguns privilegiados – aqueles que têm renda proveniente de outra fonte que não seja o turismo. São principalmente os trabalhadores braçais, como faxineiras, pedreiros, ajudantes de pousadas e restaurantes que vêm seus recursos terminarem antes de o verão chegar.

Antes de falar das histórias das gentes do entorno da lagoa de Ibiraquera, preciso informar que a construção deste item se pauta em meus próprios conhecimentos, advindos da tradição oral da região, pois, como já expus, "conto" uma história do lugar em que nasci, cresci e vivo. No entanto, como afirma Paul Ricoeur:

> Uma vez que entendemos por tradições as coisas ditas no passado e transmitidas até nós por uma cadeia de interpretações, é preciso acrescentar uma dialética material dos conteúdos à dialética formal da distancia temporal; o passado nos interroga e questiona antes que o interroguemos e o questionemos (RICOEUR, 1997, p. 381).

Por isso, também entrelaço as falas de moradores nativos entrevistados durante o processo de pesquisa. Saliento que as entrevistas foram bastante informais, do tipo "jogando conversa fora", pois os entrevistados eram pessoas próximas, amigas, com quem costumo conversar de vez em quando. Assim, tendo a distanciar-me para poder entender o que sempre esteve muito próximo, ou seja, procuro não priorizar somente a história que já apreendi, mas oportunizar que outros deem respostas ao passado que nos questiona.

Portanto, o que apresento é uma tentativa de reencontro do passado do ponto de vista de quem o viveu, cedendo espaço à subjetivação do vivido pela imaginação e o simbolismo. As conversas entre uns e outros constituem uma das formas mais eficazes de registrar o

---

uma organização não-governamental com sede em Paris. A Praia do Rosa foi selecionada por fazer parte da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca, por ser núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, pela beleza cênica e por sua preservação ambiental. Disponível em: <http://www.tgonline.com.br/noticias/destinos/praia-do-rosa-participa-do-congresso-das-baias-mais-belas-do-mundo-em-portugal/> Acesso em: 20 jun. 2010.

[101] Diz a lenda que diversos tesouros foram escondidos na trilha que o Rei D. João VI percorreu quando esteve de passagem pela região. A antiga trilha leva a vários recantos, ainda hoje preservados. O Caminho do Rei possui cerca de 6 quilômetros e segue da Praia do Rosa até a Praia do Luz.

passado, principalmente no que há de mais peculiar em cada região. Para Sônia Maria de Freitas:

> As pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a história tem sido transmitida de boca em boca. Pais para filhos, mães para filhas, avós para netos; os anciãos do povoado para geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos; todos, a seu modo, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão-lhes significado, mantêm viva a memória coletiva. Mesmo na nossa época de alfabetização generalizada e de grande penetração dos meios de comunicação, "a real e secreta história da humanidade" é contada em conversas e a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros (FREITAS, 2002, p. 17).

As populações residentes no entorno das Lagoas de Ibiraquera e Garopaba, por muito tempo, tiraram sua sobrevivência da pesca artesanal, sendo o peixe, o camarão e o siri, com a farinha de mandioca, sua base alimentar. Era uma vida simples, em que a preocupação maior das famílias era ter o básico da alimentação. Quem tinha melhores condições costumava "criar um gadinho"; isso garantia carne para os "tempos de miséria" e leite para alimentar as crianças; para quem não podia contar com o "luxo" de ter uma vaca leiteira, o jeito era usar o que tinha à disposição. Assim, muitos bebês foram alimentados com "mingau de açúcar" – uma mistura de água, farinha de mandioca e açúcar.

Esta mistura pouco nutritiva foi responsável pela morte de muitas crianças. É difícil conversar com uma pessoa idosa que não tenha perdido um ou mais filhos ainda bebês. Naquela época, "as bruxas" eram responsabilizadas pela mortalidade infantil. Lembro de minha avó paterna contar: "Quando a minha menina morreu, tinha uma coruja que toda noite piava em cima da casa; voava até a porteira do pasto e voltava. Tava dando sinal que as bruxas vinham buscar a menina. Quando o menino morreu, foi do mesmo jeito". [102]

Existem evidências de que esses povoados apresentam vestígios de uma cultura tradicionalmente (re)conhecida por açoriana, a exemplo de outras comunidades do litoral catarinense. As crenças religiosas, como o hábito ainda recorrente da Bandeira do Divino Espírito Santo visitando as casas e tirando versos em troca de algumas moedas, ou de um pouso para passar a noite; os festejos juninos para Santo Antonio, São João e São Pedro; as folias de Boi Vendouro[103], que sempre dão um jeito de driblar a polícia; os Ternos de Reis, acordando o pessoal nas noites quentes de janeiro para cantar versos que valem um "gole de

---

[102] Entre as lembranças que guardo de minha infância, as conversas com minha "Vó Othília" são as mais significativas.

[103] Meu trabalho de Conclusão do Curso de História, apresentado em 2006, trata especificamente da hoje chamada Farra do Boi, mas conhecida pelos moradores de Garopaba e Ibiraquera como Brincadeira de Boi Vendouro.

pinga" ou uma "mão cheia de balas", dentre outros usos, demonstram o quanto a chamada cultura açoriana ainda está viva na região.

Destaca-se, também, a forte presença negra, inclusive com um grupo atualmente reconhecido como Remanescente de Quilombo, que é denominado e se autodenomina Aldeia. Este lugar não está indicado na figura 3 porque seus moradores da se sentem parte do bairro Campo D'Una. Isto faz sentido, pois todos os serviços públicos - como escola, correio, posto de saúde, além de igrejas e comércio - ficam no que podemos chamar de Centro do Campo D'Una. Manoel dos Passos Matias Pereira, professor (37 anos), líder do grupo, diz que "aqui é o Campo D'Una; Aldeia é só uma forma de especificar o lugar". [104]

Conta Laudelino Antônio Teixeira, 76 anos, pescador e lavrador aposentado, que os negros vieram para a região ainda na condição de escravos.

> Os negros já existiam na época dos antigos, os dois primeiros migrantes já trouxeram os pretos cativos. Outros que vieram depois também tinham escravos. Quando teve a libertação dos escravos, os negros foram embora, mas como não encontraram lugar para morar e trabalhar, acabaram voltando para a casa dos antigos donos. Assim contava a minha mãe.[105]

Até 2008, os moradores da Aldeia se organizavam em torno da figura da Vó Cilóca, que, aos 101 anos de idade, deixou de ser a matriarca do grupo, exercendo, até então, forte influência sobre os moradores. Conforme Manoel dos Passos Matias Pereira, os moradores cultivam um forte espírito de coletividade, uns ajudando aos outros em nome dos laços que os ligam. Ele conta que existem os moradores ligados por laços de consanguinidade, descendentes de Vó Cilóca e os outros, que se agregaram ao grupo por meio de casamentos, mas que todos gozam da mesma consideração.

A economia do grupo, como a dos demais moradores da região, se baseia no trabalho assalariado, embora ainda persistam a agricultura de subsistência e a criação de animais (gado e galinhas). Pela proximidade com a Lagoa de Ibiraquera, a pesca é outra forma de subsistência, e até de venda do excedente. Na verdade, ainda existem famílias, como a de Nato, cuja renda provém totalmente da pesca artesanal.

A comunidade, de 34 famílias, tem uma associação de moradores chamada "Amigos da Aldeia", na qual semanalmente se realizam bailes e, anualmente, a Festa da Tainha, que atrai visitantes de todas as redondezas. Vale destacar, também, a presença espiritual de dona Adelaide, bezendeira reconhecida tanto em Garopaba quanto nos municípios vizinhos. É

---

[104] PEREIRA, Manoel. dos P. M. Garopaba /SC. Entrevista concedida à autora em 27 jul. 2010.
[105] TEIXEIRA, Laudelino. A. Ibid.

conhecida por ser extrovertida e animada, que se veste maneira bastante original; além disso, muitos confiam em suas rezas, responsos e remédios caseiros. Quando algo é perdido ou roubado, logo se pensa em dona Adelaide, assim como quando algum animal se afoga ou adoece.

Com o reconhecimento da Comunidade como Remanescente de Quilombo, estão sendo organizados projetos sociais junto aos moradores. Destaca-se o Projeto "Saberes da Terra", que trabalha com jovens e adultos, visando a manter a comunidade dentro de seu modo próprio de vida; a construir moradias e saneamento básico.

É lugar-comum na tradição oral dos moradores de Ibiraquera, principalmente entre aqueles que carregam os sobrenomes Silveira e Teixeira, que foi na comunidade conhecida como Teixeira que se instalaram os dois primeiros casais de migrantes açorianos, provenientes de Laguna, em meados do século 19. Laudelino Antonio Teixeira, conta mais detalhadamente essa história:

> As famílias Teixeira foram as que chegaram primeiro, mas já podia ter alguém. Dizem até que antes, o meu pai contava que a tia Tomázia contava pra ele; tinha um pé de café que foi plantado pelo Velho Brito. Os Teixeira vieram organizados, vieram com a terra delimitada. Eles se chamavam Manoel Teixeira e José Teixeira e vieram dos Açores. Tiveram uma passagem na Pescaria Brava, na Laguna, antes de vir pra cá. Moraram lá e parece que tiveram um conflito. Mataram alguém, não sei bem, mas eu ouvia dizer, e por isso vieram pra cá. Pegaram essas glebas de terra aqui na Ibiraquera, nessa região entre a igreja e a ponte. É por isso que o lugar ficou conhecido como Teixeira.[106]

A família Teixeira cresceu muito. Hoje as pessoas da região são todas meio emparentadas, pois sempre têm algum ancestral com este sobrenome. Mas as famílias Souza e Silveira também são tradicionais da região.

> O José Teixeira era o bisavô do meu pai. O Manoel Teixeira é o bisavô dos pais dessa turma de Silveira mais antiga, como o Domingos Juvêncio da Silveira. O Manoel Teixeira tinha filhas. A primeira filha dele casou com o Manoel José da Silveira, lá da Penha. Ele era filho de um tenente que pegou uma gleba de terra lá na Penha de 4 km, que é uma légua. Os filhos dele vieram casar na Ibiraquera. Primeiro o Manoel José Silveira casou com a filha mais velha do Manoel Teixeira; nisso o João José Silveira casou com a outra filha. Um dia o Manoel Teixeira foi trabalhar ali onde é a morada do João Gregório; deu uma dor no homem e ele voltou morto pra casa. Esse era o primeiro migrante que chegou aqui, talvez devesse ter problema cardíaco, morreu de repente. Depois, como a mulher dele ficou viúva e o outro irmão dos dois Silveira, que era o Chico José Silveira, o irmão mais novo, veio cá e casou com a velha. Quanto aos Souza, o que eu sei é que a minha mãe até era Souza e que tinha o capitão Souza, tio dela. Esse homem morava na ponta do Souza, lá naquele canto da Ibiraquera, virado pra Barra, onde se avista o mar. Lá tem até um

[106] Idem.

> chão de casa, tem muita erva do tipo de chão de casa. Eu fui um dia lá mais o Zé Aninha. Dali nasceu outras famílias de Souza que vieram, descendentes do tal capitão Souza. Tem também um pouco daqueles Souza do Macacu que são descendentes deles aqui também. Na verdade, eu não sei bem se foram daqui pro Macacu ou de lá pra cá, mas depois se visitavam, os daqui iam lá. Iam de carro de boi ou a cavalo. A mãe contava que tinha uns parentes do Macacu que vinham aqui de cavalo, na casa dos parentes. O avô da minha mãe era Zé Norberto de Souza.[107]

Enfatizo, novamente, que faço referência aos moradores nativos, já que atualmente vivem pessoas provenientes de diferentes lugares do Brasil, principalmente do Rio Grande do Sul e, inclusive, da Argentina. Os pontos mais explorados pelo turismo são os próximos das praias do Rosa e da Ferrugem. Foi a partir da década de 1970 que os primeiros "estrangeiros" chegaram e/ou passaram a frequentar a região, quase todos gaúchos. Esses citadinos encontraram um lugar de pessoas simples, pouco próximos do que se convencionou chamar modernidade.

As casas eram, em geral, de madeira, mas ainda existiam algumas de chão batido e paredes de barro. Na cozinha, um fogão a lenha e, muitas vezes longe da casa, um poço ou fonte para retirar água de balde e/ou para lavar roupas. Nos fundos, uma patente[108]; um pomar com pés de café, laranjeiras, goiabeiras e "pés de anoizeiro"[109] – uma árvore grande e frágil, muito importante por prover as nozes com as quais era feito o sabão, usado para todo tipo de limpeza, inclusive pessoal. Também era sempre bom ter também um pé de urucum para fazer colorau, caso contrário o "ensopado de galinha [carne bovina, peixe] corria o risco de ficar sem cor"[110]. É Santina da Silveira Teixeira, 80 anos, quem explica como era o processo de fabricação do sabão e do colorau:

> Pra fazer o sabão, primeiro tinha que catar as bagas de anóis[111], fazer um monte e deixar apodrecer. Isso demorava de 15 dias a um mês, dependendo do tempo. Depois a gente tirava aquela gosma que fica ao redor da semente [polpa] e colocava no sol pra secar. Quando tava bem sequinha, se quebrava com uma cabeça de nego[112] e tirava a menda [semente]. Tinha gente que mandava as crianças ficar atirando as bagas com uma funda [estilingue] contra uma pedra grande, depois se juntava as mendas. Aí levava as mendas pro pilão e socava bem. Depois botava num

---

[107] Idem.

[108] Pequena barraca de madeira, com assento, instalada sobre um buraco, onde as pessoas realizavam suas necessidades fisiológicas. Quando cheia, era "mudada" e o antigo local aterrado. Atualmente, na sede do Projeto de Preservação Ambiental Gaia Village, em Garopaba, esse tipo de banheiro é utilizado como alternativa ao excessivo consumo de água dos banheiros tradicionais.

[109] Arvore da família das juglandáceas, adaptável a quase todos os climas. Existem cerca de 20 tipos de nogueira. Há um grande número sementes, que ou são ou comestíveis ou espremidas para delas extrair o óleo usado na culinária e em cosméticos. No caso específico da "anozeiro", as sementos eram/são utilizadas para produzir "sabão caseiro".

[110] TEIXEIRA, Santina da S. Garopaba/SC. Entrevista concedida à autora em 17 mai. 2010.

[111] Fruto da nogueira/anozeiro.

[112] Pedaço de ferro.

> tacho e levava pra ferver junto com a soda, que tinha nas vendas pra vender. Quando dava o ponto tirava do fogo, deixava esfriar e cortava em quadros. Pra fazer o colorau, eram tiradas as caramonas do pé de urucum; botava pra secar, tirava as sementinhas, fritava no azeite bem quente e socava no pilão com farinha de milho. Se tu quiseres comprar colorau caseiro é só falar com a dona Lurdes, que mora ali perto do campo do Limeira. Ela ainda faz e vende. [113]

Nas propriedades mais abastadas, havia um rudimentar engenho para produzir farinha, beiju e tapioca; às vezes, um engenho para produzir açúcar e um alambique [porque ninguém é de ferro!]; tarrafas e redes de pesca também faziam parte desse conjunto. Não se podem esquecer as roças: mandioca, milho, feijão, aipim, amendoim, dentre outras. As senhoras também costumavam ter uma horta de verduras: cebola-verde, salsa e alfavaca (indispensável no preparo do peixe cozido, tanto no feijão quanto na água).

Havia também uma incipiente pecuária. A criação era composta por gado bovino, galinhas, um porco pra matar no Natal e alguns cabritos. Todos tinham uma ou mais pombocas. A pomboca, ou simplesmente luz de querosene, era feita de latão, em formato cônico, com um bico onde se punha uma "torcida" [114] que sugava o querosene do interior do recipiente. Também era preciso que todos na casa tivessem uma "muda de roupa nova" para ir à missa aos domingos. Isso era tudo ou quase tudo que tinham (e precisavam) para viver.

Quando chegaram os primeiros "gaúnchos" ou "veronistas", como foram chamados, muitas novidades foram apresentadas aos nativos. Algumas das muitas inovações que com eles viriam eram máquinas fotográficas, rádio e televisão a bateria, fogareiro a gás. No entanto, já havia certo contato com os moradores da região de Ibiraquera e Garopaba, principalmente com o sul de Santa Catarina e com o Rio Grande do Sul. A prova de que a população de Garopaba e Imbituba (Ibiraquera) se voltava para o sul está em que os principais acessos dos dois municípios se localizavam ao sul, em detrimento do acesso norte, na direção da capital catarinense.

Este contato com o sul muito provavelmente se deveu inicialmente à proximidade com a cidade de Laguna, distante cerca de 30 quilômetros. Foi através do Porto de Laguna que os primeiros habitantes da região chegaram e onde os moradores de Garopaba e Imbituba, até meados do século 20, costumavam ir a pé, a cavalo e, mais tarde, de trem, para consultar um médico ou adquirir produtos industrializados, como tecidos. Bernadete da Rosa Teixeira, costureira, aposentada, moradora nativa de Campo D'Una lembra:

---

[113] Idem.

[114] Para fazer uma torcida própria para pomboca, devem-se pegar alguns pedaços de tecido velho e fazer um cordão para passar pelo "bico".

> O falecido papai comprava os cortes de vestido pra nós na Laguna. Ele até tinha bom gosto, mas o meu cunhado, o Jorge, trazia umas coisas muito feias para a Gercina. Ela não tinha escolha, usava o que ele trazia. Eles também compravam na Laguna peças inteiras de um tecido chamado riscado para fazer as roupas mais grosseiras de trabalhar na roça. O povo contava, porque o falecido papai nunca falou nisso pra nós, que ele foi na Laguna a cavalo e estavam vendendo picolé.Ele chupou um e gostou muito e resolveu encher uma mala e trazer para os [dezoito] filhos. Quando abriu a mala só estavam os palitos e ele esbravejou: porcaria, me venderam os doces pras crianças e só colocaram os palitos! Mas isso deve ser bobagem do povo. [115]

Também havia forte contato com Araranguá, no extremo sul-catarinense. Como na região de Ibiraquera, a população vivia da pesca e da produção de farinha de mandioca. Era comum que famílias se deslocassem para o sul do estado, já que naquela região também se cultivava mandioca e se produzia farinha. Assim, os parentes que ficaram costumavam visitar os que haviam migrado, não deixando que os laços de parentesco se perdessem. Ainda hoje há visitas periódicas entre familiares que vivem nas duas regiões.

Os moradores mais antigos, porém, costumam creditar a preferência pelo destino sul ao fato de que por essa direção era possível ir a pé pela praia, enquanto que para Florianópolis a acesso era acidentado, já que esta parte do litoral catarinense é formada por diversas enseadas e costões. Laudelino Antonio Teixeira relatou a dificuldade enfrentada por sua mãe, seu cunhado e seu irmão para visitar pai internado por cinco anos na Colônia Santa Teresa, tratando-se de hanseníase:

> O meu pai foi na Laguna consultar, porque estava com umas partes da pele dormente. Então o médico o encaminhou para o departamento médico em Florianópolis. Chegando lá, ele não pôde nem voltar em casa.Foi na mesma hora, mesmo contra vontade, levado para a Colônia Santa Teresa. Ficou lá por cinco anos, até ficar bem curado. Veio em casa só uma vez.Ele e uma turma aqui de Garopaba e da Ibiraquera fugiram, ficaram em casa uns quinze dias e eles vieram buscá-los. Ele veio a pé. Custou muito para chegar à Pinheira, porque tem muitos morros, da Pinheira pra cá pegaram as praias e saíram na Garopaba. Isso foi no tempo da Segunda Guerra Mundial.Até tinha um ônibus que passava na Araçatuba, mas pra entrar no ônibus tinha que ter passaporte. Como ele estava fugindo, teve que vir a pé mesmo. Certa vez, a minha mãe foi com o Antolino e o Liço visitá-lo.Na ida o Sagi Abrão ajeitou para colocá-los no ônibus sem o tal passaporte e o Liço garantiu pro motorista que iria tirar o documento na Palhoça, mas não tirou. Quando voltaram, o motorista do ônibus não deixou que embarcassem. Levaram o dia todo pra chegar em casa. Vieram essa distância toda a pé. Chegaram já era tarde da noite. Além disso, não tinham conhecidos que morassem nesse trajeto; não deu nem para dar uma parada pra descansar. Agora, quando o pessoal precisava ir pro sul era muito mais fácil. Iam a pé pela praia até a Imbituba e pagavam o trem; além disso, moravam muitos conhecidos pelo caminho. Se era pra Laguna, tocavam da Imbituba a pé pela praia; mas se era pra Araranguá, era mais fácil ir de trem.[116]

---

[115] TEIXEIRA, Bernadete da R. Garopaba/SC. Entrevista concedida à autora em 18 nov. de 2010.
[116] TEIXEIRA, Laudelino A. Ibid.

Outra forma de contato com o sul, mais especificamente com a cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, dava-se em função da pesca. Já a partir da década de 1950, era comum que pescadores se dirigissem ao porto gaúcho a fim de trabalhar nos barcos de pesca industriais. Eram os chamados de embarcados. Esses homens ficavam cerca de três a seis meses fora e quando retornavam costumavam trazer algumas novidades típicas da cidade. Ibiraquera ainda hoje é celeiro de pescadores profissionais. Alguns deles se tornaram mestres de barco. Um deles já conseguiu adquirir seu próprio barco. Hoje os pescadores profissionais de mar aberto estão vinculados ao porto de Itajaí, no litoral norte de Santa Catarina.

A partir da década de 1950, outro destino certo era Porto Alegre. Com a industrialização, muitos postos de trabalho foram abertos naquela cidade e tornou-se recorrente que os jovens, já desencantados com a pesca e a lavoura, partissem em busca da estabilidade de um emprego fixo, longe das intempéries naturais a que estavam submetidos nas atividades da região. É o que consta do depoimento do empresário nativo Maro Odi de Souza:

> Na época do meu avô, do meu pai já começou a ter dificuldades na pesca, tanto é que na época do meu pai, quando se fazia 18 anos, na Ibiraquera, o caminho era o ônibus da São Cristovão na Araçatuba rumo a Porto Alegre, trabalhar em Porto Alegre. Muitos ficaram por lá. Outros voltaram. Outros voltaram aposentados, porque a miséria estava aqui à lagoa; ela já não suportava aquela quantidade de gente. Depois foi emprego para Florianópolis, na Telesc e em outras empresas. Aí foi onde estavam ficando na lavoura, geralmente as pessoas mais antigas. Foi aonde apareceu o turismo, em meados de 1970 a 1980, e houve a valorização das terras também.[117]

Apesar do estranhamento, os nativos simpatizaram com os "veronistas", pois eles, mesmo sendo "gente rica", da cidade, se alojavam em barracas ou nos engenhos e não tinham luxo com a comida. Daniel Rosar analisa esse momento de encontro:

> A riqueza desses turistas era dada pela impressão dos moradores, isto é, relativa à comparação entre um grupo que chegava de carro portando inúmeros itens *modernos*, e outro que tinha praticamente apenas o necessário para sua sobrevivência, em grande parte produzido por eles mesmos (ROSAR, 1997, p.46).

Em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada "Ibiraquera: a história de um lugar... um movimento singular e universal", a gaúcha Maria de Lurdes Avellar, conhecida por Lalu, professora de História, residente na região há cerca de vinte anos, relata sua experiência de turista ao chegar a Garopaba e Ibiraquera:

---

[117] SOUZA, Maro O. de. Ibid.

> Pisei Ibiraquera pela primeira vez em 1971. A estrada acabava de repente e tínhamos de continuar caminhando até chegar à lagoa, onde acampamos. Eu era ainda menina de 12 anos e estava com meus irmãos, acampada de forma muito improvisada. Na nossa visão faltava estrutura, como banheiro e água encanada. Tínhamos a sensação de estar completamente isolados do mundo. Já para os moradores locais, que não tinham luz nem fogão a gás, nós estávamos muito bem equipados. Despertamos naquelas pessoas, que ainda não tinham tido até então vizinhança de barraca, uma curiosidade enorme. As crianças e adultos que nos visitavam ficavam abismados com o toca-discos à pilha, com o lampião que iluminava a escuridão do acampamento e com o fogãozinho de duas bocas. A lembrança que guardo do seu espanto se traduz na expressão toda deles: "mas o dinheiro compra!..." Estávamos já há dois meses acampados em Garopaba, naquela época ainda uma praia de pescadores recém-descoberta pelos turistas. Movidos pelo espírito aventureiro, atingimos um lugar até então quase desconhecido pelos urbanos: Ibiraquera. Não havia placa indicativa na estrada. Acampamos perto da lagoa de Ibiraquera, no final do caminho. Foi uma descoberta pegar uma canoa emprestada e ir até a barra da lagoa. A canoa usada na lagoa é esculpida num único tronco, e é impulsionada por uma vara de bambu, que vai fincando no chão e empurrando. Aquele deslocamento primitivo tinha para nós um sabor tão lúdico, completamente diferente da ótica do pescador, para quem a canoa é uma ferramenta de seu trabalho. A lagoa era tomada de siri; para todos os lados que olhávamos víamos siris. De repente encontramos o mar limpo, lindo, deserto, com uma ilha na frente. Ali, além de nós, só havia os próprios moradores (AVELLAR, 1993, p. 2-3).

Assim como Lalu e sua família, muitos outros turistas foram chegando e cada um, à sua maneira, produzia seus encontros com o lugar. Tantas vezes "descoberta e desbravada", Ibiraquera também descobriu um novo mundo, um mundo no qual, para ser cidadão, tem que ser antes de tudo consumidor.

Em relação a essa etapa da configuração social de Ibiraquera, Daniel Rosar faz a seguinte colocação:

> Nesse contexto, muitos dos moradores tomaram contato pela primeira vez com objetos que futuramente vieram a fazer parte de seu cotidiano. O interesse por esses novos elementos foi crescente, assim como o de alguns visitantes por Ibiraquera. Era uma época onde a terra, por lá, não tinha muito valor financeiro. Entre os *nativos* ela costumava inclusive ser cedida para quem precisasse de um lugar para construir uma casa, ou plantar uma roça. Assim, visitantes interessados em retornar, ou apenas em ter um terreno, podiam comprá-lo por uma pequena quantidade de dinheiro se comparado a outros locais mais habitados, e mesmo ao que esses compradores vislumbravam como o que poderia valer (ROSAR, 2007, p. 47).

Aos poucos, os nativos se transformaram em mão-de-obra barata e os negócios dos estrangeiros prosperaram. Hoje, a economia local depende praticamente do turismo. Os nativos pouco progrediram financeiramente e precisam dos empregos oportunizados pelos estrangeiros para sobreviver. Ainda existem os que resistem ao chamado progresso e insistem em viver da pesca e da agricultura, mas está cada vez mais difícil manter essas atividades, já que as terras são escassas e o mar e a lagoa se tornaram locais de disputa entre pescadores artesanais, surfistas, praticantes de outros esportes, além de esgotos e dejetos. Mesmo assim, a pesca artesanal da tainha e da anchova continua a acontecer.

Roberto Bruno Fabiano resume as alterações sociais evidenciadas após a década de 1980:

> O turismo passou a desempenhar um papel importante na socioeconomia da área, produzindo reações ambivalentes nos habitantes. Por um lado, eles passam a conviver com o agravamento dos problemas de ocupação de áreas irregulares, com a drenagem contínua de dejetos na lagoa, com a descaracterização da cultura local, e com a degradação do tecido social, provocada pela disseminação da cultura de massa e pela perda progressiva do patrimônio cultural. Por outro, o surgimento de novas oportunidades de emprego e renda relacionadas à atividade turística – sobretudo nos setores da construção civil e de hotelaria – torna a atividade turística um componente indispensável das estratégias de sobrevivência das populações mais pobres (FABIANO, 2004, p. 53).

Dentre todos os aspectos do cotidiano das famílias que viviam na região de Ibiraquera, os mais marcantes no período de transição entre o tempo regido pela natureza e a chegada dos turistas, talvez por exigirem muito esforço e proporcionarem pouco retorno financeiro, foram a pesca e a lavoura. Trabalhar na roça de sol a sol e ainda ter disposição para passar boa parte da noite tarrafeando era serviço para homens fortes, senão no aspecto físico, pois não é característica das populações descendentes de açorianos um físico muito avantajado, mas no sentido de disposição, persistência e coragem.

Falar sobre pescaria é mergulhar em uma dimensão que mistura realidade e imaginação, sonhos e realizações, desejos e aventuras. Nesse caldeirão, encontramos histórias de um tempo em que os conhecimentos empíricos ainda valiam muito. Ainda hoje os mais velhos são consultados sobre as possíveis condições do mar (se vai entrar uma lestada[118] ou se vem um vento sul carregando as tainhas para as praias).

Portanto, as histórias de pescador estão cheias de muita imaginação. É nessas histórias que estão inscritos os sonhos, os ideais de vida, os atos de heroísmo e as fantasias. Essas histórias refletem a mentalidade e as condições socioeconômicas de uma época.

Antônio Pedro Marcelino, 81 anos, relatou suas lembranças de pescador:

> Pescava de caniço. No início usava-se o fio, este fio eram as mães que teciam com algodão, depois passou a ser usado um tipo de arame, só depois, que surgiu o náilon. Quanto às tarrafas de pesca, eram feitas de gravatá [119]. O gravatá ficava durante trinta dias curtindo na água de um riacho ou na beira da lagoa, depois se tirava a pele de um lado depois do outro e ficava no meio uma espécie de tecido que era lavado e batido; posteriormente, levado a secar. Depois era colocado para fiar.

---

[118] Atualmente, as antigas lestadas são conhecidas como ciclones extratropicais.
[119] Planta nativa fibrosa com serrilha. (VALENTIM, 1994, p. 95)

> Com o tempo, as tarrafas passaram a ser feitas com a fibra do tucum[120]; só mais tarde surgiram os fios mais resistentes, como o náilon. [121]

Ele conta, ainda, que seu avô tinha uma canoa, que depois passou a ser de seu pai e mais dois irmãos e que criaram todos os seus filhos pescando nesta canoa. Tal canoa, mais tarde, ficou de herança para ele, que também criou seus filhos pescando nela. Eles iam com ela para o mar a fim de colocar a rede, chegando a ir grupo de seis pessoas, quatro no remo e duas pessoas para trabalhar na rede. Quando estavam retirando a rede, apenas três ficavam no remo e três trabalhando na rede. Essa jornada durava até altas horas da madrugada.

Perguntei a Antônio Pedro se aconteciam muitos acidentes durante as pescarias no mar, ao que ele respondeu:

> Não, porque as pessoas respeitavam a hora certa de ir para o mar. Os antigos sabiam se ia chegar uma tempestade, se o vento iria ser a favor ou contra, até mesmo as horas, eles conheciam pela lua e pelas estrelas. Pelo ar e pelas nuvens já se sabia se ia dar vento forte ou tempestade. Nisso aí eu era muito bom. Eu nunca errava. Hoje em dia eles não respeitam nada. Pensam que sabem tudo e não se preocupam em ver como está o mar e acabam sofrendo acidentes.[122]

Na realidade, os acidentes com pescadores eram bem mais rotineiros do que relatou Antônio Pedro. Mesmo com um conhecimento empírico bastante apurado sobre as possíveis condições climáticas, era difícil prever a intensidade de uma tempestade ou a força de uma onda. Muitos homens e até mulheres perderam suas vidas pescando. Laudelino Antonio Teixeira enumerou pessoas da região que morreram no mar:

> A Pequena morreu tirando marisco ali na Praia do Ouvidor; a Terezinha do Leodório também. O Liardino e o Tomé morreram numa tormenta na Lagoa de Cima. Outro Tomé, ali da Grama, que era um pescador bem experiente, morreu faz uns três anos, pescando no Portinho. Sempre morreu gente pescando. Eu sei de outras pessoas que morreram quando eu ainda era pequeno, como o falecido Manoel da Silveira e o Bernadinho.[123]

Mesmo com a previsão diária do tempo nos telejornais e jornais impressos, além da *internet*, é comum perguntar-se aos mais velhos quando o tempo vai melhorar ou se tem chance de "virar" para chuva. Foi então, com surpresa, que, conversando com o pescador Lédio da Silveira, em sua residência na Praia do Rosa, fiquei sabendo e literalmente vendo

---

[120] Fibra extraída do tucunzeiro que depois de fiada era ótimo fio para fazer tarrafa. (VALENTIM, 1994, p. 98).
[121] MARCELINO, Antônio P. Imbituba/SC. Entrevista concedida autora em 25 mai. 2010.
[122] Idem.
[123] TEIXEIRA, Laudelino A. Ibid.

que ele tem à sua disposição um computador conectado à *internet* e que, diariamente, antes de sair para pescar, verifica as condições climáticas e de maré. “Assim é muito mais seguro sair pra pescar. Fica mais fácil evitar acidentes se a gente já tem idéia do que pode acontecer”.[124]

Antônio Pedro Marcelino diz que ele foi o primeiro a ter um ponto de pesca na Praia do Ouvidor – o Portinho (este portinho ainda hoje é ponto de pescaria). Gaba-se de ter sido o primeiro a colocar rede no Portinho e que certa vez pescou uma arraia-chicote de 700 quilos, que media mais de três metros. Conta que foram necessárias oito pessoas para cortar o peixe ainda dentro da água. Pescou também um cação de 150 quilos. Este pescado era levado para Imbituba, onde havia um frigorífico que revendia “para este mundo todo”.

Conta, também, que era comum a criançada de toda redondeza ir à praia participar do arrastão e que depois iam para casa levando peixe. Diz que naquele tempo havia muita fartura de peixe. Alguns tipos de peixe eram devolvidos ao mar porque não eram bons para vender, como a espada e a sardinha. Disse ainda que “hoje em dia a pescaria está se acabando. Este ano não deu quase nada de peixe.”[125]

Atualmente, ele não pesca mais, porém, ainda tem participação no pescado do rancho do Porto Novo. Sua parte de pescado desse ano não passou de 50 quilos de tainha.

> O pessoal ficou dois meses no rancho e não pegou quase nada. Só tá pescando aqueles que já estão aposentados ou aqueles que têm uma segunda fonte de renda. O peixe diminuiu por causa dos barcos de pesca que tem muita tecnologia e possuem uma rede que pega tudo, o peixe pequeno e o grande, e um radar que sinaliza o peixe de longe. Essas novas invenções é que destruíram as pescarias. Não há um controle para a preservação das espécies. A poluição não acabou tanto com a pescaria quanto a ambição das empresas de pescados. Atualmente, o pescador artesanal não consegue mais sobreviver da pescaria, a não ser que ele tenha outro meio de vida.[126]

O ápice da pesca artesanal acontece nos meses de maio e junho, período reservado à pesca da tainha. Nesse período, os pescadores ficam alojados nos ranchos de pesca e passam os dias com a embarcação pronta para “cercar” o pescado. Um vigia fica em um pequeno alojamento, num ponto mais alto, e “espia” o peixe. Esse trabalho é bastante árduo, pois a captura das tainhas exige que todas as condições sejam favoráveis, ou seja, a “malha” de peixe é capturada mediante um conjunto de aspectos que envolvem a habilidade dos pescadores e a “colaboração” da natureza.

---

[124] Idem.
[125] Idem.
[126] Idem.

Uma expressão comum entre esses pescadores é: “Esperar a quem não tratou de vir [no caso, a tainha] requer muita paciência e dedicação”. É com esta paciência que trabalham o dia inteiro, consertando as redes danificadas e confeccionando novas redes e tarrafas, enquanto aguardam o aviso de que o cardume se aproxima da praia. Mas, ultimamente, esses insistentes pescadores têm reclamado dos barcos de pesca industriais: “Nós colocamos a nossa rede no mar e vêm os barcos levar, os barcos atunzeiros hoje vêm pegar a nossa manjuva dentro da praia; os barcos de arrasto levam todas as nossas redes”.[127]

Por outro lado, o presidente da Colônia de Pesca de Garopaba, Jair João Ribeiro, atribui aos próprios pescadores a responsabilidade pela diminuição do pescado:

> A pesca não é mais como antes, nem sinal, nem perto. Nós nunca passávamos sem pegar peixe. Agora passa semanas que eles não se pega nada, não tem porque quem acaba mesmo não é ninguém de fora, quem acaba mesmo é o próprio pescador, ninguém vem do Japão, ninguém vem dos EUA, ninguém vem aqui de Florianópolis, o próprio pescador que acaba. O pescador é assim; ele é esganado. Se tu pegar agora uma tonelada de peixe daqui a pouco quer mais, nunca tá contente com o que matou. O pescador é muito esganado, eu sou pescador, eu sei.[128]

De fato, muitas vezes o pescador é “esganado”, com bem o definiu Jair João Ribeiro. Tive uma experiência recente em que avaliei essa afirmação: fui pescar siri na Lagoa do Meio com uma amiga, também nativa. Levamos uma lanterna própria para a atividade e uma menor, de reserva. Havia muito siri. Mal se pegava um e já tinha outro na mira. A coca[129] começou a arrebentar; então tiramos os elásticos que prendiam nossos cabelos e a consertamos. Depois a luz começou a falhar. Passamos então a usar a lanterna menor. Já tínhamos pegado um balde grande cheio de siris, mas só paramos quando as baterias das lanternas se esgotaram. Essa deve ser a “esganação” da qual fala Jair João Ribeiro.

No capítulo anterior, tratamos do conflito em torno da Resex, com seus prós e contras; no entanto, é válido sublinhar que esta é a polêmica “da hora”, o conflito atual. Já houve muitos outros desentendimentos em torno da apropriação e uso do meio ambiente, como o do conflito travado entre pescadores artesanais de tainha e surfistas, em geral de fora. Essas confusões aconteciam em todas as praias em que houvesse rancho de pesca: Ferrugem, Barra da Encantada, Ouvidor, Vermelha, Luz e Barra da Ibiraquera (como também em outros pontos do litoral catarinense).

---

[127] SILVEIRA, Lédio da. Ibid.
[128] RIBEIRO Jair João. Ibid.
[129] Instrumento utilizado em formato de concha, confeccionado com vergalhão de ferro e uma rede, próprio para pescar siri e/ou camarão.

Os pescadores reclamam que a prática do surf espanta os cardumes e prejudica a pesca artesanal. Enfatizam que as pessoas de fora devem respeitar uma tradição de gerações e acreditam ser justo terem o direito de pesca em detrimento do surf, já que são pessoas nativas, que mantêm a tradição e que tiram seu sustento do mar. Além disso, o período de pesca da tainha ocorre somente durante dois meses. Os surfistas têm praticamente o ano inteiro livre. E mesmo durante os meses da tainha, algumas praias ficam liberadas (parcialmente) para a prática do surf.

Além da brevidade do período da pesca da tainha, existem bandeiras que indicam se a praia está liberada ou não para o surf, como também existem muitos pontos alternativos. A maioria dos casos de confusão é gerada por pessoas que não moram na praia e chegam ao litoral dispostas a pegar ondas, pouco se importando com a rotina dos pescadores.

Rodrigo Pereira Medeiros (2009), surfista, oceanógrafo, mestre em ecologia e doutor em sociologia política, alerta que é preciso ver "o lado do pescador":

> Os pescadores de praia, como são chamados aqueles que praticam o arrasto de praia, mantêm um sistema muito complexo e ao mesmo tempo simples de pescaria. Complexo, porque não é o simples ato de puxar rede, porque existe divisão de funções: o vigia, os tripulantes (mestre, remeiros, chumbereiros que lançam a rede na água) e existe a divisão da captura: o quinhão, aquele monte de peixe que depois é distribuído aos pescadores e camaradas que ajudam a puxar o peixe. O arrasto de praia também é um ritual de renovação dos laços comunitários, em que a comunidade: homens, mulheres, crianças e idosos se reúnem na praia e trocam sentimentos de respeito, pertencimento, reciprocidade. A pesca da tainha é muito mais que um processo produtivo-econômico, é um momento de manifestação do território da pesca artesanal. Além disso, eles esperam pelo peixe, e não buscam pelo peixe, capacidade que nós, surfistas, em geral temos na nossa busca. Talvez seja importante refletirmos mais sobre nossos atos e ver a situação de marginalidade social em que se encontram os pescadores e que a pesca do arrasto de praia é um dos únicos remanescentes de uma comunidade que foi engolida por um progresso que enriqueceu poucos e excluiu muitos (MEDEIROS, 2009).

A reflexão proposta por Medeiros (2009) aponta para um aspecto por vezes esquecido quando se fala de turismo e o desenvolvimento econômico: a exclusão social. De fato, nas praias de Imbituba (mais precisamente, Ibiraquera e Praia do Rosa) e Garopaba, esta é uma realidade bastante perceptível. Enquanto nas proximidades das praias se constroem condomínios de luxo, pousadas e ambientes noturnos de alto padrão, frequentados, em geral, pela elite estrangeira, nas áreas sem acesso direto ao mar ou às lagoas, muitos nativos e novos moradores, atraídos pelos empregos de temporada, amontoam-se em casebres improvisados, muitas vezes sem mínimas condições de moradia.

Se a pesca no mar anda escassa, nas lagoas de Ibiraquera não é muito diferente. Pescar nas lagoas, principalmente de tarrafa, é para alguns um importante complemento de renda

familiar. O aumento significativo de pessoas que se aventuram na pesca, por necessidade ou lazer, a intensificação de esportes náuticos e a instalação de um criadouro de camarão às margens da Lagoa de Cima são apontados como fatores decisivos na diminuição da quantidade e da qualidade pescado.

Abelardo Soares de Moraes, de 54 anos, que já foi vice-presidente do Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, pescador, nativo e um dos principais líderes do movimento pró-Resex na comunidade de Campo D'Una, demonstra sua preocupação com a pesca na Lagoa de Ibiraquera, em especial na Lagoa de Cima, apontada como a que costumava ter os "maiores e mais saborosos" peixes, camarões e siris, à qual ele chama de "mãe das lagoas":

> Há uns anos atrás, quantas vezes não dava pra tarrafear à noite por causa do siri. Hoje, quando tu pega um siri leva um susto, porque a poluição acabou com o siri. A água da Lagoa de Cima está turva e os peixes dessa lagoa já pegaram um gosto diferente. O peixe da nossa Lagoa de Cima, que é o peixe que está gordo porque está há mais tempo aqui, pegou um gosto diferente; já está com gosto de terra, gosto de alguma coisa que não está dando certo. O peixe gordo aqui da nossa Lagoa de Cima está com gosto de terra, gosto de uma água doce, uma água ruim, está com gosto ruim. Agora o siri se mudou. Já não está mais nessa lagoa. Já está na outra Lagoa do Meio, está passando lá pra terceira lagoa, porque a água está sendo alterada. A água que sai daquele criadouro ali está acabando com a nossa lagoa.[130]

O criadouro de camarão da Fazenda Lagamar tem provocado inúmeros embates entre pescadores artesanais envolvidos com o movimento ambientalista e proprietários e defensores do empreendimento. O criadouro está localizado no bairro Araçatuba, em Imbituba, às margens da Lagoa de Cima. Ela é apontada pelos conhecedores como a lagoa em que pode ser capturado o melhor pescado. Atualmente, de acordo com. Abelardo Soares de Moraes, está difícil encontrar peixe de qualidade nessa parte da Lagoa de Ibiraquera. O siri praticamente desapareceu. Os pescadores atribuem o sabor desagradável do peixe à água liberada para a lagoa pela Fazenda Lagamar. Em relação ao criadouro de camarão – a Fazenda Lagamar -, Laudelino Antonio Teixeira partilha da opinião de Abelardo Soares de Moraes:

> Isso aí, não precisa muito tempo, de quinze anos atrás, todo mundo conhece, nós saíamos daqui e víamos o fundo da lagoa, dia calmo se via daqui lá na ponte. Mais ou menos de dez anos pra cá, quinze, foi diminuindo a visão, passando a enxergar-se só, mais ou menos, com meio metro de água e agora já não se enxerga mais nem com dois palmos de água. Isso está assim porque a água ficou com uma cor diferente. É só passar da ponte pra baixo que a gente entra na água,. O dia estando calmo, a gente avista até a unha embaixo no pé. Isso aí da água ser clara, de avistar o fundo, não é coisa antiga, é coisa que toda essa turma que tem mais de quarenta anos

[130] MORAES, Abelardo S. de. Ibid.

> conheceu. Todo mundo se lembra que ia ali e via o fundo, num dia de água clara via o chumbo da tarrafa lá embaixo, até se dizia assim: hoje não se pega nada, tá se vendo o chumbo da tarrafa, agora não se vê nada, nada. Isso aí ficou ruim assim depois da fazenda, do criadouro de camarão. Eles tiram o camarão, lavam e aquilo lá desce por gravidade, porque é bem mais alto, e lavam todo aquele lodo que ficou que botaram ração, botaram aquilo tudo, lavam e soltam pra lagoa. Soltam, abrem a comporta lá e essa água suja vem por gravidade, desce tudo, escoa tudo pra lagoa. Eu não vi, mas o Lode Gaspar [pescador artesanal de 80 anos] me disse que no dia que eles soltam a água do criadouro dá uma divisa na água.Fica aquela água amarelada e depois vai se misturando, isso na Lagoa de Cima.[131]

Laudelino Antonio Teixeira acredita que a água da Lagoa de Cima foi se tornando turva em função das águas despejadas na lagoa pelo criadouro de camarão. No entanto, estudos evidenciam que existem outros fatores determinantes no processo de poluição da lagoa. Em sua dissertação de mestrado, intitulada "Estudo de caso sobre a atividade de carcinicultura na área da Lagoa de Ibiraquera", Roberto Bruno Fabiano (2004, p. 60) afirma que "as fossas sépticas das edificações construídas no entorno da lagoa, tanto as residências quanto aquelas que compõem a infraestrutura turística, contrariam as normas de distanciamento em vigor", ou seja, existem outros fatores que contribuem para a poluição da Lagoa de Ibiraquera.

No entanto, esses outros fatores no processo de poluição das águas da Lagoa de Ibiraquera, em especial da Lagoa de Cima, não isentam a Fazenda Lagamar de sua responsabilidade. Fabiano (2004) reforça esta tese:

> A ligação dos tanques com a lagoa é assegurada por um *canal de adução*, sendo a água captada e drenada mediante o emprego de três bombas elétricas. Nos períodos de despesca, as comportas são abertas e a água captada para os tanques de cultivo retorna à Lagoa, permanecendo os camarões retidos nas redes de espera. Em decorrência, os dejetos - inclusive os excessos de matéria orgânica - vêm sendo, até o momento, integralmente drenados para a lagoa. A deposição de resíduos do processo produtivo na lagoa ocorre, sobretudo, nos momentos de despesca, quando os tanques são esvaziados e os camarões recolhidos para serem transportados pela empresa compradora. Na opinião de alguns especialistas, os parâmetros de qualidade da água e as características dos sedimentos deveriam ser cuidadosamente monitorados nos momentos de despesca: os dejetos passíveis de ameaçar a resiliência[132] do ecossistema lagunar estariam concentrados principalmente na etapa final do processo, quando restam aproximadamente apenas 20% do volume total dos tanques (FABIANO, 2004, p. 66-67).

Nem todos os pescadores, porém, atribuem ao criadouro de camarão a responsabilidade pela poluição e diminuição de quantidade e qualidade de pescado na lagoa. É o caso de outro pescador antigo, Antonio da Rosa, 70 anos, morador da comunidade de

---

[131] TEIXEIRA, Laudelino A. Ibid.

[132] Segundo estudos na área da ecologia, resiliência é a capacidade de um determinado ecossistema de retomar sua forma original após uma perturbação.

Limpa, conhecido como Nico Zizué. Ele atribuía a falta de pescado na lagoa a outra causa – a pesca predatória. Além disso, acredita que as acusações aos tanques da carcinicultura são oriundas da inveja que as pessoas costumam ter quando o negócio de alguém dá certo.

> Antigamente, o povo pegava camarão com a tarrafa de pegar tanhota na praia porque só se pegava camarão grado; não se pegava aquela miuçalha. Agora o povo pega aquela miuçalha pra devorar. O caso hoje é devorar. Agora você vê: pegar camarão pra de trinta vinte e nove serem botados fora, isso é pesca ou é destruição? Eu, o João Sena[133] fizemos a conta: 45 camarões dava um quilo. Agora, pegamos um camarão desses grandes e colocamos na balança, pegou onze pequeno pra dá o peso daquele camarão grande. É a mesma coisa que você plantar uma roça de milho e quando ele começar a embonecar você cortar. Aí não colhe nada. Por que quando Deus fez o mundo deixou de tudo, agora tão pensando que se acabar com tudo Deus vem fazer outra vez? Preserve esse que ele fez, agora o povo devorando toda vida, não tem o que aguente. Cadê a pedra do galo? A pedra do galo ali na frente dos Presalino. Era linda [pausa] tinha uma aqui, outra aqui e a aguinha corria por dentro. Era grande, assim quase do tamanho de um anozeiro. Era maior que as laranjeiras que a gente tem visto, bem maior. E diz que ali cantava um galo, chamava a pedra do galo, essa pedra era um marco da sesmaria de terra. Aí cortaram a pedra, estouraram, fizeram pedra pequena. Cadê a pedra? Acabou-se. Assim, muito pior é o camarãozinho e o siri: tirou aquele não reproduz mais, acabou. A pedra foi dado conta [posto fim], não vão dar conta nas outras coisas? Agora o criadouro de camarão do Petronílio não prejudica nada na pesca. O povo tem uma briga, mas não prejudica. O povo fala, mas não prejudica. O povo meteu na cabeça que prejudica, mas não prejudica, pois fica lá em cima, o peixe não anda lá, não sobe. Se prejudicasse, a lagoa lá não criava camarão, matava. O camarão é bom, por que que vai prejudicar? O povo tem é inveja. O povo fala de tudo.[134]

Para Nico Zizué não existe responsabilidade por parte dos pescadores em relação ao pescado. Os pescadores atuais não deixam os camarões crescerem; capturam quando estão muito pequenos e impedem que repovoem a lagoa. Compara o pescado a um conjunto de rochas que existia entre os bairros de Campo D'Una e a Encantada. Chega a ficar emocionado ao relembrar o pequeno veio d'água que corria entre as rochas. A Pedra do Galo, como denomina, era um monumento quase mágico, já que se atribuía ao local o canto de um galo; além disso, era um marco de divisa entre sesmarias. Salienta que as pedras eram enormes, maiores que laranjeiras e mesmo assim as pessoas conseguiram destruir. Imagina os frágeis camarões, peixes e siris que habitam a lagoa! Na perspectiva de Nico Zizué, esses é bem mais fácil de exterminar.

A Pedra do Galo teve o mesmo fim de outras pedras: no momento em que a construção civil passou a utilizar pedras na construção de casas e muros, as pedras, mesmo as monumentais com a do Galo, perderam seu valor místico e se transformaram em bem de

---

[133] Empresário nativo proprietário de uma peixaria na comunidade de Grama. João Sena da Silveira é uma pessoa bastante respeitada e admirada no município. Filiado ao PP, foi vereador por três mandatos e vice-prefeito de Garopaba na gestão 2005-2008.

[134] ROSA, Antonio da. Garopaba/SC. Ibid.

consumo. Assim, o camarão, antes capturado por pessoas que respeitavam os ritmos da natureza, tornou-se a principal fonte de renda para muitas pessoas que não têm como esperar que cresça, já que dependem dele para manter a renda familiar.

Em relação ao criadouro de camarão, afirma que as pessoas do lugar têm o hábito de criticar tudo, assim como fizeram com ele quando da construção do engenho comunitário em sua propriedade. A isso ele chama de inveja, pois se o camarão produzido é saudável, como é que pode prejudicar a lagoa? Ou seja, do ponto de vista de Nico Zizué, tudo não passa de falácia, de comportamento de pessoas acostumadas a implicar com tudo.

O presidente da Colônia de Pesca de Garopaba, Jair João Ribeiro, 73 anos, nascido e criado no Morro da Vigia[135], também não vê grandes problemas relacionados ao criadouro de camarões. Para ele há muitas mentiras em torno do assunto; além disso, "os contrários, os que criticam a Fazenda Lagamar, não passam de um pequeno grupo". Em sua perspectiva, o mau cheiro que a lagoa por vezes exala se deve à água salgada que entra quando o canal da barra é aberto, matando a vegetação do fundo da lagoa, que apodrece. Faz uma comparação entre o criadouro de camarões da Lagoa de Ibiraquera e um pesque-pague localizado às margens da lagoa de Garopaba, enfatizando que naquela localidade ninguém se preocupou, mas que na Ibiraquera tem um grupo que vê problemas em tudo:

> Eu tive numa reunião daquelas de pescadores sobre o açude do Petroníleo [Fazenda Lagamar] e ouvi uma porção de mentiras. Aquilo que tá ali é assim: a lagoa dá cheiro porque toda lagoa dá cheiro, porque quando entra a água salgada na lagoa mata aquele capim e aquele capim fica no fundo, soltando aquele vapor. Quando a barra da lagoa tá aberta, não tem cheiro; só fechada é que fede, que fica tudo podre. Aquilo não faz mal nenhum. Ali no pesque-e–pague, na Palhocinha, não faz nada, ninguém se importa, não tem aquela palhaçada que fizeram lá na Ibiraquera. É tudo mentira, conversa. O açude do Petroníleo não faz nada na lagoa, não faz mal nenhum. Eu tive numa reunião naquele salão da Limpa sobre isso e vi a mentirada que era; só é contra aquele pessoal da Resex, da Agenda 21.[136]

Pelo que ele entende, existe um ingrediente que é o grande diferencial na polêmica em torno da instalação e funcionamento do criadouro de camarão da Fazenda Lagamar: a mentira. Para ele, pessoas interessadas em criar uma imagem negativa do empreendimento construíram falsas verdades sobre o negócio e com isso levaram as pessoas em geral a acreditar que a

---

[135] Morro localizado atrás da antiga igreja de Garopaba. Até a década de 1980, essa localidade era povoada por pescadores. Com a intensificação do turismo, os pescadores venderam as terras com vista privilegiada para pessoas interessadas em construir residências para veraneio. Atualmente, o local abriga muitas casas de turistas e residências de alguns garopabenses de "posses", como Quirino Juvêncio Lopes, prefeito da cidade por três mandatos.

[136]RIBEIRO, Jair J. Ibid.

lagoa estava ficando poluída. Através de um jogo de palavras, Jair João Ribeiro tenta depreciar seus adversários.

A pesca predatória contribui para a diminuição do pescado na lagoa. No entanto, do que temos levantado, este é somente mais um dos aspectos do problema. O criadouro de camarão também compromete a qualidade de água e altera o sabor do peixe, afinal são componentes químicos diferentes dos naturais que alimentam os camarões da Fazenda Lagamar, os quais, depois de um ciclo de criação, são desaguados na lagoa. Além disso, a prática de esportes náuticos também prejudica. Os esgotos das casas construídas às margens da lagoa também fazem parte do rol de possíveis responsáveis.

Conflitos em torno da pesca na Lagoa da Ibiraquera não são exclusividade dos dias atuais. No final da primeira metade do século 20, uma discórdia em torno do local onde a barra deveria passar dividiu a população e trouxe muitos prejuízos ao ecossistema, como descreveu Laudelino Antonio Teixeira:

> Foi numa época que estava escasso de peixe. Na ocasião abriram a barra das pedras., Diziam que a barra das pedras era melhor que a outra. Abriram a de cá e foi indo e a de lá fechou. Quando fez uns três anos, a água ficou tordada; também não se enxergava o fundo, a água ficou toda doce, toda. Não entrou mais maré, não entrou mais nada e aí o peixe morreu todo, só ficou traíra e cará, só se criava traíra e cará [peixes de água doce]. Não tinha mais tanhota. As tainhas chegaram a ficar cegas. Isso começou mais ou menos em 48, 50 e foi até 60. Nessa época, foi muita gente embora. Foi o seu Zózino; ah, foi muita gente, esses homens que viviam muito da pescaria, esses que se não tivesse a pescaria não sobreviviam, foram embora, muitos desses, o seu Zé Jusefa, essa gente foi embora pra Laguna, pra Barra da Laguna, pra pescar no mar de baixo, porque lá tem a barra sempre aberta. Quem foi pra Porto Alegre foi também por causa da lagoa. Pra Porto Alegre era só ir e pegá emprego. Lá tinha indústria e aqui não tinha nada. Os que ficaram viveram, mas era difícil. Esse negócio da barra, a mãe e o pai já contavam, era Barra do Cardoso e Barra da Pedra, já existia uma rixa, já tinha um pessoal que abria a barra, o pessoal do Arroio, tinha um tal de Cardoso, que por isso ficou o nome, que vinha de lá com uma turma e abriam a de lá e outros, às vezes, abriam a de cá, a que tava mais perto. Tinha uma turma que era de um lado e tinha uma turma que era do outro. Então quando a deles tava mais perto, eles chegavam, aproveitava e abriam. Os de cá não abriam, mas os de lá aproveitavam e abriam, cada lado tinha uma opinião, já tinha isso aí. Isso aí da barra das pedras o pessoal é assim, depois que pega é igual à política, depois que ele pega, pode dar errado, mas ele quer continuar. Foi à polícia, tudo, pra tirar de volta a barra pra praia, porque daí a barra da pedra pegou força.Ela era meio um canal no meio da grama e aí ela foi alargando, tanto que nas últimas vezes, quando começaram a abrir a barra da praia já tinha melhorado, já tinha camarão. Aí já tinha entrado maré, tinha alargado o canal. A turma daqui [Campo D'Una, Limpa, Grama] e da Araçatuba e do Arroio queriam abrir a Barra da Praia e a turma aqui dos pescadores, aqui dos Silveira, essa turma da Ibiraquera era a barra da pedra, mesmo vendo aquilo tudo de desgraça não desistiam. Achavam que ia ficar bom; na verdade, no último ano já tinha melhorado. Qualquer coisa assim vira uma política: depois que uma turma toma um lado e outra toma outro, fica igual ao prefeito. O prefeito daquele lado, o cara tá vendo que ele é ruim, botaram um prefeito ruim, mas

> não se dá o braço a torcer. Ele pode morrer que o prefeito dele vai ser sempre....melhor que o outro, não adianta. [137]

O conflito da Barra das Pedras teve desdobramentos que interferiram diretamente na vida de muitos moradores de Ibiraquera e redondezas. Em função da transferência do canal da barra para um local de pouca vazão, a água salgada passou a não atingir toda a extensão da lagoa. Com isso, peixes e crustáceos diminuíram drasticamente. Esta situação, que se estendeu do final da década de 1940 até o início da década de 1960, fez com que muitas famílias e jovens se deslocassem para outros lugares a fim de conseguir trabalho. Os mais jovens, solteiros, migraram para Porto Alegre, onde "era só ir e pegar emprego. Lá tinha indústria e aqui não tinha nada. Os que ficaram viveram, mas era difícil", informa Laudelino Antonio Teixeira, que na época migrou para Porto Alegre, onde trabalhou na fábrica de cigarros Souza Cruz. As famílias que dependiam totalmente da pesca migraram para Laguna, "pra pescar no mar de baixo por que lá tem a barra sempre aberta".

A situação da lagoa ficou crítica a ponto de levar os pescadores a se tornarem caçadores. Laudelino Antonio Teixeira, que viveu o conflito da Barra das Pedras, é quem explica a inusitada atividade dos pescadores:

> A situação ficou tão ruim no tempo da barra das pedras que criou um capim alto na lagoa e encheu de passarinho; vieram aves grandes. Aí, o povo começou a matar canhandu[138] pra comer. O seu Roldão, lá da beira da lagoa de baixo, dizia assim: gente, não é canhandu, é peru. Quando a barra das pedras ficou forte, a situação foi melhorando, o capim foi morrendo. Aí eu já matei uma tainha bem grande, mas a tainha era cega por causa da água doce, isso lá por 1961.[139]

Apesar de parecer estranho os pescadores abaterem aves para comer, essa era uma prática até certo ponto comum até a década de 1970, na região de Ibiraquera. Aves como palonas[140] e arancuãs[141] costumavam "incrementar" o cardápio das famílias. No entanto, era mais frequente crianças e/ou adolescentes caçarem e os adultos se dedicarem à pesca e à lavoura. As aves eram abatidas com estilingue, chamado na região de funda, mas já havia

---

[137] TEIXEIRA, Laudelino A. Ibid.

[138] De acordo com Laudelino Antonio Teixeira, o canhandu é uma ave que pesa cerca de 800 gramas. Encontrei referência a ave canhandu na dissertação Rosa Nadir Teixeira Jerônimo (2007, p. 118).

[139] Idem, ibid.

[140] Ave semelhante à pombinha ou pomba-rola, mas de tamanho maior.

[141] O aracuã (Aracuan Bird) é uma ave da Ordem Falconiformes, Família: Cracidae, Espécie: Ortalis guttata. É assemelhado aos jacus, mas bem menor; apresenta um comprimento de aproximadamente 80 cm. Vive em grupos pequenos, apenas nas florestas primitivas da baixada litorânea. Por essa restrição ao ambiente e pela intensa destruição da Floresta Atlântica no Sul do País, é uma espécie vulnerável. Disponível em: <http://www.sefloral.com.br/aves010.htm> Acesso em: 10 out. 2010.

quem tivesse espingarda, o que facilitava o abate. Laudelino Antonio Teixeira conta que, no caso da caça ao canhandu, eram os adultos que abatiam as aves a pauladas ou com tiros de espingarda. A ave era preparada na forma de ensopado.

Outro aspecto a ser sublinhado na disputa pelo local em que a barra da Lagoa de Ibiraquera deveria passar é a existência de grupos politicamente antagônicos, não no sentido partidário, mas no sentido de opinião. Os pescadores tradicionais da localidade de Ibiraquera (Teixeira), capitaneados por membros da família Silveira, insistiam que a pesca na lagoa seria beneficiada se o local de abertura da barra fosse deslocado para o norte, abrindo-se a chamada Barra das Pedras. Por outro lado, pescadores das outras comunidades do entorno da lagoa - Grama, Campo D'Una, Araçatuba e Arroio - insistiam que a barra deveria correr por onde sempre havia corrido, mais para o sul. Laudelino Antonio Teixeira enfatiza que, mesmo com todos os problemas que a Barra das Pedras causou à lagoa, "o pessoal do Teixeira não dava o braço a torcer".

Para que a pendência se resolvesse, foi necessário envolver pessoas de alguma autoridade ou condição econômica, como Sagi Abrão, comerciante estabelecido na comunidade de Araçatuba, na época "centro" comercial e religioso da região. Maria Aparecida Ferreira, presidente do Fórum da Agenda 21, filha de um pescador/lavrador e de uma professora de Ibiraquera (Teixeira), apresentou sua versão para o conflito da Barra das Pedras e o modo com se deu sua resolução:

> Os conflitos em torno da pesca na lagoa são uma briga muito antiga, desde quando a gente era criança. Inclusive os nossos avôs já foram os primeiros a fazer acordos de pesca entre as comunidades, já trocaram até a barra de lugar, passando para barra das pedras e isso foi bem polêmico. Na época teve um grupo, do Seu Sagi Abraão, que defendia e outro que não defendia, ganhou o que defendia. Nessa época, foi muita gente pra Porto Alegre, trabalhar fora, porque não dava mais peixe na lagoa.[142]

Somente no início da década de 1960 é que a barra voltou a correr no lugar mais ao sul, onde era mais comum que "arrebentasse"[143], na chamada Barra da Praia. Foi preciso que as autoridades municipais se envolvessem mais efetivamente e que a polícia vigiasse o local e garantisse para que a barra não fosse aberta nas pedras. Nessa disputa, muitas pessoas foram agredidas e presas.

---

[142] FERREIRA, Maria A. Ibid.

[143] A barra pode abrir sem a interferência de homens ou máquinas, quando isso acontece diz-se que a barra arrebentou.

Outra situação conflituosa na Lagoa de Ibiraquera diz respeito aos instrumentos de pesca utilizados. É proibido pescar com rede, como também é proibido utilizar liquinho a gás na iluminação, mas essas regras não são levadas a sério, o que já causou muitas brigas e ainda acirra os ânimos. Abelardo Soares de Moraes, militante na luta pela implantação da Resex, se mostra indignado com a situação:

> Tem muito mais gente morando ao redor da lagoa, mais poluição, não tem controle, não tem fiscalização, então cada um pesca do jeito que quer. É proibido, mas pesca do jeito que quer, porque hoje a fiscalização não tem condições de ficar permanente aqui, como rede, berimbau[144], qualquer um chega e pesca do jeito que quiser. A fiscalização não tem fiscal suficiente para ficar fiscalizando direto a lagoa.[145]

Em sua opinião, a lagoa está desprotegida em vista da insuficiência de fiscalização e por não conseguir abranger toda a sua extensão, facilitando atividades pesqueiras com rede de arrasto e berimbau. Ele conta, ainda, que se envolveu diretamente nas situações conflituosas, sendo, muitas vezes, criticado pelos moradores locais que não se envolvem:

> Os redeiros sabem que eu denuncio mesmo e um dia as redes deles foram apreendidas e eles foram lá e botaram fogo na minha canoa. Quando a fiscalização não funciona, nós fazemos grupos de pescadores pra dar uma volta na lagoa e vigiar mesmo, não tem como controlar, então fazemos por conta própria, dando a cara pra bater e se envolvendo em confusão na tentativa de salvar a lagoa. Os redeiros limpam o fundo da lagoa e os tarrafeiros que se danem. É assim, se tu fizeres alguma coisa pra ajudar a comunidade, tu podes acreditar que tu vai ser criticado. As pessoas se acostumaram com a reveria, com a bagunça, não pensam em nada, só vão pescar e reclamar, não vão numa reunião saber o que pode ser feito em função daquela reclamação. Eles não participam. As pessoas só criticam a própria comunidade; não ajuda a fazer nada por nós mesmos, por todos.[146]

Para ele, a situação de descaso com a lagoa provém da pouca participação da comunidade com assuntos que são de interesse geral, pois as pessoas se acostumaram a não reivindicar nem a lutar por seus direitos. Como não existe uma fiscalização eficiente, os pescadores costumam "fazer justiça com as próprias mãos", organizando grupos que percorrem a lagoa apreendendo redes. Esta atitude tem levado os redeiros a dar o troco através de atitudes como colocar fogo em canoas de tarrafeiros.

Como vimos, nem todos os pescadores são contrários à pesca com rede nas lagoas, até porque se tal atividade existe é porque tem quem a aprove. O próprio presidente da Colônia de

---

[144] Instrumento de pesca semelhante a uma rede, com o diferencial de ser pequeno e poder ser manuseado por um único homem.
[145] MORAES, Abelardo S. de. Ibid.
[146] Idem.

Pesca de Garopaba, Jair João Ribeiro, que está à frente da instituição há dezoito anos, acredita que existam períodos em que a pesca com redes não é prejudicial:

> Não pode pescar de rede nas lagoas, mas se dá alguma roubadinha, né? Oh, minha filha, eu moro aqui em Garopaba e sei que a Lagoa da Ibiraquera dá quantidade de camarão e quantidade de peixe. Na minha opinião, quando a barra tá fechada, eles podem pescar de rede pra matar uma tainha, matar outros peixes. Por que eles não matam um terço do peixe, pois quando abre a barra vai tudo embora. E tem muito peixe, eu vejo. [147]

Sua tolerância com as irregularidades relacionadas à utilização de determinados instrumentos de pesca nas lagoas da região de Ibiraquera e Garopaba evidencia o lugar de onde fala, pois fala como homem do mar, acostumado a pescar com redes. Ele não é um pescador habituado com o sistema de pesca das lagoas; sua prática é no mar. Aprendeu a enfrentar os revezes da vida de pescador, com seus familiares na beira da praia do Centro de Garopaba.

Quem pesca de tarrafa, como Abelardo Soares de Moraes, tende a se indispor com os pescadores que preferem dar uma "roubadinha" utilizando redes. A pesca com rede não respeita tamanho nem espécie de pescado, arrastando tudo que tem pela frente, alterando de maneira significativa o ecossistema. Grande parte do pescado trazido nas malhas da rede é desprezada: o berçário de crustáceos e peixes não tem oportunidade de se desenvolver até o tamanho ideal que cada espécie deve atingir para se tornar próprio para consumo.

Além de todos os problemas apontados em relação à pesca na Lagoa de Ibiraquera, existe outra questão que gera desconforto: a barra passou a ser aberta não mais em função das condições do mar, da lagoa e da época propícia. É cada vez mais influenciada pelo agravamento da poluição. Nas casas que ficam às margens da barra, quando a lagoa está muito cheia, as fossas "assoberbam" e a situação torna-se insuportável, pois os dejetos ficam expostos e a água se torna fétida. Abelardo Soares de Moraes[148], pescador experiente e preocupado com a manutenção da pesca na lagoa, também comenta esta situação:

> Tu não vês que no verão tem horas em que eles são obrigados a abrir a barra porque polui tudo. São obrigados a abrir a barra pra tentar limpar e o pescador fica de lado. Eles abrem a barra fora de época. Tu abrir uma barra pra despoluir? A poluição tem que ser cuidada de outro jeito. A época em que a barra é aberta interfere na entrada de larvas, de peixes. Se tu abre fora de época, tu tira o que tem na lagoa e não repõe. Quantas vezes a barra foi aberta por gente que nem mora aqui, por turista. Ninguém

[147] RIBEIRO Jair João. Ibid.
[148] MORAES Abelardo Soares de. Ibid.

> manda. Se a Resex não sai, a nossa lagoa já era, dentro de uns dez anos é uma poça de poluição pra andar de *kite surf.* [149]

Busco, novamente, em Roberto Bruno Fabiano, subsídios para explicar mais tecnicamente o sistema de abertura do canal da Barra de Ibiraquera:

> A Lagoa de Ibiraquera é classificada como laguna "sufocada", pelo fato de possuir apenas um canal de ligação com o mar. Esta válvula - a Barra da Lagoa - determina o êxito ou o fracasso das atividades pesqueiras, na medida em que permite a entrada de várias espécies hidrobiológicas. Sua abertura é [deveria ser] realizada pelos moradores da área e o fechamento efetuado pela ação das marés. De acordo com os pescadores locais, caso a barra fique aberta por muito tempo, os peixes adultos que migram para a Lagoa na fase de desova acabam escapando, diminuindo assim os estoques. Por outro lado, um fechamento prematuro pode restringir a entrada de larvas que se desenvolvem no interior da Lagoa. Dessa forma, qualquer intervenção no funcionamento deste sistema influencia significativamente a produtividade do setor pesqueiro. Hoje em dia o procedimento para a abertura do canal passa pelo Presidente da Colônia de Pescadores de Imbituba, que solicita uma máquina (trator) para a Prefeitura, que no período de um dia abre o canal. Em uma abertura presenciada em 2002, o trator foi pago por um empresário do ramo imobiliário, que tem sua residência praticamente dentro da lagoa. Neste caso, houve a coincidência do interesse dos pescadores com o setor imobiliário e turístico, mas normalmente a pressão do turismo almeja mais aberturas de barra, principalmente durante a época de veraneio (FABIANO, 2004, p. 53).

A explicação sobre os procedimentos e a influência da abertura do canal da Barra de Ibiraquera sobre os estoques de pescado na lagoa corrobora a posição de Abelardo Soares de Moraes. Ambos concordam que a barra deve ser aberta quando é realmente necessário, ou seja, quando as condições naturais, como a intensificação das chuvas, "forçam" sua abertura, o que deve ocorrer de duas a três vezes no ano.

Outro fator que pode interferir na abertura do canal é a procissão da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Um morador da comunidade me explicou que neste ano tem chovido muito e pode ser que a barra "arrebente" antes da festa, mas que, se for possível a abertura do canal, será postergada até o dia dois de fevereiro, data da procissão. Caso a barra abra antes da festa, fica complicado fazer a procissão na lagoa, pois ela baixa muito e será preciso atravessar com a Santa nos ombros, por dentro da lama, até um local em que as canoas possam navegar.

---

[149] *Kitesurf*, *kiteboarding* ou mesmo *flysurf* é um esporte aquático que utiliza uma pipa (também conhecida como papagaio) e uma prancha com uma estrutura de suporte para os pés. A pessoa, com a pipa presa à cintura, coloca-se em cima da prancha e, sobre a água, é impulsionada pelo vento que atinge a pipa. Ao controlá-la, por meio de uma barra, consegue-se escolher o trajeto e realizar saltos incríveis. Este esporte, relativamente recente, goza no momento de grande popularidade, sendo uma prática crescente no Brasil. É um esporte que não agride a natureza, pois é a interação do atleta com o vento e a superfície da água. Disponível em:
< http://360graus.terra.com.br/kitesurf/default.asp?did=2065&action=reportagem> Acesso em: 14 jun. 2010.

Além das preocupações expostas por Abelardo Soares de Moraes, que envolve abertura da barra e poluição, existe outro conflito: a prática de esportes, como o *kite surf* nas águas da Lagoa de Ibiraquera, considerado pelos pescadores como inadmissível, pois, na opinião deles, "espanta os cardumes e deixa a água turva".

Porém, o casal de proprietários do "Ibiraquera *Kite Center*: Escola de *Kite Surf*", também se considera no direito de utilizar a lagoa como fonte de renda, já que, em sua opinião, a lagoa é um bem comum. Fernanda Morganti Schimitz, 31 anos, revelou seu ponto de vista em relação à utilização da Lagoa de Ibiraquera, particularmente a Lagoa de Cima, para a prática do *kite surf*:

> A gente já tem essa terra aqui há mais de doze anos. Como essa terra aqui, tanto Garopaba quanto Imbituba, é muito propicia pra ventos, pra essa modalidade de esporte que a gente faz que é o *kite surf*. Compramos essa terra aqui em função disso, por que já tínhamos a intenção de montar esse negócio. Quando a gente montou a escola e começou a dar as aulas de *kite surf*, nós tivemos um pouco de conflito, especialmente com os pescadores locais. A gente até entende, já que antes eram só eles que usavam a lagoa e até a comunidade que usava pra banho e tudo. Nesses conflitos com os pescadores, nós fomos ameaçados.Teve pescadores que correram atrás de nós com facão, com pedaço de pau. Já correram atrás de alunos nossos, que não tinham domínio do esporte e não sabiam nem como fugir. Nessas muitas discussões, da parte deles, porque a gente sabia que a lagoa é um bem comum, de todos e que se o esporte fosse não-poluidor como o nosso não tinha problema, que não era nenhum crime e nem danificava a lagoa de alguma forma, é um esporte sem motor, completamente saudável e em harmonia com a natureza, sem poluentes.[150]

Schimitz é proprietária da Escola de *Kite Surf*, localizada no bairro de Araçatuba, município de Imbituba. Ela e o marido são gaúchos, de Novo Hamburgo. Compraram o terreno onde funciona a escola há cerca de doze anos. A empresária, com formação universitária em Administração em Turismo e Hotelaria, explica que já adquiriram a propriedade às margens da lagoa com a intenção de explorar os ventos fortes e constantes da região, oferecendo aulas do esporte *kite surf*.

A princípio, o casal não cogitou na possibilidade de ter problemas com os pescadores, já que o esporte é do tipo limpo, ou seja, não utiliza motor e não lança poluentes na lagoa. Porém, de acordo com o depoimento, os conflitos surgiram assim que as aulas começaram. Os pescadores reagiram, em sua opinião, de forma violenta. Houve troca de acusações e pouco entendimento. Atualmente, as aulas continuam, mas os segmentos envolvidos não entraram em acordo.

---

[150] SCHIMITZ, Fernanda M. Araçatuba–Imbituba/SC. Entrevista concedida à autora em 18 mai. 2010.

É importante esclarecer, apesar de todas as confusões e diversidade de opiniões, que a lagoa não tem um dono. Não é exclusiva dos pescadores com carteira. O presidente da Aspeci defende a negociação como uma forma de permitir que esportistas e pescadores usufruam da lagoa, mas alerta:

> Nós temos problemas sérios nas lagoas com *Wind surf* e *Kate surf*, principalmente na Lagoa de Cima. Já são duas ou três escolas que funcionam lá. Então os pescadores vão tarrafear e ficam com medo daquela linha passar no pescoço deles. É um esporte muito perigoso e nós estamos lutando pra fazer um acordo com eles, pra deixar uma área pra eles, ou levar pra Lagoa de Baixo, porque essa é uma lagoa rasa e daqui a pouco não tem mais jeito, a pesca vai ser excluída em função do esporte.[151]

A preocupação do presidente é bastante plausível. O próprio sítio eletrônico "360 graus" – dedicado a esportes radicais como o *kite surf* –, chama a atenção para os pontos positivos e negativos do esporte: "Os pontos positivos dos *kites* são: tamanho, comodidade no transporte e pouco vento para executar manobras. Os pontos negativos: perigo das linhas do kite; já ocorreram alguns acidentes graves fora do Brasil." [152]

Antonio da Rosa tem uma percepção em relação à necessidade de preservação ambiental que não parece ser algo inculcado por outros. Indiferente aos debates dos ambientalistas, é também sensível em relação à natureza:

> Tomara que viesse a Resex, dessa maneira que eu falei: pescador pescar o que quer, é dele a quantia que poder pegar. Proibir rede na pedra, proibir tarrafa tarrafeando na pedra, proibir mergulhador, proibir garatéia, não mexer em terra de ninguém. As cachoeiras têm que ser protegidas, então tem que proibir para não derrubarem o mato. Que bom que tem que proteger. A gente derruba o mato, aquele que é necessário, por uma necessidade e não queima. Deixa brotar, por que se uma pessoa precisar de lenha pra fazer farinha ela tira; eu já tirei bastante. Ele tira lenha, só que não queime que brota outra vez, daqui a 10 anos, 15 anos tem lenha outra vez. Agora o que adianta hoje você ter uma mesa bem cheia de comida e o resto do ano não ter mais nada, a mesa tá limpa? É assim que tem que ser, pra quem quer devorar tinha que ter uma justiça rígida, mas que pegasse e botasse na cadeia e o advogado que fosse lá, botasse na cadeia também. Eu penso assim, eu digo o que é a verdade, não é? Pode ser lá no juiz, pode ter advogado, pode ter o que tiver, eu digo.[153]

Antonio da Rosa, ou Nico Zizué, é um homem da terra: criou seus nove filhos trabalhando na roça e na pesca e, como gosta de salientar, "com muito respeito e honestidade". Ainda hoje seus filhos continuam trabalhando na lavoura, embora façam

---

[151] SILVEIRA, Lédio da. Ibid.
[152] HISTÓRIA do *kitesurf*. Disponível em: <http://360graus.terra.com.br/kitesurf/default.asp?did=2065&action=história> Acesso em: 26 jun. 2010.
[153] ROSA, Antonio da. Ibid.

trabalhos de manutenção em casas de turistas. Argumenta que seus filhos não continuam pescando porque está muito difícil:

> A pesca está se acabando porque não dá pro pescador sobreviver. Está difícil. Os filhos não quiseram mais pescar porque não dá pra comprar uma camisa pra vestir, porque não se matou quase mais nada, está muito pouquinho. Hoje só pescam uns velhinhos. Os novos não querem pescar mais, porque ele, coitado, está lá dois meses sem pegar um peixe. Quando ele pega, tudo bem; sem pegar, como é? Ele vai comer de onde? Mas eu criei esses filhos tudo pescando, nove filhos. Era dez. Morreu um pequeninho, mas não foi de fome. Tinha dia que não tinha janta; tinha dia que não tinha o almoço; tinha dia que tinha tanto peixe que a mulher não sabia o que fazer. Então a vida de pescador é assim, quem dizer diferente está mentindo, que o pescador, eu digo o artesanal, o da costa, o lá de fora do mar eu não afirmo. Eu tenho um filho caseiro que era pescador. O gosto dele é pesca, mas não deu mais por esse motivo; então ele foi obrigado a trabalhar de caseiro. Lá um dia ele vai. Ele ontem à noite teve aqui dizendo: pai, não tem mais jeito de pescar porque o desaforo está demais.[154]

Através do relato de Nico Zizué é possível perceber que houve um tempo em que a pesca artesanal garantia a sobrevivência das famílias; hoje, porém, a situação não é a mesma. A nova configuração social impeliu o pescador a desempenhar outras atividades que lhe garantam renda mensal (semanal, quinzenal) necessária à manutenção básica financeira da sua família. Mesmo favorável à Resex, Nico Zizué deixa claro que são poucas as pessoas que desenvolvem exclusivamente a atividade da pesca artesanal, que somente os “velhinhos” é que se dispõem a ficar dois meses acampados na praia esperando o “lanço” de peixe.

Ainda levando em conta esse relato, penso que os hábitos consumistas atuais são, de algum modo, responsáveis pelo abandono das atividades de pesca artesanal por parte dos mais jovens. Se há trinta anos a alimentação era basicamente farinha, peixe, café, leite e produtos como batata-doce, aipim, abóbora, banana, dentre outros, atualmente os hábitos alimentares são bem diferentes: bolachas, iogurtes, refrigerantes e demais produtos industrializados, indispensáveis hoje para muitas famílias. É visto que a pesca não dá conta das novas demandas da vida urbana e moderna.

Na propriedade de Nico Zizué foi construído um engenho de farinha comunitário (cooperativa) há cerca de dez anos. A prefeitura de Garopaba conseguiu verba para construir um engenho comunitário, a exemplo de um alambique que já havia sido instalado na Comunidade de Remanescentes de Quilombo do Morro do Fortunato, mas faltava um terreno. Quando Nico Zizué soube da proposta, em 1993, mandou avisar ao prefeito:

---

[154] Idem.

> Se eles quiserem a terra pra fazer lá em casa eu vou dar. Varei na casa do Lode e perguntei pra ele: onde é que vão fazer o engenho? Ah, Nico, esse é o problema, terra na Garopaba tu sabes como é o preço. Pois é Lode, eu dou a terra, pode avisar pro prefeito que eu dou a terra, daí eu faço a minha farinhinha com a mandioca que os rapazes plantarem. O prefeito veio aqui e eu disse: pode fazer aonde quiser, não pegando na casa. Ele perguntou: tu dás a terra? Dou, a minha palavra não volta atrás. E se precisar assinar um documento, tu assinas? Assino. Só agora que eu assinei o papel, assinei agora pra vim benfeitoria, pra trocar uma porção de peça, por que o que é de ferro tem que trocar tudo e botar alumínio, inox. Vão fazer mais dois fornos e vai servindo pra todos. É um bem. [155]

Assim foi construído o engenho comunitário na propriedade de Nico Zizué. O engenho vem funcionando bem, mas não foi como ele pensava: "Eu pensava que cada um pegava o engenho e fazia a sua farinha; mas não pode ser, senão na primeira semana quebra" [156]. Quem planta uma roça, arranca a mandioca e leva para o engenho; depois de produzida, parte da produção de farinha fica para os administradores do engenho, no caso a família de Nico Zizué. Ele conta que no começo ficou triste com a atitude de algumas pessoas próximas, mas que hoje já está tudo superado: "O povo já virou a dizer que eu tinha ganhado um engenho, que barbaridade. Aí eu disse: gente não é meu, é público. Até os vizinhos, até compadre, a inveja. Não! Não é meu, é da prefeitura, é público, é um engenho do povo".[157]

Por outro lado, ele se sente muito triste com a evolução da pesca. Relembra a fase em que havia respeito pelo conhecimento dos mais velhos, quando havia parceria. Reclama que hoje o respeito acabou, que, além de todas as dificuldades que a pesca naturalmente oferece, ainda existem situações novas, como mergulhadores e praticantes de esportes náuticos:

> A pesca, desde quando eu me entendo por gente, a pesca da tainha, no Porto Novo, na Praia do Rosa, na Praia do Luz, na Praia do Ouvidor, na Praia Vermelha, até a Praia da Barra [Capão], que antes não tinha rede, hoje a gente tem. A pesca de tarrafa era assim: quem sabia espiar peixe, ia espiar peixe de dia. Ele também tarrafeava de noite, mas era pouco e quem não sabia espiar peixe só pescava de noite. Não vê peixe, aí joga a tarrafa sem saber. Lá um dia um queria aprender a espiar, ia pra perto de um daquele que sabia espiar e quando aquele que sabia via o peixe e botava a tarrafa, então o que não sabia botava no lado. Não tinha nada de esculhambar a pesca daquele. Agora hoje é diferente, hoje o que vê muitas vezes nem bota a tarrafa; o outro corre, espatifa tudo, joga a tarrafa antes dele; não tem regulamento. Não se tem nada de respeito, o respeito acabou. O respeito, de toda maneira foi acabado, não existe mais e que de tudo, do respeito, antes do respeito e a tal de vergonha, que antigamente existia bastante, e hoje não existe mais, a tal de vergonha. Porque da vergonha sai o respeito, o carinho, o amor, a amizade, tudo que é bom e nem dinheiro custa. O mergulhador acabou com tudo. O que é que adianta eu tá pescando com um anzol de caniço ou com uma linha e ter um homem lá debaixo da isca andando lá procurando peixe, um mergulhador. Vai pegar o quê ali?[158]

---

[155] Idem.
[156] Idem.
[157] Idem.
[158] Idem.

Em sua percepção, as relações entre as pessoas vêm perdendo o que há de mais importante: o respeito. Antigamente, os mestres de pesca eram respeitados; os mais novos aprendiam a arte da pesca com eles. Ensinar a pescar consistia em o aprendiz acompanhar o pescador até a praia e/ou lagoa. O pescador experiente, que sabia espiar o peixe, jogava a tarrafa no momento certo, no que era seguido pelo aprendiz que jogava sua tarrafa ao lado. Os que não sabiam espiar pescavam, em geral, à noite. Atualmente, os pescadores mais experientes não são respeitados. No verão, torna-se praticamente impossível espiar peixe nas praias, que costumam ficar lotadas de banhistas; além disso, "todos" querem pescar, a qualquer hora. Não existe preocupação em espiar o peixe e "imitar" as ações dos que possuem mais prática. As tarrafas são jogadas na água. Capturar peixes passa a ser uma questão de sorte.

Os mergulhadores também são por ele apontados como personagens que desrespeitam a pesca tradicional. Apesar de proibida, a prática da pesca submarina é recorrente na região. Na Praia do Ouvidor, são comuns os desentendimentos entre mergulhadores e pescadores artesanais. Já houve casos em que mergulhadores foram agredidos por pescadores. Os mergulhadores, dentre eles alguns surfistas nativos, costumam "tirar" mariscos no Ilhote do Ouvidor – um aglomerado de rochas que fica no meio da praia, cerca de duzentos metros da costa. Porém, não se restringem ao marisco; vêm até o costão e capturam garoupas e outros peixes. Isso atrapalha e irrita os pescadores que pescam de linha nos costões.

É nesse emaranhado de conflitos e impasses que vem ocorrendo o que Canclini (2008, p. 27) chama de "*processos* de hibridação". Para o autor, analisar a hibridez como *processos* possibilita "reconhecer o que contêm de desgarre e o que não chega a fundir-se. Uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica de seus limites, do que não se deixa, ou não quer ou não pode ser hibridado".

A região em estudo oferece uma gama complexa de explicações acerca da fusão, entendidas como resolvidas, ou não, como vimos, de culturas e identidades. No entanto, para que não se apaguem as confrontações, é essencial considerar os *processos* de hibridação visto que essa vertente parece mais dútil que outras formas de análise e interpretação da diminuição das tradições locais em detrimento de uma miríade de outras formas culturais. Dito de outra forma: a transformação de uma comunidade fundamentada principalmente na agricultura de subsistência e na pesca em polo turístico não se deu (dá) de forma tranqüila; ao contrário, existem elementos que resistem ou cindem, provocando tensões, contradições e conflitos.

3. GAROPABA SEM *STRESS*: O MELHOR LUGAR PARA SUAS FÉRIAS

Pretendo, no presente capítulo, investigar como a cultura política dos municípios de Garopaba e Imbituba se apropria da noção de natureza, focando mais especificamente Garopaba, pois, inegavelmente, os turistas são atraídos para a região com o intuito de conhecer a localidade e, em particular, a Praia do Rosa, localizada no norte do município de Imbituba, e vice-versa. Em outras palavras, busco examinar a forma pela qual a noção de meio ambiente se incorpora ao discurso político com o intuito de explorar economicamente o turismo. Abordo, ainda, algumas tensões provocadas pelo turismo (mas não só por ele) e as invenções a que os moradores locais tiveram que recorrer para se inserir na nova cultura do lugar, nascida da mistura da própria com a estrangeira.

O turismo, sabidamente, levou as localidades litorâneas em geral, portanto não só de Santa Catarina, a um acelerado processo de transformação. Essas transformações atingiram diretamente as populações tradicionais, seja as residentes quanto as migrantes, estas atraídas por novas oportunidades de trabalho e/ou de uma vida mais tranquila. Tais alterações exigiram que os moradores desenvolvessem estratégias de resistência ou de inserção frente ao novo.

Se, por um lado, o turismo acelerou o processo de urbanização, por outro a crescente exploração imobiliária transformou o cenário e os recursos naturais em bens de consumo. Para David Harvey (1995, p. 55), "La descarada mercantilización y comercialización de todas las cosas és, después de todo, uno de los sellos distintivos de nuestra época"[159]. Estabeleceu-se, então, na maioria dos casos, uma relação conflituosa entre a preservação ambiental e cultural e as atividades econômicas de base local. De acordo com Lacerda (2003, p.49), "a descoberta do litoral como área turística vai provocar profundas mudanças nas tradições culturais das comunidades litorâneas".

Os lugares com potencial turístico foram "invadidos", preocupando alguns segmentos sociais: a natureza precisa ser protegida, já que se tornou fonte de renda. Dito de outra forma: a atividade turística (em se tratando de atrativos naturais) depende simultaneamente de duas forças contrárias - exploração e manutenção da natureza. A sustentabilidade ambiental passou a ser, então, a senha de um novo modelo de desenvolvimento, que supostamente se esboçava. A concepção de natureza como recurso infinito vai sendo substituída pelo de natureza como

[159] A descarada mercantilização e comercialização de todas as coisas é, depois de tudo, um dos selos distintivos de nossa época. (Tradução nossa.)

bem de capital futuro. A nova economia dos recursos naturais prevê sua utilização em longo prazo.

Neste contexto, o litoral catarinense ganhou, nos últimos anos, *status* de um dos locais mais atraentes para o turismo, seja ele de elite ou de massa. Desta dinâmica emergem algumas questões: como administrar os interesses econômicos em relação à atividade turística e à preservação ambiental de modo a garantir continuação à atividade e condições de vida adequadas à população? Que organização social passa a imperar após o advento do turismo?

O turismo coloca-se, muitas vezes, como única possibilidade de desenvolvimento econômico para um lugar, uma cidade, uma região. Muitas vezes, porém, submete as populações locais a uma ordem externa, desarticulando as culturas tradicionais. Assim aconteceu com os municípios de Garopaba e Imbituba/SC, em particular na região do entorno da Lagoa de Ibiraquera.

Esse entorno é historicamente rural e pesqueiro. O cenário tornou-se bastante conhecido como atrativo turístico, pela própria Lagoa e pela Barra de Ibiraquera, pela Praia do Rosa, pelas praias do Ouvidor, da Ferrugem, da Silveira e do Centro, dentre outras. O modo de vida e o uso dos espaços entraram em um processo de mudança contínua, mas não sem resistência por parte de grupos preocupados em manter a identidade local.

A sensibilização em relação ao meio ambiente não se deu em função das atividades turísticas, embora o turismo faça parte dessa história. A nova sensibilidade em relação ao meio ambiente teve suas primeiras manifestações lá pelos idos de 1950. Naquele momento, preocupava-se estritamente com a conservação ambiental e com a proteção de fauna e flora em extinção. Um segundo momento, a partir de 1970, revela alguma preocupação com os impactos predatórios da poluição causada pela indústria.

Este período (1950–1970) coincide com o do “milagre brasileiro”, auge do desenvolvimento econômico. Predominava a idéia de que os recursos naturais deveriam ser utilizados para acelerar as ações desenvolvimentistas. Havia preocupação apenas em mostrar que se tomavam alguns cuidados para minimizar os problemas de poluição e preservar alguns recursos naturais. Saliente-se que o envolvimento civil praticamente inexistia, restringindo-se a grupos isolados no Sul e Sudeste do País.

Na década de 1980, o ambientalismo se expande e o discurso “verde” já encontra alguma ressonância na sociedade brasileira. O processo de redemocratização permitiu a expansão de diferentes movimentos sociais. A Assembléia Constituinte de 1988, através da

Frente Parlamentar Verde, tornou a legislação ambiental brasileira uma das mais modernas do mundo, em termos de proteção ambiental.

As novas percepções do ambientalismo brasileiro vão ganhar realmente força durante a preparação e realização da II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio-92 -, inserindo o incipiente movimento ambientalista nacional no cenário internacional, evidenciando o quanto o contexto político internacional condiciona o contexto e o discurso brasileiro.

O discurso ambiental muda de configuração, trocando ações isoladas pela necessidade de pensar as relações entre o desenvolvimento econômico e a proteção ambiental como eixos de convergência da relação entre sociedade e Estado. A maior consistência de ideias das organizações ambientais e a maior visibilidade de suas ações contribuem diretamente para que outros sujeitos se incorporem mais efetivamente ao debate ambiental: grupos científicos e parte do empresariado.

A presença da comunidade científica se multiplica. Desempenha papel relevante em programas e parcerias com agências governamentais, organizações não-governamentais – ONGs - e empresas privadas preocupadas com a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. De acordo com Pedro Jacobi (2003, p. 16), “setores do empresariado contribuem de forma crescente no apoio financeiro a diversas entidades ambientalistas e participam mais ativamente dos debates públicos em torno da sustentabilidade”.

A mídia participou efetivamente deste processo, servindo de vitrina para a difusão do ambientalismo. Não podemos perder de vista, porém, que a consciência em relação às práticas “ecologicamente corretas” restringia-se, a princípio, a uma elite, tanto do ponto de vista material quanto intelectual. Portanto, o ambientalismo brasileiro se configurou por meio de uma prática seletiva.

No entanto, a ampla difusão da preocupação de governantes e sociedade civil com os problemas ambientais e a intensificação de fóruns e discussão sobre o problema não resultou em consenso em torno das soluções. Hoje, existem conflitos bem mais intensos do que se poderia imaginar há vinte anos, o que tem tornado as soluções ainda mais problemáticas. Ocorreram e ainda ocorrem diversos conflitos entre segmentos e organizações sociais envolvidos com a questão ambiental.

A temática assume papel relevante nos discursos de diversos sujeitos sociais e surgem inúmeros grupos ambientalistas. As ONGs têm papel decisivo nessa transição de sensibilidade – de trabalhista para ambiental. A abertura, no Brasil, de importantes segmentos

ambientalistas mundiais, como o *Greenpeace* e a *Friends of Earth*, fortalece as organizações que recorrem diretamente ao financiamento externo para o desenvolvimento de projetos na área.

Foi na década final do século 20 que a questão ambiental ganhou *status* de preocupação global. Mobilizaram-se não só a sociedade civil organizada e os meios de comunicação, como também os governos de todos os lugares do planeta. Porém, a ampla difusão da preocupação de governantes e da sociedade civil com os problemas ambientais e a intensificação de fóruns e discussão sobre o problema não resultou em consenso em torno das soluções. Desde então, passamos a assistir ao crescimento de movimentos sociais e políticos voltados à preservação do meio ambiente. A tal linguagem tornou-se um importante instrumento na mediação/negociação de conflitos nos espaços públicos, levando à institucionalização da questão ambiental.

Institucionalizada, traduziu-se em política pública, passando a sujeitar-se às restrições administrativas, onde tudo é crivado pelo viés capitalista (soluções politicamente aceitáveis e economicamente viáveis). Por mais justificável que seja do ponto de vista ambiental, toda demanda deve ser pensada considerando os interesses organizados na esfera pública. A partir da inserção da questão ambiental no âmbito das políticas públicas governamentais, ganharam evidência os conflitos e as tensões entre órgãos públicos federais, empresários, habitantes, lideranças políticas locais e regionais, justiça e outros atores. O Espaço – entendido como Lugar praticado (CERTEAU, 1994, p. 220) e disputado, tornou-se o meio ambiente.

Nos últimos anos, consagrou-se o termo "desenvolvimento sustentável"[160]. Isso implica que o universo moral a ser seguido passou a ser imposto por agentes externos, tornando as relações experimentadas com os espaços, de certa forma, esvaziadas de sentido, já que, de acordo com Clifford Geertz (1989, p.150), "é por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive".

O melhoramento da malha viária que liga a região de Garopaba e Ibiraquera ao Sul do País encurtou as distâncias, trazendo mais facilidade para a região nos deslocamentos e na interação com novas tecnologias, novas visões de mundo, novas instituições sociais e

---

[160] O conceito de desenvolvimento sustentável, derivado da ideia de ecodesenvolvimento, tem sua principal referência no relatório *Nosso Futuro Comum*, elaborado pela Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987. A partir deste documento os fatores socioculturais e ecológicos foram incorporados às políticas econômicas, socializados no imaginário coletivo, e absorvidos pelo próprio mercado, que passou a vender produtos ecológicos e bens distintivos de identidade cultural. Porém, existem inúmeras possibilidades de explicação e entendimento para o termo "desenvolvimento sustentável"; assim, deixo em aberto a explicação ao entendimento de cada leitor.

percepções do ambiente. Tais elementos, dentre outros, abriram as portas a uma atividade até então desconhecida no lugar: o turismo e, com ele, a sensibilidade ambiental. Para Lucrecia D. Ferreira (1996, p. 20), “o longe é um lugar que não existe mais. As distâncias superadas, o deslocamento se concentra no tempo rápido, sem medida”.

Assim, essa região passou a abrigar tribos e temporalidades variadas. “O que antes marchava passo a passo, agora vai a galope” (KOSELLECK, 2006, p. 289). A experiência que os nativos tinham até então em relação ao tempo vivido foi aos poucos se transformando. Territórios e fronteiras foram balizados e a vida cotidiana foi, aos poucos, se adaptando, substituindo o “cantar” dos carros de bois e dos galos nas madrugadas pelo som *techno* das danceterias.

Com isso, foi estabelecida uma nova ordem entre as antigas paisagens, suas antigas práticas e suas novas formas de uso e representação. Este movimento entre o velho e o novo impulsionou a relação do lugar com o mundo que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneiras de falar, mercadorias, modos de agir. Destarte, a identidade do lugar é continuamente recriada, produzindo um espaço social híbrido, em que o velho e o novo se fundem, dando lugar a uma nova organização socioespacial.

A sensibilidade pública a respeito do meio ambiente cresceu em diferentes direções dentro da sociedade. Hoje, tende a predominar uma consciência global sobre as chamadas ameaças à sobrevivência na Terra (mudanças climáticas, biodiversidade, resíduos tóxicos e nucleares, oceanos e águas doces) que motivaram a realização da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - Unced -, no Rio de Janeiro, em 1992; por outro lado, agrega-se a demanda da cidadania com vistas à qualidade de vida e do ambiente.

O contexto atual, definido pelo binômio meio ambiente e o desenvolvimento, tem como consequência diferentes maneiras de pensar a “condição pós-moderna”, ou pós-industrialização.

A industrialização comportou modelos próprios. A tensão entre o velho e o novo se traduz hoje em processo de transformação, definido por globalização e as reconfigurações dele derivadas (em âmbito social, cultural e político). Um de seus produtos é o turismo, que guarda íntima relação com lazer.

A região, portanto, profundamente afetada pelo turismo, terá consequencias sobre uma nova concepção e utilização do espaço urbano (MULLINS, 1991), que exige infraestrutura

adequada para lhe dar suporte, ou seja, orientada à produção de espaços para o lazer, espaços para serem consumidos.

Atrelados à urbanização turística, os lugares entram rapidamente no fluxo de informações, bens e pessoas, e inserem-se no movimento global. Este é o caso das praias do entorno da Lagoa de Ibiraquera e demais praias de Garopaba. Podemos citar o caso da Praia do Rosa, que em menos de 30 anos deixou de ser uma praia praticamente selvagem, localizada numa área economicamente estagnada, com base na pesca e agricultura de subsistência, para se transformar em um dos mais requisitados (e caros) destinos turísticos do Sul do Brasil.

A Praia do Rosa localiza-se ao norte do município de Imbituba. Geograficamente, apresenta um conjunto de planalto, planície e mar. Considerada como um dos pontos mais bonitos do município, é ideal para a prática de esportes, descanso e lazer. Além disso, todos os anos recebe a "visita" das baleias-francas, que vêm ter seus filhotes e amamentá-los no litoral catarinense. Atualmente, a Praia do Rosa conta com toda uma infraestrutura (em termos de pousadas, bares e restaurantes) que a capacita a receber turistas do mundo inteiro.

Toda esta transformação teve início na década de setenta, quando um "bando de *hippies* gaúchos" passou a frequentar o lugar, em busca de "liberdade", simplicidade e contato com a natureza. Comportamento perfeitamente explicável pelo contexto político e social da época. No decorrer dos anos de 1970 e 1980, estes lugares eram procurados por jovens oriundos de grandes cidades em busca de experiências alternativas, já não vivenciadas nos balneários eleitos pelas camadas médias, que reproduziam nessas áreas as práticas urbanas de lazer e consumo, caracterizando um turismo de massa.

A trajetória do turismo na Praia do Rosa tem certas semelhanças com várias outras comunidades do Brasil e do mundo, onde seu crescimento se deu também de forma um tanto caótica, sem o devido planejamento, iniciando-se com a chegada de *hippies* e mochileiros, em busca do contato com o diferente e exótico, com a natureza e a cultura local, seguido de um crescente processo de massificação do turismo.

> Como diz Jaí, "eram uns bicho, mas tudo gente boa". Referindo-se aos "bichos grilos" que por ali apareciam. Cabeludos e mal vestidos, em resistência ao consumo, procuravam, entre os "locais", uma vida mais natural, mais "zen". Liberdade total e irrestrita, sem repressão, onde podiam se expressar de forma autêntica, no sexo, nas drogas e um pouco de rock' in' roll. Tanto era o sentimento de liberdade que muitos banhavam-se e andavam nus, homens e mulheres, causando enorme espanto aos moradores.

> Assustados com tamanha violação no comportamento tradicional, viam nos hippies um "bando de loucos". Foi a partir dessas experiências que os moradores de Garopaba sentiram que havia algo acontecendo além do seu pequeno universo (BITENCOURT, 2003, p. 116).

Os nativos realmente não entendiam muito bem aquele comportamento; tinham certo receio, pois o "pessoal de fora" se vestia de modo estranho, catava chapéu de cobra[161], fumava uns cigarros fétidos, dentre outras coisas consideradas diferentes. Havia certo estranhamento no ar.

> No mundo o movimento "hippie" ganha destaque pregando "Paz e Amor". Milhares de jovens buscavam formas de vida alternativa, em pequenas comunidades, sob o signo da liberdade de expressão no "sexo, drogas e rock' in' roll" cantado pelos ídolos Janis Joplin e Jimi Hendrix entre outros. Em Garopaba [e na Praia do Rosa], a luta pelo mínimo era rotina fiel. O sonho de consumo era uma boa alimentação. Sem energia elétrica, com uma produção arcaica de alimentos e uma economia de escambo, viver no "paraíso" era um constante sacrifício para a maioria. Praticamente sem nada e com tudo por fazer, o "paraíso tinha cara de "sociedade alternativa" (BITENCOURT, 2003, p. 112).

Os fragmentos acima citados fazem parte da obra do jornalista gaúcho Pedro Bitencourt (2003), radicado em Garopaba, intitulada "De *Igara-mpaba* a Garopaba: sete mil anos de história" e traduz a visão que um estrangeiro tinha do lugar. Entendo que ver a região como "paraíso" é bastante plausível, já que naquele momento as cidades oprimiam e os lugares pouco explorados permitiam uma idéia de liberdade. No entanto, discordo quando afirma que as pessoas viviam "praticamente sem nada e com tudo por fazer", pois Garopaba e adjacências, apesar de pouco ou nada urbanizadas, já tinham uma organização social pautada na solidariedade e nos laços familiares, produzindo o que necessitavam para viver. Dizer que as pessoas sonhavam apenas com um prato a mais de comida é reduzir o modo de vida simples à condição de mera sobrevivência, o que de longe não era a situação da complexa "vida simples" que tinham os "nativos", especialmente quando vistos nestes termos: "de dentro".

Naquela época, a Praia do Rosa era chamada pelos nativos do Porto Novo ou simplesmente de "Atrás do Morro", não passando de um pequeno povoado de pescadores e plantadores de mandioca, onde a vida escorria lenta por entre casinhas de madeira e engenhos

[161] Denominação local dada, de maneira geral, aos cogumelos.

de farinha, com telhados enegrecidos devido à fumaça do fogão a lenha; o banho era de gamela[162] e as noites eram iluminadas por "pombocas" de querosene.

No entanto, o rápido movimento entre o velho e o novo desenhado pelas investidas do turismo criou novas paisagens, corroeu outras, introduzindo novos sujeitos sociais, excluindo ou marginalizando outros. Assim, o Porto Novo se tornou a Praia do Rosa, num movimento que redesenhou as formas de apropriação do espaço, substituindo antigos usos e selecionando novas paisagens a serem valorizadas para o lazer. A "criação destrutiva" da atividade turística desafia a todo instante a sobrevivência de antigas paisagens e a resistência do lugar.

O lugar só se realiza e se torna concreto por práticas sociais que erguem paisagens, estabelecem relações de poder entre os territórios, limites políticos, econômicos e naturais das regiões, e constroem a identidade cotidianamente vivida. Concluindo, pode-se dizer, sem maior aprofundamento, que o processo de produção de lugares para o consumo acabou por consumir e degradar os próprios lugares. Porém, por um outro viés, pode-se considerar que estas novas paisagens também representam formas contemporâneas de espacialização social, por meio das quais estamos construindo novas formas de socialização, mais híbridas e, eventualmente, mais flexíveis.

A explosão da atividade turística está estreitamente associada à insatisfação com a vida cotidiana. As cidades, absorvidas pelo mundo do trabalho, estimulam a mobilidade das populações. "Esta mobilidade tem, então, um caráter de evasão, de fuga planejada para o anticotidiano, que se coloca em contraposição à desumanização do lugar de moradia" (KRIPPENDOR, 1986, p. 17).

Além disso, as grandes cidades "engolem" seus arredores, levando a cultura urbana aos mais longínquos vilarejos. Esta é uma característica importante do Tempo Presente. Existe nas relações sociais uma forte viscosidade, ou seja, a cultura urbana vai penetrando em todos os lugares, ficando cada vez mais difícil fugir disso.

> Há, portanto, uma dialética entre a excitação urbana e sua continuação estival. Turismo e televisão são os principais canais dessa "difusão explosiva". [...] Estranha pulsão que me empurra para o outro, no formigamento urbano e na balburdia do turismo. [...] Nada, nem ninguém, escapa a tal contaminação (MAFFESOLI, 1997, p. 249-250).

Este ir e vir dos citadinos para lugares de potencial turístico acaba interferindo nos hábitos e representações locais, histórica e culturalmente produzidos de acordo com as

[162] Vasilha em formato de bacia esculpida em madeira.

relações estabelecidas entre as populações tradicionais e os recursos naturais do território. As práticas do lugar vão aos poucos sendo ameaçadas, despertando em diversos segmentos o desejo de preservar e conservar os espaços, até então de uso público e coletivo.

A busca por praias, espaços vazios, sol, tranquilidade, bem como a fuga do ritmo de vida urbana, cresceram junto com a valorização das áreas costeiras. Essas práticas desencadearam lutas e embates entre formas tradicionais e formas "modernizantes" de uso dos espaços. O novo não conseguiu desvanecer o velho; no entanto, a mercantilização do espaço litorâneo e do lazer de verão alterou profundamente a organização social e cultural das populações há anos estabelecidas. É importante considerar o que escreve Hobsbawm (2002, p. 25): "Quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de certo ponto, o passado deve cessar de ser o padrão do presente, e pode, no máximo, tornar-se modelo para o mesmo".

O processo de urbanização está, tradicionalmente, vinculado ao processo de industrialização. Assim nasceram as cidades modernas que atraíram grande parcela da população rural para os centros urbanos. Mas esse modelo de urbanização se mostrou frágil; a exclusão social é hoje uma de suas marcas. Do ponto de vista ambiental, as cidades industriais se mostraram insustentáveis. Hoje existem diversos profissionais que procuram fórmulas para "salvá-las" da autodestruição.

O eterno dilema entre desenvolvimento econômico e manutenção de condições ambientais saudáveis paira agora sobre as localidades "fagocitadas" pela urbanização turística. Não são somente os turistas que consomem vorazmente paisagem, a cultura e o lazer, os únicos "vilões" dessa trama. Os próprios moradores locais se apropriam desse espaço da forma que podem, justificando práticas pouco ou nada ecológicas em nome da ilusão de retorno econômico prometido pelo turismo.

A gradual transformação do município de Garopaba em cidade turística ocorre reproduzindo ou exacerbando características semelhantes às das demais cidades brasileiras: crescimento desordenado e convivência simultânea entre modernização e pobreza. O turismo representa uma das maiores fontes de renda, sendo objeto de investimentos públicos de ordem municipal.

O vereador imbitubense, Cristiano de Oliveira Lopes, 32 anos, representante do DEM e responsável municipal por assuntos relacionados à Resex de Garopaba e Imbituba, quando questionado sobre a existência de projetos públicos voltados à preservação da Lagoa de Ibiraquera, respondeu com honestidade:

> Não posso ser hipócrita de dizer que existe um projeto de preservação ambiental para a Lagoa de Ibiraquera. O que as pessoas precisam entender é que a Lagoa de Ibiraquera serve, atualmente, para atrair turistas. Ela é um cartão postal do município e não mais fonte de renda, através da pesca, para a população local.[163]

O incentivo cada vez maior ao turismo na região vem criando um novo discurso de exportação de imagens para consumo, principalmente entre os habitantes do Centro-Sul do País. A ampliação da rede de hotéis e pousadas e a oferta de serviços respondem a uma fase atual da região, marcada ainda pela diversificação de atividades e oferta de bens de lazer e cultura.

Não podemos, porém, esquecer que uma parcela considerável, tanto de turistas quanto de moradores locais, busca por novas estratégias de participação nos processos de turistificação litorânea. Este é o caso da Associação de Pescadores de Ibiraquera – Aspeci -, que luta junto ao governo federal pela possibilidade de gerenciar a exploração dos espelhos d'água da região da Lagoa de Ibiraquera, nos municípios de Garopaba e Imbituba/SC, através da transformação da área em Resex, tal como visto no primeiro capítulo.

Penso ser possível, em linhas gerais, dividir em duas vertentes as estratégias utilizadas pelos diferentes segmentos sociais para lidar com as transformações produzidas pelo turismo (mas não só por ele) na região de Garopaba e Ibiraquera: uma é a explorada no primeiro capítulo, que se pauta na luta para preservar o meio ambiente e a cultura local; a outra, refere-se às estratégias desenvolvidas, assumida pelo poder público e pela iniciativa privada, principalmente do ramo da construção civil, do setor imobiliário e da rede hoteleira e comercial para receber, selecionar e atrair mais turistas.

A imagem de Garopaba passou a ser mais efetivamente "vendida" pelo poder público e pelo setor empresarial ao final década de 1990. Nos cartazes de divulgação da Santa Catarina Turismo – Santur -, Garopaba era apresentada como um "paraíso" a ser descoberto. A frase "Garopaba: nove praias nove encantos" dava o tom do que o turista poderia encontrar no município. Até então, a fábrica de neoprene Mormaii era a principal responsável pela divulgação das belezas da cidade, que atraía especialmente gaúchos e argentinos.

Em relação à noção de "paraíso", a associação entre a "vila de pescadores à beira mar" e o "paraíso" insere-se na história do imaginário moderno, no qual o "bucólico" e as manifestações do "povo", portador de uma "autenticidade" inata, são resquícios do Romantismo, em suas diversas manifestações, como antítese à modernidade:

---

[163] LOPES, Cristiano de O. Imbituba/SC. Entrevista concedida à autora em 24 mai. de 2010.

> Entre os românticos de todas as tendências se admitia sem discussão que o "povo" – o camponês ou o artesão pré-industrial – exemplificavam todas as virtudes incontaminadas e que sua língua, canções, lendas e costumes se constituíam no verdadeiro repositório da alma do povo (HOBSBAWAM, 1981, p. 288).

No Brasil, a mídia se tem encarregado de atualizar a representação romântica da "originalidade" popular através de novelas e minisséries televisivas. Este foi o caso da novela "Porto dos Milagres", exibida pela Rede Globo em 2001. Baseada na obra de Jorge Amado (1999), "Mar Morto", apresenta o ator Marcos Palmeira como "Guma", idealizando no imaginário do telespectador a personificação do modelo de pescador, um homem simples e encantador: "(...) Guma ama o mar e Lívia também o ama. O mar é belo assim de noite, azul, azul sem fim, espelho das estrelas, cheio de lanternas de saveiros, cheio das lanternas das brasas dos cachimbos, cheio de ruídos de amor" (AMADO, 1999, p.19)

Não menos significativa é a alusão ao "paraíso", referência recorrente no discurso midiático sobre turismo, que chega ao imaginário moderno por um itinerário histórico originado nas representações bíblicas. Entretanto, ao contrário da idéia construída pela religião, o "paraíso" turístico:

> (...) não é o do estado perfeito e harmonioso, mas sim o jardim das delícias, rico em prazeres, em deleites, em situações idílicas, feitas na medida e ao gosto de qualquer pessoa disposta a aventurar-se, a romper com seu cotidiano, dando vazão aos seus desejos e às mais extravagantes fantasias, pois de lá não se é expulso, ao contrário, permanece-se e desfruta-se de tudo que ele pode oferecer. Nele, o pecado e a serpente não existem para interromper a permanência nesse estado (AOUN, 2001, p. 117).

Estes são dois dos diversos caminhos de representação que contribuem para o imaginário turístico. Idéias como "primitivismo", "magia" e "paraíso" podem ser compreendidas como elementos universais, originários da religião ou do Romantismo, entre outras fontes, que passam ao imaginário dos mais diferentes grupos humanos.

O título de Capital Catarinense do Surfe, celebrado depois de uma inesquecível (para surfistas e apreciadores do esporte) competição nacional de surfe na Praia da Silveira, com ondas de até 12 pés, divulgou ainda mais o município de Garopaba, muito embora tenha desagradado ao município de Imbituba, já que a Praia da Vila, no centro da cidade, é considerada uma das melhores do Brasil para o surfe e local onde, entre 2004 e 2010, aconteceram sete etapas do World Championship Tour – WCT[164] -, campeonato mundial de surfe.

[164] Desde 2010 o campeonato deixou de ser disputado em Imbituba.

Aliás, existe certa animosidade entre as administrações públicas dos dois municípios. No início da primeira década deste século 21, havia um belíssimo painel luminoso colocado no principal trevo de acesso a Garopaba, na BR 101, convidando a conhecer as belezas da cidade. O prefeito de Imbituba exigiu que Garopaba retirasse a placa, mas não foi preciso. O fenômeno climático Ciclone Catarina derrubou o objeto de discórdia em março de 2004.

Depois disso, Imbituba ocupou o local com um painel com o qual convidava a conhecer e indicava o caminho para chegar à Praia do Rosa, salientando que o visitante estava em Imbituba. A administração imbitubense também colocou placas indicativas na SC 434, sugerindo um trajeto que passava por seu território para chegar à referida praia. O problema é que esse trajeto é mais sinuoso e complexo que o acesso via Campo D'Una – Garopaba (Figura 4), causando muitos transtornos para turistas e donos de pousadas, pois, em geral, o visitante que opta pelo trajeto sugerido por Imbituba acaba se perdendo.

O município de Imbituba tem, evidentemente, motivos de sobra para sugerir um trajeto dentro dos limites do município. A Estrada Geral de Ibiraquera passa sobre a Lagoa de Ibiraquera, em um local de exuberante paisagem; no entanto, este trajeto é pouco movimentado, mesmo depois da pavimentação. Ali o comércio pouco ou nada se desenvolveu e as terras também não se valorizaram muito. Por outro lado, o bairro Campo D'Una, a opção de acesso ao Rosa via Garopaba, desenvolveu um diversificado comércio e tornou-se um "segundo Centro" de Garopaba, ou seja, o acesso por Ibiraquera estagnou-se e o acesso pelo Campo D'Una tornou-se um lugar em franco desenvolvimento. Contudo, o motivo mais sério de disputa entre Garopaba e Imbituba é a Praia Vermelha.

Enquanto Imbituba a menciona como uma das praias do município, Garopaba reúne documentos e mapas antigos para provar que faz parte de seu território. O sítio da Santur e os encartes por ela produzidos também apontam a Praia Vermelha como um dos "encantos" de Garopaba. Nas escolas de Imbituba os alunos aprendem que a Praia Vermelha pertence a Imbituba; nas escolas de Garopaba, que pertence a Garopaba.

Esta "briga" parece desnecessária, pois, na prática, a Praia Vermelha é, vergonhosamente, uma praia privada que pertence ao Grupo Gerdau. A família de Jorge Gerdau Johannpeter adquiriu as terras, e com elas os caminhos que dão acesso à praia, na década de 1970. Nessa época, a presença da família era pouco notada. Na década de 1980, porém, construiu uma casa de veraneio e passou a frequentá-la, além de receber muitos convidados ilustres, como atores e atrizes globais e políticos influentes.

Figura 4: mapa de Garopaba
FONTE: http://www.litoraldesantacatarina.com/garopaba/mapa-de-garopaba.php

Foram construídas cercas de arame farpado, plantaram-se arbustos com espinhos e na propriedade cães da raça pastor–alemão andavam à solta. Além disso, um vigia permanecia (e ainda permanece) dia e noite no portão da propriedade para impedir visitantes indesejados. Uma placa esclarece: “Propriedade particular: entrada proibida”.

Atualmente, após vários e calorosos conflitos com pescadores e moradores nativos, a entrada de automóvel é permitida para pescadores e moradores cadastrados. Os demais visitantes podem entrar a pé e chegar até a praia através de uma trilha bastante acidentada. Confortos como cadeira de praia e guarda-sol são difíceis de ser transportados, devendo o visitante limitar-se a carregar itens essenciais: água e protetor solar, já que não existe nenhum tipo de comércio no local.

Creio que a dificuldade do município de Imbituba em atrair turistas em proporção aproximada à dos vizinhos municípios de Laguna e Garopaba se deva à "má fama" que o município adquiriu por sediar, entre as décadas de 1970 e 1980, a Indústria Carboquímica Catarinense – ICC. A cidade aparecia nos jornais e noticiários de televisão, geralmente, em função da poluição causada pela empresa. Ocorrências de chuva ácida[165] ajudaram a construir uma imagem pouco atraente da cidade, que, em se tratando de belezas naturais, não deixa a desejar: são oito praias, lagoas e dunas de belezas exuberantes. Tirar da cidade o estigma da poluição é uma tarefa que políticos e empresários ainda não conseguiram. Enquanto Garopaba convida o turista a "Viver essa Natureza" no "melhor lugar para suas férias", Imbituba comunica: "Bem-vindos a Imbituba: um mar de oportunidades"[166], reforçando que não é somente um lugar para turistas.

Garopaba é mais um dos municípios do litoral catarinense em que a chamada tradição açoriana está consideravelmente presente no modo de ser, sentir e estar no mundo da maioria da população nativa. No entanto, foram os tupi-guaranis, primeiros habitantes da região, que deram nome ao lugar. *Ygá*, *Ygara*, *Ygaratá* significa barco, embarcação, canoa; *Mpaba*, *Paba* é lugar, paradeiro, enseada. Garopaba, portanto, significa "Enseada dos Barcos".

Estudos realizados pelo professor Vilson Francisco de Farias, da UFSC, indicam que os açorianos desembarcaram em Laguna e seguiram para Garopaba enviados pelo império português, procedentes, em sua maioria, da Ilha Terceira, localizada no Arquipélago dos Açores. "As primeiras informações sobre a presença de população fixa [em Garopaba] de origem européia é do final do século 18, resultante dos registros eclesiásticos que indicam já residirem em Garopaba diversas famílias de origem açoriana" (FARIAS, 2000, p. 255).

Em 1793, foi criada a Armação de São Joaquim de Garopaba, que em 1830 foi elevada a freguesia. Em 1890, com trabalho de mobilização da freguesia, Garopaba foi elevada a vila. No mesmo ano, foram nomeados os membros do Conselho da Intendência. A instalação do município ocorreu dia 7 de junho de 1890. Em outubro de 1906, Garopaba passou a fazer parte da Comarca de Palhoça. Em 1923, perdeu a condição de município, passando a integrar

---

[165] A formação de chuvas ácidas é um fenômeno (e um problema) moderno, originado a partir do grande desenvolvimento de centros urbanos altamente industrializados. Com a liberação de poluentes na atmosfera pelas diversas fontes de poluentes gasosos (indústrias, veículos e usinas energéticas), estes poluentes se combinam com o vapor de água existente na atmosfera. Esta combinação entre água e poluentes (como o dióxido de enxofre e o óxido de nitrogênio) vai sendo acumulada em nuvens, condensando-se basicamente da mesma forma que as chuvas comuns. Através da eletricidade gerada pelo choque entre nuvens, os elementos poluentes entram em reação química, formando compostos ácidos, que mais tarde serão precipitados. Disponível em: <http://www.mundodoquimico.hpg.ig.com.br/chuva_acida.htm> Acesso em: 17 jan. 2011.

[166] A partir do verão de 2011 a frase "Bem-vindos a Imbituba: um mar de oportunidades" foi substituída por "Bem-vindos a Imbituba: paraíso dos turistas e orgulho de seu povo".

o município de Imbituba, pertencendo à Comarca de Laguna. Em 1930, passou a distrito de Palhoça. No ano de 1961, voltou à condição de município, dia 30 de dezembro.

Em 1980, o padre José Artulino Bersen, professor de História do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC -, publicou a obra "1980 – São Joaquim de Garopaba: recordações da Freguesia", na qual relata uma história de Garopaba que enfatiza o papel da Igreja junto aos pescadores. Ao mesmo tempo, fornece importantes fragmentos sobre o começo do turismo na região. Já no prefácio, assinado por padre Ney Brasil Pereira, à época também professor do ITESC, lê-se:

> Em Garopaba, agora sacudida em seu isolamento secular pelas investidas do turismo, que acaba de descobri-la, toma-se contacto com um povo humilde, mas tenaz, que aprendeu a aceitar a vida com suas asperezas, confiante na bondade e na providência divina. Há um certo conformismo nessa fé que se manteve acesa, apesar do atendimento religioso precário; nessa população de ascendência açoriana que procura preservar os dois grandes valores morais do Arquipélago: a família íntegra e bem constituída e a vivência religiosa. Falei na "investidas" do turismo, que aqui, como em toda parte solapa e nivela essas tradições. E se fomenta certas práticas, classificadas de "folclóricas", tira-lhes a autenticidade quando as transforma em espetáculo (BERSEN, 1980, p. 6 e 7).

Penso que esse isolamento ao qual se refere padre Ney diz respeito ao fato de que os costumes do lugar não sofreram grandes alterações durante um grande período de tempo, já que havia pouca influência de outros segmentos culturais. Realmente, é a partir da década de 1980 que a população local passa a se confrontar com outros costumes, outras formas de viver. De fato, a procissão de Corpus Christi e a Festa do Divino seriam brevemente transformadas em quermesse – uma festa que reunia as duas solenidades católicas, juntando elementos da dita cultura açoriana e shows nacionais com a finalidade de movimentar a região na baixa temporada. A prática religiosa transformou-se em espetáculo.

"É nesse contexto que têm surgido as criticas de *folclorização* da cultura, nada mais do que a sua conversão em objetos de consumo" (CARVALHO, 1992, p. 30). Este pode ser um jogo perigoso, capaz de marginalizar manifestações culturais regionais enraizadas e descaracterizar outras, afastando-as de seu modo peculiar de existência, domesticando práticas populares como "exótica lembrança de um mundo extinto, que pode ser exposta ao turista e exibida como relíquia" (CHAUÍ, 1981, p. 132).

Alfredo Bosi (1999) também faz referência ao processo de transformação da cultura em mercadoria.

> Uma festa popular identifica-se com os festeiros e os convidados: está neles, está entre eles. O mesmo ocorre com um desafio, uma cantoria, uma procissão, uma congada, um bumba-meu-boi, uma reza pelas almas. O distanciamento começa quando o turismo (ou a TV, paraíso do viajante de poltrona) toma conta dessas práticas: a festa exibida, mas não partilhada, torna-se espetáculo. Nesse exato momento, o capitalismo se apropriou do folclore, ocultando o seu teor original [...] (BOSI, 1999, p. 11).

A primeira quermesse de Garopaba aconteceu no ano de 1999, ainda de forma tímida; no ano seguinte, foi a vez da cidade de receber o VII Açor[167] – evento que ocorreu em diversos municípios do litoral catarinense, que se autointitulam e foram reconhecidos como de origem açoriana. A realização do VII Açor coincidiu (fez-se coincidir) com a realização da quermesse, atraindo grande número de visitantes, em sua maioria do próprio município e das cidades vizinhas: Imbituba e Paulo Lopes. Tal evento era organizado pelo Núcleo de Estudos Açorianos – NEA -, da UFSC, com o objetivo de "resgatar" a chamada cultura açoriana no litoral catarinense.

Sobre festas idealizadas para fomentar o turismo ou prover determinada localidade de uma tradição a ser exibida e orgulhosamente referenciada, Emerson César de Campos (2003), em sua tese de doutoramento, no primeiro capítulo, "Para além da comunidade imaginada Quermesse: encontros e desencontros na esquina do mundo", apresenta a organização e as representações culturais presentes na festa que se tornou tradicional na cidade, desde o ano em que passou a acontecer (1989).

De acordo com Campos (2003), definir e entender a quermesse não é tão elementar quanto parece:

> Se empiricamente quase todos nós trazemos, mesmo em nossas lembranças mais antigas, uma idéia de quermesse, campear um tino mais elaborado não constitui uma tarefa muito simples. Surpresa pode provocar no incauto que de modo apressado procure uma qualificação última para o termo, o que acredito seja ainda uma ausência. A maior parte dos registros, quer sejam partidos da tradição oral ou da literatura denunciam quermesse como uma feira paroquial, com folguedos populares, um bazar onde se pode encontrar

---

[167] A Festa da Cultura Açoriana foi realizada pela primeira vez no ano de 1994, na cidade de Itajaí. No ano seguinte, estávamos em Imaruí. Em 1996 foi a vez da cidade de Imbituba. Já em 1997 realizamos a festa na cidade de Penha, ao norte do estado. Em 1998, foi a vez do município de Içara e, em 1999, de Porto Belo. No ano de 2000, a festa aconteceu em Garopaba e, em 2001, na cidade de São José, na Grande Florianópolis. Já no ano de 2002 estávamos novamente no norte, na cidade de Araquari; no ano de 2004 foi a vez de Tijucas; em 2004 realizamos a 12ª edição da festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina na cidade de São Francisco do Sul. A última edição da festa foi no ano de 2005, na cidade de Barra Velha. Nestes doze anos de realização do AÇOR, contamos com um público de mais de 150.000 pessoas. A décima terceira edição do AÇOR está programada para a cidade de Laguna, em data a ser definida. Disponível em: < http://www.nea.ufsc.br/acor.php> Acesso em: 13 jan. 2011.

> as mais variadas miudezas. Uma grande feira enfim (CAMPOS, 2003, p. 51).

De fato, num passado não muito distante, podem-se procurar na memória e encontrar festas religiosas que agregavam valores distintos e, por vezes, antagônicos, mas que no conjunto solidificavam as representações culturais de outra época. Se às dez da manhã o traje indicava que a celebração seria uma missa, depois das três da tarde a alegria indicava que haveria uma domingueira. Hoje, se procurarmos a quermesse que atualmente acontece em Garopaba, poderemos nos surpreender com a polifonia de "agoras" que ela reproduz. "O som agora é *high-tech*, e o que ele produz naqueles que se deixam perder nos seus harmônicos, se encontra distante da monofonia do outro agora" (CAMPOS, 2003, p. 47).

Cabe, ainda, enfatizar que até a década de 1990 os moradores de Garopaba e região não viam a si próprios como descendentes açorianos. Na verdade, este assunto não era discutido, mas, muito provavelmente, vivido. Foi o professor Vilson Francisco de Farias que, digamos, despertou esta necessidade de identificação com uma etnia colonizadora. A partir de então, a prefeitura municipal passou a "organizar" a cultura local, selecionando as práticas que se enquadravam nos padrões de origem açoriana. De acordo com Luiz Felipe Falcão (2003):

> A operação para escolher, capturar ou dar visibilidade a determinadas referências culturais em detrimento de outras faz parte de todo e qualquer investimento na produção de uma identidade cultural. Ou seja, não se trata de algo natural ou arbitrário, mas sim de um conjunto de ações conscientes (embora nem sempre em condições de prever seus resultados efetivos) amparado numa certa trajetória histórica e num certo contexto material e simbólico, sem o qual tal esforço não teria condições de sucesso (FALCÃO, 2003, p. 3).

Na busca por uma identidade cultural, uma funcionária da antiga Secretária de Educação e Cultura[168] foi enviada aos Açores para "aprender" a definir o que vem a ser a dita cultura açoriana. Após seu retorno, a prefeitura passou a apoiar e/ou valorizar os grupos de boi-de-mamão, as cantorias do Divino Espírito Santo, os engenhos de farinha, os antigos instrumentos de pesca, a culinária pautada no pirão com peixe, as benzedeiras, as quadrilhas, ratoeiras e danças de pau-de-fita, além do artesanato em crochê, bordado, renda de bilro, pintura, palha (chapéus) e trouxe tudo isso para a praça da prefeitura em forma de espetáculo.

---

[168] Desde 2000, a diretoria de Cultura da Prefeitura Municipal de Garopaba foi transferida da Secretaria de Educação para a Secretaria de Turismo.

O próprio professor Vilson de Farias começou a frequentar os eventos culturais promovidos pelo município e a dar palestras aos professores, que foram os responsáveis por ensinar que Garopaba tinha uma tradição: a tradição açoriana. O livro “Dos Açores ao Brasil meridional: uma viagem no tempo” (FARIAS, 1998), passou a ser leitura obrigatória para professores e demais interessados em entender suas “raízes”.

Outro evento que se transformou em “espetáculo da cultura açoriana” foi o desfile de 7 de Setembro. Até então, os desfiles aconteciam nas próprias comunidades. As escolas definiam o tema, preparavam as faixas, enfim, o desfile era organizado e realizado pelas escolas. Porém, Garopaba precisava mostrar sua identidade cultural aos turistas e ensinar aos habitantes nativos a cultura da qual descendiam e faziam parte. Assim é a história do grande desfile na principal avenida da cidade: a João Orestes de Araujo (primeiro prefeito da cidade).

O desfile se transformou em um verdadeiro pesadelo para algumas escolas: trazer os alunos para o centro, desfilar, esperar o lanche servido pela prefeitura e retornar ao bairro de origem envolvia pais, professores e alunos das sete horas da manhã à uma da tarde. Cada escola passou a receber um tema para apresentar. Tais temas eram selecionados dentro das práticas culturais consideradas açorianas. Assim, uma escola era responsável pela Festa do Divino; outra, pela Cantoria de Terno de Reis, e assim por diante. Todos os grupos comunitários - mães, idosos, associações - também compunham o desfile. Do palanque, as autoridades assistiam extasiadas à prova cabal de que “Garopaba tem uma identidade cultural de raiz”.

Sobre a busca por um referente cultural, Luiz Felipe Falcão (2003) enfatiza:

> [...] as identidades culturais designam os modos através dos quais um determinado grupo aproveita certas práticas e valores simbólicos para produzir uma idéia de si mesmo enquanto relativamente homogêneo e estável, bem como para estabelecer as diferenças que o separam de outros grupos, ainda que tal criação contemple tensões e conflitos sobretudo em seu próprio interior, isso significa dizer que as identidades são, mais propriamente, identificações sempre em movimento e mudança devido a relações de poder desiguais no interior do próprio grupo, quanto este grupo e os demais, a fim de instituir aquela que seria a sua identidade legítima e reconhecida num lugar e num tempo precisos (FALCÃO, 2003, p. 9-10).

Vale salientar que os desfiles de 7 de Setembro continuam a acontecer nos mesmos moldes da década de 1990, cada vez mais bem-elaborados. A temática continua a mesma, mas a preservação ambiental e as belezas paisagísticas da cidade foram agregadas ao espetáculo. Baleias gigantescas, em papel machê, costumam atravessar a avenida fazendo evoluções.

Importante: a maioria das indumentárias utilizadas no desfile deve ser feita com material reciclável.

A década de 1990 foi o período no qual o turismo se concretizou em Garopaba, instalando-se definitivamente como o maior responsável pela arrecadação pública e como a maior fonte de renda para a população local. Nesta época, as autoridades perceberam que era preciso investir no turismo e melhoraram as condições de tráfego dos acessos às praias . Aumentaram os horários das linhas de ônibus durante a temporada. Nesta época também costuma haver maior preocupação com o abastecimento de água e energia elétrica.

O professor Valter Martins Ricardo, 50 anos, diretor da Escola de Educação Básica Maria Correa Saad, no bairro Campo D'Una, em Garopaba e radialista na mesma cidade, acompanhou as primeiras preocupações das autoridades municipais com o turismo na cidade:

> Assim como o turismo em Garopaba, a estrutura do município na questão do turismo também foi uma situação que foi crescendo aos poucos. No meu primeiro ano de trabalho na prefeitura, em 1989, na época o prefeito era o seu Quirino[169], o turismo ainda não tinha um secretario e uma pessoa que foi deslocada naquela época para trabalhar foi, inicialmente, se não estou enganado, o Seu Werner, que hoje já é falecido, ele foi uma das primeiras pessoas a divulgar o turismo. Ela, na verdade não era Secretário de Turismo, era Diretor, ela fazia mais um papel de divulgação. Seu Werner era um gaúcho aposentado que veio morar em Garopaba naquela época. O Seu Osvaldo teve uma breve passagem e depois o Luiz Nestor, que hoje é prefeito, e quem, na primeira gestão do Seu Quirino, começou a dar uma organizada, a preparar melhor a questão do município nesse sentido de valorizar a questão do turismo enquanto fator de renda importante para o município.[170]

Esta incipiente preocupação com a turismo levou o diretor da escola, juntamente com o então diretor de Turismo da Prefeitura Municipal, Luiz Carlos Luiz, conhecido como Luiz

---

[169] Quirino Juvêncio Lopes, 90 anos, foi prefeito do município de Garopaba por três mandatos, todos pelo Partido da Frente Liberal – PFL (atual DEM). Natural de Garopaba, do bairro Gamboa, costuma contar que fez seus estudos em um supletivo de Florianópolis, prestando, depois, concurso para o Banco do Brasil, aposentado-se como gerente da instituição. Assumiu a prefeitura pela primeira vez em 1989, após vencer o candidato do PDS, Jovino Piucco. Como no fim de seu mandato, em 1992, não era permitida a reeleição, lançou Ari Osvaldo Sanseveriano, conhecido como Vadinho, também do PFL, para sucedê-lo. Com a vitória de Vadinho sobre Batista Pereira do PDS, seu Quirino, como é chamado, manteve-se nos bastidores da administração. Comenta-se que era ele quem realmente comandava o município. Em 1996, lança-se novamente candidato, vencendo com folga o pleito disputado com Luiz Carlos da Silva – o Carlinho -, do PDS. Em 2000 disputa a reeleição com o antigo rival do PDS, Carlinho, vencendo-o por uma pequena diferença: 40 votos. No pleito de 2007, já com 87 anos, foi indicado pelas pesquisas como o candidato com maiores chances de vitória. Seu nome chegou a ser lançado, mas seus filhos intercederam e o convenceram a desistir e indicaram Luiz Carlos Luiz, do PMDB, em coligação com o DEM, como candidato. Luiz Carlos Luiz venceu a eleição e seu Quirino é o atual cacique político de Garopaba, influenciando fortemente as decisões administrativas. Seu filho mais velho, o advogado Julião Quirino, conhecido com Val, mantém a família na política, exercendo, atualmente, e pela primeira vez, o cargo de vereador pelo DEM.

[170] RICARDO, Valter Martins. Garopaba/ SC. EEB Maria Correa Saad, no bairro Campo D'Una, Entrevista concedida à autora em 3 fev. 2011.

Nestor, a participar de um evento em Criciúma, no início da década de 1990, que tinha como tema o turismo no sul catarinense.

> O Luiz Nestor começou a divulgar Garopaba. Naquela época eu participei de um encontro, um Seminário em Criciúma onde estavam reunidos os Secretários de Turismo de diversos municípios do Sul de Santa Catarina. Esse foi o primeiro momento. A frase "Viva essa natureza" e também aquele desenho com a igreja antiga e a Ponta de Vigia, que passou a ser usado em cartazes de divulgação, surgiram, foram criados, no primeiro mandato do Seu Quirino, mas foi na época do Vadinho que passaram realmente a serem usadas em materiais de propaganda, camisetas, divulgadas em mídias, tudo. No governo do Carlinhos eles trocaram o desenho, que passou a ser uma baleia, mas a frase continuou a mesma. Nesse governo (atual) é que passaram a usar a frase "Garopaba sem estresse".[171]

O *slogan* "Garopaba: viva essa natureza" foi a frase que apresentou a cidade por quase três décadas (1990 - 2004) aos eventuais turistas. Entre os anos de 2005 e 2008, depois de um período de dezesseis anos de administração do PFL coligado ao PMDB, os representantes do PP - Luiz Carlos da Silva e João Sena da Silveira, respectivamente prefeito e vice - assumiram a prefeitura. O clima era de mudança e renovação e o *slogan* do município passou a ser "Mudar o presente para preservar o futuro". Em 2009, com o retorno da antiga coligação, o *slogan* "Viva essa natureza" voltou a representar a imagem do município.

Inicialmente, a divulgação do município de Garopaba era feita principalmente no Rio Grande do Sul, já que o contato com essa região do País já vinha de longa data. A ligação com Porto Alegre, segundo Bitencourt (2003), se solidificou quando em 1964 o então prefeito João Orestes de Araujo recebeu incentivos do governo estadual, que colocava em prática o "Plano de Metas II", para promover melhorias na cidade, como calçamento de ruas, água encanada e energia elétrica.

> Vico [Ivo Silveira] o governador, contrata um fotógrafo gaúcho para registrar a situação das obras públicas financiadas com recursos do estado. Munido de sua Pentax, Manfredo Hübner, inicia sua missão fotográfica [...]. Foi numa dessas que Manfredo conheceu Garopaba, investigando os recursos enviados para construção da sede da Colônia de Pescadores, em 1966. Apaixonado pelo "pedacinho de paraíso", retorna outras vezes, sempre acompanhado dos melhores amigos. Entre esses o jornalista Ribeiro Pires, que atuava nos jornais Correio do Povo e Folha da tarde em Porto Alegre. Manifestando seus sentimentos, publicou inúmeras matérias ilustradas com fotos de Manfredo; seduzido, capturava dos recantos pitorescos da bucólica vila de pescadores. A divulgação em jornais de grande circulação alavancou, ainda mais, o destino turístico de Garopaba (BITENCOURT, 2003, p. 112).

[171] Idem.

Na década de 1990, à época da criação do *slogan*, o antigo centro da cidade, o "centro velho", passou a ser chamado, recebendo inclusive indicativa, de "centro histórico". A igreja, situada sobre um morro e voltada para o mar, tornou-se o cartão postal da cidade. Sua imagem, junto com a do Morro da Vigia, local à sua esquerda, foi utilizada para divulgar a "bucólica e paradisíaca" vila de pescadores e seus lugares turísticos.

Essa atitude de revitalização dos centros históricos e a criação de pontos turísticos não é exclusividade de Garopaba, aliás, é comum às cidades brasileiras marcadas por processos acelerados de mudança. O crescimento urbano ou o conjunto de processos convencionalmente conhecidos como "modernização" sempre aparecem acompanhados de investimentos materiais e simbólicos em manutenção e restauração, principalmente de antigas construções, de instrumentos de pesca artesanal e produção de farinha (no caso de Garopaba), agora transformados em patrimônio histórico, seja a cidade grande ou pequena.

Discursos sobre conservação e construção de espaços e edificações indicam a necessidade de proteger a "história da cidade". A preocupação em revitalizar o centro histórico, preservar antigos prédios, tornou-se lugar-comum como *slogans* de gestores, políticos ou candidatos ao pleito municipal, preocupados em conter a marcha do "todo sólido que se desmancha no ar" (BERMAN, 1982)

Uma novidade com que os moradores nativos tiveram que rapidamente aprender a lidar foi que não era mais possível tomar banho entre as seis e oito horas da noite, por falta de energia quase todos os dias nesse horário. A falta de água também se tornou constante no centro da cidade e nos bairros com água encanada. Muitas pessoas adquiriram caixas d'água extras para "estocar" durante a noite, já que durante o dia ela dificilmente chegava. Quem mais sofria nesta situação eram a famílias de baixa renda, que não possuíam caixas d'água, e dependiam da que vinha diretamente das tubulações da Companhia Catarinense de Água e Saneamento – Casan.

Sobre os problemas enfrentados com o abastecimento de água e energia elétrica no início da demanda turística, o professor Valter Martins Ricardo deu as seguintes explicações:

> Na primeira vez que o Seu Quirino foi prefeito a energia elétrica, a iluminação pública, era uma das deficiências do município. Poucas ruas, ou quase nenhuma, tinham iluminação pública. No interior, a maioria das casas não tinha luz. Quando ele assumiu até a luz da Prefeitura tinha sido cortada. As Praças da Prefeitura e da Igreja estavam no escuro. Era a Cooperativa quem fornecia energia, havia poucos recursos, dificuldades técnicas. Então o Seu Quirino colocou a energia como uma prioridade no seu governo. Depois disso o fornecimento de energia e a iluminação

> pública foram melhorando, passou para a Celesc[172] e chagamos no ponto atual em que quase a 100% das ruas são iluminadas. A água encanada somente chegava do Centro até a Palhocinha.[173]

O professor falou também sobre a coleta de lixo, que, segundo ele, evoluiu muito nos últimos anos:

> Antigamente o lixo era simplesmente recolhido e jogado num terreno do Seu Quirino, depois começou a haver a preocupação dos órgãos ambientais e daí começou a ter um processo de reciclagem, mínimo, na verdade. Hoje a coleta seletiva é mais bem elaborada, os resíduos que não são reaproveitáveis são levados para o aterro sanitário de Biguaçu. A própria usina de reciclagem lá do Ambrósio só começou no segundo governo do Seu Quirino. O governo do Carlinho manteve o mesmo sistema, só a empresa coletora é que mudou, o serviço foi terceirizado, hoje voltou a ser municipal.[174]

Com o turismo, os moradores locais desenvolveram atividades inimagináveis até bem pouco tempo: uma delas foi o aluguel da própria casa para turistas. Mas como fazer saber aos turistas que a casa estava disponível para locação? A solução foi fazer plaquinhas de "aluga-se" e deixar as crianças na "beira da estrada" atraindo hóspedes. Esta situação era algo totalmente novo para os nativos. Prática "híbrida", segundo interpretação de Canclini (2008):

> Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico (CANCLINI, 2008, p. 22).

É também na década de 1990 que os professores das séries iniciais das escolas municipais, quase todos sem graduação, começaram a receber a visita de ambientalistas envolvidos com a preservação da baleia-franca. Os professores, acostumados a seguir os conteúdos dos livros didáticos, ficaram atônitos com a novidade. Para que estudar as baleias? Como aceitar que pessoas estranhas viessem "bagunçar" suas aulas? Lidar com essa novidade levou muitas professoras a perderem o sono. Aos poucos, porém, foram assimilando a ideia, depois transformada em Educação Ambiental.

A Secretaria de Educação de Garopaba investiu na ideia e firmou parceria com o Instituto Baleia Franca – IBF -, sediado na Pousada Vida Sol e Mar, na Praia do Rosa. A

---

[172] Centrais Elétricas de Santa Catarina – Celesc.
[173] RICARDO Valter Martins. Ibid.
[174] Idem.

Fundação Gaia Village, sediada na "Fazenda dos Búfalos", entre os bairros de Campo D'Una e Encantada, também passou a participar da educação ambiental. Em 2002 aconteceu o "I Prêmio Lutz[175]: escola amiga do ambiente", que contou com a participação das escolas municipais, estaduais e particulares do município.

Vale esclarecer que a incorporação da dinâmica preservacionista nas escolas não se deu de maneira tranquila. Muitos professores simplesmente resistiram frente à imposição de entrar no jogo. Afinal, era algo que estava sendo imposto por estrangeiros, de quem não conheciam as verdadeiras razões de ensinar a separar o lixo, limpar a praia e fazer dinâmicas de grupo que pareciam sugerir que o Planeta era mais importante que Deus. Este sentimento brotou em muitos professores que, antes do início das oficinas, realizadas com professores e alunos, assistiam à interpretação/encenação da música "Te ofereço Paz", de Válter Pini, que enaltecia Gaia (Terra) ou dela participavam. Eis a letra:

> Te ofereço paz
> Te ofereço amor
> Te ofereço amizade
> Ouço tuas necessidades
> Vejo tua beleza
> Sinto os teus sentimentos
> Minha sabedoria flui
> De uma fonte superior
> E reconheço esta fonte em ti
> Trabalhemos juntos, trabalhemos juntos...
> Ieie ie Aie

Contudo, passadas insegurança e a resistência iniciais, a preservação ambiental e a educação começaram a andar de "mãos dadas" em Garopaba, pelo menos nas escolas municipais, já que nestas a Secretaria de Educação exercia um controle rigoroso das atividades propostas. Na rede estadual ainda há muita resistência. A efetiva participação restringe-se a determinados profissionais que, por opção, estão engajados em movimentos de preservação ambiental. Vale salientar que na rede estadual os professores que se identificam com tais atividades são, em geral, "estrangeiros", que vieram em busca de uma vida alternativa junto à natureza.[176]

---

[175] José Antônio Lutzemberger foi um importante ecologista e agrônomo brasileiro. Nascido em 17 de dezembro de 1926, em Porto Alegre/RS, é dele a autoria de "O manifesto ecológico brasileiro". A partir da década de 1970, desenvolveu uma série de atividades voltadas à defesa do meio ambiente. Entre estas estão a criação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), em 1971, e a Fundação Gaia, em 1987. Além disso, destacou-se pela organização de programas de agricultura biológica em intercâmbio com diversos países. Disponível em < http://www.portal25.com/index.php?a=19&h> Acesso em: 26 nov. 2009.

[176] Faço essas afirmações por atuar como Assistente Técnico-Pedagógico nas escolas estaduais de Garopaba: Escola de Educação Básica Maria Correa Saad e Escola de Educação Básica prof. José Rodrigues Lopes.

É importante ressaltar que antes da realização do evento hoje chamado de "Mostra Prof. José Lutzemberger: escola amiga do ambiente", que premia os melhores projetos ambientais desenvolvidos nas escolas, o que atraía a atenção de professores, pais e alunos era o Prêmio Recriar, organizado pela Federação Catarinense de Desportos – Fesport. Este evento é voltado à confecção de brinquedos artesanais produzidos por professores, alunos e pais para concorrer em várias categorias. Atualmente, o Recriar vai para sua 22ª edição, mas a comunidade escolar de Garopaba perdeu o interesse. Em meados da década de 1990, o município venceu uma das categorias com um boi-de-mamão confeccionado pelo pré-escolar da Escola Isolada de Ibiraquera. Como se vê, a cultura da preservação ambiental foi tomando cada vez mais o espaço de outras atividades escolares rotineiras.

Garopaba transformou-se em lugar turístico, isto é, produto de práticas culturais de visitantes e nativos. Nessa sociedade híbrida foi (e ainda é) preciso adequar o cotidiano à estação do ano: de abril a setembro, a vida flui dentro de um ritmo mais lento, sem muitas festas e badalações. A partir de setembro, os "feriadões" já indicam como será a temporada de verão. Em dezembro, é hora de muitas mudanças. Quem costuma alugar a casa precisa fazer a mudança para uma casinha menor, geralmente nos fundo da casa principal, ou até mesmo junto a um parente que não aluga a casa.

Conversei com Terezinha de Carvalho Flor, 56 anos, do lar, e seu esposo Antonio Flor, 61 anos, pescador aposentado[177]. O casal tem duas casas próximo à casa em que moram. Eles as alugam no verão, e até mesmo já alugaram aquela em que moram. Terezinha contou essa experiência:

> A primeira casa que fizemos para aluguel foi aquela velhinha de madeira. Quando eu fiz essa aqui passei a alugar aquela lá, em1996. Nós já alugamos essa casa que a gente mora, até já tinha aquela, só porque a gente alugava essa aqui também. Aí é assim: a gente se mudava lá pra baixo pra casa da Fabiana, da minha filha. A gente só tirava a roupa e o resto deixava tudo. Fica tudo, não se leva nada, foi um aluguel de temporada, então o que tinha ficou tudo, a gente só tirou mesmo as roupas pra gente usar. Quando eu voltei não encontrei a casa como era, nem se compara, até tinham pessoas que eram mais cuidadosas, mas em compensação tinham outros que deixavam uma bagunça. Tudo sujo, só quebrado a gente nunca encontrou nada, mas é uma bagunça. Casa de aluguel é bem pouco que cuida, né? Nós alugamos só dois anos, foi só duas vezes que saímos de casa. Aí eu disse pro Vardeco [apelido de seu esposo Antonio Flor]: Nunca mais! É muito ruim. É muito ruim deixar as minhas coisas pra ir pra casa dos outros sem precisão, porque a gente até aluga, mas não é por tanta necessidade, a gente até precisa, mas é assim, tu sai do teu confortinho e vai pra casa dos outros. Tu não te sentes bem porque parece que tu estás incomodando alguém.

[177]FLOR Terezinha de Carvalho; FLOR, Antonio. Imbituba/SC. Entrevista concedida à autora em 2 fev. 2011.

Alugar a própria casa de moradia era algo impensável até bem pouco tempo, mas tornou-se prática comum desde que as famílias entenderam ser esta uma fonte de renda capaz de inseri-las no mundo do consumo. Porém, como foi possível constatar no depoimento de Terezinha de Carvalho Flor, as famílias que alugam suas casas passam por situações constrangedoras; afinal, a mudança para a casa de um parente, seja este a própria filha, caso citado, as priva do mínimo de conforto e segurança de seu próprio lar. Além disso, é difícil ficar na posição de intruso, de invasor da privacidade de outros.

Luciane Adelino Monteiro, 36 anos, professora, moradora do bairro Grama, a cerca de três quilômetros da Praia do Rosa, costuma alugar sua casa na temporada e mudar-se para a casa de seus pais. Ele considera que, mesmo precisando "fazer a mudança", o retorno financeiro recompensa:

> Aqui em casa somos eu, meu marido e nossos dois filhos. Nós alugamos a casa no verão por que é uma renda extra. Foi com esse dinheiro que adquirimos nossos melhores móveis e eletrodomésticos. A gente fica bem apertadinho lá na casa da mãe, mas estamos acostumados. Atualmente, como nós dois trabalhamos o ano inteiro, com o dinheiro do aluguel é possível viajar e adquirir outros imóveis. Claro que dá trabalho fazer a mudança, guardar as roupas, enfim, demora uma semana para se adaptar, mas vale à pena.[178]

Em seu caso, a renda do aluguel não constitui a base financeira da família; no entanto, frente às dificuldades da pesca e das poucas vagas em empregos públicos e comerciais, o turismo transformou-se numa fonte de renda importante para muitos nativos. Sobre a importância do aluguel na vida deles, falou Antonio Flor:

> Se não fosse os alugueis de casa a Ibiraquera e Garopaba hoje não teriam nada, porque nós não temos indústria, não temos nada. A pesca já não dava pra viver na época que existia peixe, imagina hoje. A sorte foi que entrou o turista aqui na nossa área. Esse dinheiro do aluguel é muito importante, é um dinheiro que a gente sabe que guarda e tem no inverno. O inverno aqui é difícil, não tem aluguel, pescaria é pouca. Além disso, a gente precisa dá manutenção nas casas, fazer reforma, todo ano tem alguma coisa pra fazer nas casas: tem fogão pra comprar, tem uma geladeira pra arrumar, mas mesmo assim ainda sobra alguma coisa.[179]

A cada ano amplia-se o número de construções: são levantadas segundas residências, próximo das primeiras, ou novos cômodos nas já existentes. Terezinha de Carvalho Flor

---

[178] MONTEIRO Luciane Adelino. Garopaba/SC. Entrevista concedida à autora em 2 fev. 2011.
[179] Idem.

confirmou esta prática: "Com o dinheiro que ganhamos nos dois anos em que alugamos a nossa casa de morar, fizemos outra casa pra alugar." [180]

Fora da temporada, as novas acomodações podem ser utilizadas para abrigar filhos que se casam, outros parentes, ou para alugar por valores baixos a pessoas que vêm morar em Garopaba e adjacências durante a baixa temporada. No entanto, Antonio Flor não se sente seguro em alugar sua casa a inquilinos de baixa temporada:

> Tem uma coisa que eu acho que não poderia existir: vir essa gente que não é turista, vir pra morar diretamente aqui, isso aí ta trazendo muita gente ruim pra cá. Eles vêm, alugam uma casa, dizem que vão trabalhar, mas aqui não tem indústria, aqui é assim, é a temporada, é dois mesinhos, e fica esse pessoal aí, paga um mês, o outro já não tem pra pagar e por nada vão embora e deixam só despesa, a maioria tá sendo assim, fica água, luz pra pagar, é isso que acontece. Eu, pra falar a verdade, não alugo pra essa gente. Eu não alugo, e tem mais, esse pessoal que vem de fora, compra um terreninho pequeno aí na nossa área e faz uma casinha só pra morar, pra viver do serviço que tem aqui dentro eu acho que é muito difícil. Essa gente já vem com outros interesses por que viver só do servicinho do verão não dá. Nós que somos nativos temos os terrenos que a gente ganhou de herança e comprou já é bem difícil e nós ainda temos as casinhas de aluguel e a casa pra morar é difícil, imagina quem não tem nada ou que vem pra alugar uma casa e viver aqui.[181]

Esta prática provocou uma ocupação espacial desordenada, além de sérias consequencias no tocante à infraestrutura de saneamento, já prejudicada pela inexistência de uma rede apropriada de esgoto, que clandestinamente desemboca nas areias das praias e corre a céu aberto em direção ao mar. Sobre isso, o professor Valter Martins Ricardo comentou:

> O Saneamento básico desde a época do Seu Quirino é um problema que só vem aumentando. Na verdade, nem se falava nisso. Agora, na gestão do Luiz Nestor, é que o saneamento vem sendo priorizado. No Centro da cidade se percebe fossas que estouram. Aquele córrego que passa ali perto da farmácia do Jovino, naquela ponte que dá passagem ao Centro Histórico, acaba levando o esgoto dessas fossas estouradas para a praia. Isso acontece quando chove, como no verão, ou seja, é um problema bem atual. Nas outras praias do município, com a construção de bares a beira mar, a situação não deve ser muito diferente, pois o esgoto tem que escorrer para algum lugar.[182]

Além do aluguel das casas, alguns nativos e residentes investem suas economias em pequenos negócios, na maioria mercearias, bares e restaurantes. Nas areias da Praia do Centro, uma família de pescadores transforma o barracão – usado durante o ano para a guarda de barcos e equipamentos – em bar e restaurante. Além de servir frutos do mar, também

---

[180] FLOR, Antonio. Ibid
[181] Idem.
[182] Idem.

comercializa camarão e peixe. É ali que permanece a família enquanto aluga sua casa para turistas.

A cada verão o espaço da vida cotidiana se transforma em função da chegada dos visitantes, instaurando-se, a partir daí, um outro Espaço: o Lugar do Turismo, carregado de práticas sociais e de sentidos dos visitantes e reproduzidos por residentes em sua interação.

Muitos dos lugares destinados ao turismo tornam-se não-lugar para os moradores habituais. É o caso, por exemplo, de uma escola de tênis, construída no bairro Palhocinha, em Garopaba. Aquele grande galpão é, aos olhos do morador comum, um lugar vazio, sem práticas, já que o tênis é um esporte que atrai poucos adeptos. A maior parte da população local fica socialmente excluída da apropriação dos espaços produzidos e consumidos pelo e para o turismo, ao tempo em que assistem à transformação da paisagem natural e construída pela incorporação de símbolos e elementos que não têm relação com sua identidade e cultura, e lhes são estranhos, até por não terem tido a oportunidade de estabelecer relação afetiva com o que vem de fora e representa parte do global.

Algumas vezes, porém, o turismo também cria não-lugares para os turistas, que não se identificam, não participam e não interagem com o cenário, mas apenas o admiram e/ou utilizam superficial e passivamente, sem uma apropriação efetiva. Por outro lado, este mesmo espaço tem significado e identidade para os cidadãos que cotidianamente nele trabalham ou vivem, os quais, de alguma forma, dele se apropriam. Ou seja, para estas pessoas este é um lugar.

Dessa forma, criam-se não-lugares para a população local ao longo da orla marítima e nas áreas de maior beleza cênica, onde simultaneamente são criados lugares exclusivos para turistas, enquanto que os lugares cheios de significado e identidade para a comunidade local não têm importância para os turistas ou são por eles ignorados, constituindo-se em não-lugares. Surgem, portanto, lugares e não-lugares superpostos e relativos, dependendo do foco da análise.

É no cotidiano das pessoas comuns que as alterações de verão podem ser sentidas mais de perto: para se deslocar da Praia do Rosa ao centro de Garopaba, de automóvel, levam-se normalmente quinze minutos, tempo que triplica na temporada, dependendo do período do dia. Qualquer um que tente chegar ao centro no final da tarde, por exemplo, seguramente deverá ter muita paciência. Enquanto os turistas apreciam a paisagem a uma velocidade que não chega a quarenta quilômetros por hora, os moradores locais sofrem para chegar ao trabalho ou a algum outro compromisso. Quem utilizava ônibus reclama que esses estão

sempre lotados e mais lentos. A simples compra de pão para o café da manhã pode se tornar um motivo de estresse, pois são constantes as filas em padarias e supermercados.

Por outro lado, as oportunidades de emprego se multiplicam no verão: existem vagas na construção civil, em lojas, supermercados, pousadas e hotéis. A cidade se muda para a praia com todos os seus apetrechos: campos de mini*golf*, escolas de tênis, restaurantes exóticos, mini*shoppings*, feiras de verão, estúdios de tatuagens, baladas temáticas, enfim, uma miríade de atividades inexistentes na maior parte do ano.

Também há que se mencionar a "inflação de verão". Explicando de forma clara: passa-se o ano inteiro comprando produtos nos supermercados por um determinado preço; basta chegar a temporada que os preços são abusivamente elevados. Esta atitude dos comerciantes (não só de supermercados, mas de lojas, restaurantes, dentre outros serviços) prejudica a população local e os próprios turistas. A essas atitudes é que as pessoas costumam chamar de "explorar o turista" em vez de "explorar o turismo". Uma garrafa pequena de água mineral, na Praia do Rosa, pode custar até dez reais; um simples picolé de fruta chega a cinco reais.

Outra situação oriunda da intensificação do turismo são famílias que deixam os grandes centros urbanos para tentar a vida à beira mar. A corrida por mão-de-obra atrai moradores de outras cidades. Até mesmo os imóveis distantes das praias passam a ser alugados para os "trabalhadores de temporada". No entanto, morar e trabalhar na praia pode ser uma experiência negativa, já que o turismo é uma atividade sazonal, que deixa poucas vagas de emprego na baixa temporada. Sobre esse caso, Antonio Flor tem a seguinte opinião:

> Arrumar emprego pro ano todo aonde? O emprego é em pousadas e restaurantes, até nos mercado, mas isso é coisa de dois meses é só na temporadinha e acabou. Depois não tem mais nada. Tem que esperar março, abril, maio e junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro, até dezembro. Tem que ficar quase dez meses parado, é complicado, não tem como[183].

Há casos em que os novos moradores conseguiram se adaptar às condições econômicas do lugar. A família de Gislaine Gremelmaier, 36 anos, diarista, natural de Porto Alegre, ilustra positivamente a "aventura" de morar e trabalhar na praia. Para ela, viver em Santa Catarina (Garopaba) é muito bom, porque:

> Eu vim para Santa Catarina em outubro de 1998. Mas quando eu tinha 12 anos comecei a freqüentar o Camacho perto de Jaguaruna e desde esta época já tinha virado o meu sonho morar aqui. Quando adulta comecei a trabalhar em Porto Alegre e fui assaltada duas vezes em menos de quinze dias. Após os assaltos com tudo que

[183] FLOR, Antonio. Ibid.

> aconteceu resolvi ir embora. E o meu namorado tinha acabado de comprar um terreno aqui na Estrada Geral do Ouvidor, e me convidou, resolvi vir. Hoje meu marido trabalha fazendo pranchas e eu trabalho como recepcionista de uma pousada, além disso faço faxinas. Posso dizer que a sensação que tenho é que nasci aqui. Gosto das pessoas, da simplicidade da vida delas. Não vejo futilidade, arrogância e egoísmo que enxergava para todos os lados em Porto Alegre. E para quem quer trabalhar sempre tem algo para fazer. Antes me preocupava porque tinha o fato do inverno ser muito difícil por causa da falta de turismo. Mas eu entrei na vida da cidade e hoje procuro não trabalhar só no verão, como muitos que vem de fora fazem. Participo da vida normal da cidade, não destes trabalhos temporários de verão, sem estabilidade. Não posso reclamar, crio minhas duas filhas aqui e me sinto muito bem.[184]

Nem todos têm essa sorte e passam por situações difíceis. Não são raros os casos de pessoas que tentam a sorte no litoral e acabam tendo que retornar sem conseguir nada, nem mesmo manter o aluguel.

As pessoas não costumam, em geral, reclamar da movimentação da temporada; na verdade, muitas até gostam. Domingos Juvêncio da Silveira, 74 anos, pescador, residente nas proximidades da Praia do Rosa, disse:

> Eu gosto do agito do verão. Eles querem brigar que briguem, eu estou dentro da minha casa. A minha mulher dizia que quando acabava o verão o barulho fazia falta. Então é muito bom o turismo, como vem famílias ali pra casa, param, conversam, sorriem. Eles dizem: que lugar, que maravilha![185]

A percepção de que a vida cotidiana vem sendo modificada pelos visitantes não chega a ser uma crítica ou insatisfação por parte dos nativos; eles afirmam gostar das mudanças trazidas pelo turismo. Para Antonio Flor, o turismo é muito importante para a região; ele diz que não vê problemas nas atividades turísticas:

> Eu não acho nada ruim no turismo, no meu modo de pensar o turismo é que favoreceu mais o povo da Ibiraquera, o nativo. Tem gente também do lado deles que veio, muitos compraram terras e construíram pousadas. Na verdade, até tirou muito o aluguel dessa turma nativa, mas é comum essas coisas assim. O turismo também deu empregos pra pessoas do lugar, não muitos empregos fixos pra muita gente, mas no verão gente tem bastante gente que trabalha, trabalha muita gente. Da nossa gente da Ibiraquera não é muita gente que trabalha. A maioria é o pessoal que vem de fora, da Nova Brasília, do Sambaqui, do Arroio [bairros próximos].[186]

Ao explicar os motivos pelos quais deixou de alugar a casa em que vive com sua família, apontou razões que ultimamente o tem preocupado:

---

[184]GREMELMAIER, Gislaine. Garopaba/ SC. Entrevista dada à autora em 21 out. 2010.
[185] SILVEIRA, Domingos Juvêncio da. Ibid.
[186] FLOR, Antonio. Ibid.

> O maior problema que fez a gente deixar de alugar a nossa casa de morar e sair pra casa dos outros é que há dez anos pra traz, de 2000 pra cá as coisas mudaram muito, por que antes nós alugávamos e íamos embora e ficávamos tranquilos, que ninguém mexia, não tinha roubo, não tinha nada. Agora hoje se alugar e sair e deixar só pelos hospedes quando a gente chegar as casas tão arrombadas. O turista vai pra praia não vai cuidar da casa, só quando vem é que vê a casa arrombada. Aqui com nós até nunca aconteceu, por que de uns tempos pra cá quando alugo fico cuidando diariamente enquanto o pessoal tá fora. Esse pessoal desocupado que vem pra cá e não trabalha acaba fazendo isso.[187]

Outro morador nativo, o empresário Maro Odi de Souza, também fez algumas colocações sobre a importância do turismo, chamando a atenção para situações que podem colocar a atividade em risco:

> O turismo é uma coisa benéfica. Se tu fizer uma entrevista com mais pessoas elas vão te dizer que é benéfico. Agora, que existe preocupação existe. Aqueles dois meses se perde um pouco de sono, tem uns problemas: barulho, trânsito piora, veio droga, mas a droga viria de qualquer jeito, é claro que vem com mais intensidade porque rola, tem mais dinheiro. O pequeno furto não traz a violência, o que traz mais a violência é a droga, tanto é que os conflitos que houve de tiroteio, esse negócio já é briga de droga. Isso, se não cuidar, aí toma conta. Isso é uma das coisas que pode acabar com o turismo. Onde tem violência e poluição o turista não vem.[188]

Também há nativos que conseguiram melhorar significativamente seu nível financeiro; inicialmente, através do aluguel das próprias casas e, posteriormente, com sua ampliação, chegando a transformá-las em pousadas. Este é o caso de Conceição Teixeira Ferreira, 45 anos, empresária. Sobre os ganhos financeiros produzidos pelo turismo, relatou:

> Comecei a alugar minha casa para os turistas em 1992. Na época eu anunciava nas imobiliárias, agências de turismo de Garopaba e Florianópolis, mas o que funcionava mesmo era o boca a boca. Atualmente uso a internet. Essa atividade fez com que todos da minha família se tornassem bem financeiramente. O turismo trouxe o desenvolvimento para toda região.[189]

A empresária é uma pessoa que se diz privilegiada, pois herdou terras em um ponto muito valorizado, no alto do morro da Praia do Rosa, com vista para as lagoinhas. Com o dinheiro dos primeiros aluguéis conseguiu formar-se em Letras e colocar-se, segundo ela mesma, no mesmo patamar que os demais donos de pousadas, em sua maioria estrangeiros. No entanto, sente que o turismo também apresenta aspectos negativos:

---

[187] Idem.
[188] SOUZA, Maro Odi de. Ibid.
[189] FERREIRA, Conceição Teixeira, Imbituba/SC. Entrevista concedida à autora em 2 fev. 2011.

> Como estou num ponto privilegiado e tenho terceiro grau não sinto muito os pontos negativos, mas eles existem. A maioria dos pousadeiros são gaúchos e têm muito preconceito com os nativos. Nasci e morei na Praia do Rosa até os meus 17 anos. Voltei a morar faz 13 anos e senti toda a diferença. Antes não existia muros, ganância, roubos, drogas, lixos, desigualdade social. A comunidade perdeu as suas culturas, o lugar foi aculturado. Também, na alta temporada e feriados prolongados, a comunidade não está preparada para receber tanto turista. Falta saneamento básico, pois ainda utilizamos fossas, o trânsito é infernal, o lixo é em excesso e a praia torna-se um aglomerado de trabalhadores informais vendendo todo o tipo de mercadorias que se possa imaginar.[190]

De fato, a carência de infraestrutura básica é ainda uma das questões mais levantadas por todos os que têm no turismo sua fonte de renda, sejam eles donos de pousadas ou simples alugadores de casas. A situação do lixo acumulado à beira das estradas, o desenho sinuoso e labiríntico das ruas, aliado à sua largura, que às vezes não chega a cinco metros, e as enxurradas que costumam destruir trechos do pavimento tornam o lugar "feio" e caótico. A beleza da praia, possivelmente, é o que faz com que os turistas não se incomodem com tal situação.

Quem mais gosta do verão, evidentemente, são os mais jovens. As diversas opções de lazer, o simples caminhar na avenida central lotada, os barzinhos e danceterias do Rosa e da Ferrugem, todas essas situações oportunizam interação com pessoas diferentes, troca de experiências e/ou a aventura de um namoro de verão. Além disso, muitos dizem que é possível "se soltar", dançar à vontade, já que ninguém os conhece. Em janeiro, o fluxo de turistas argentinos é muito intenso e a música que toca "fala" espanhol, provocando nos nativos um misto de admiração e curiosidade.

Mas a liberdade do verão causa muita preocupação às famílias no sentido de expor, ou por mais diretamente em contato os jovens com drogas e bebidas. Não que na baixa temporada não se usem entorpecentes, mas no verão o uso se torna mais visível e talvez mais convidativo. Gente bonita, bem arrumada, hospedada em pousadas requintadas que chega às festas de carrão costuma impressionar e ditar moda. Este é o perigo ao qual muitos se referem.

Atribuir exclusivamente ao turismo a responsabilidade pelo consumo e venda de entorpecentes na região em estudo, ou em qualquer outro lugar turístico, é diminuir a complexidade que envolve a disseminação do consumo de drogas em diferentes locais do mundo. No caso de Garopaba, a relação entre os jovens turistas, oriundos do espaço urbano, os jovens nativos e o uso de drogas não pode ser entendida simplesmente nos termos de um efeito de demonstração relacionado à visão reducionista de aculturação. Trata-se,

---

[190] Idem.

possivelmente, de uma estratégia simbólica de negação de uma condição nativa pela adoção de uma prática interpretada como sinal de um estilo de vida diferenciado.

Atualmente, Garopaba mostra-se preocupada em elevar o padrão econômico de seus visitantes; aprova um plano diretor em que a prioriza a manutenção da altura das construções em até dois andares e prima pela proteção e recuperação do meio ambiente. No entanto, o discurso do poder público municipal é "rasgado" ao permitir que um grupo de empresários locais transforme uma área de banhado em condomínio de luxo, onde os terrenos custam em média quatrocentos mil reais – o seletivo Condomínio Garopaba Internacional

A decisão da Câmara de Vereadores em manter, no Plano Diretor de 2010, que casas e prédios comerciais tenham no máximo dois pisos garante o crescimento horizontal da cidade. Na opinião de muitos, valoriza inclusive as terras mais distantes do mar. Além disso, impede que a cidade se torne semelhante ao Balneário Camburiú, onde o mar fica "sufocado" por detrás de uma orla de prédios altos. De acordo com Pedro Bitencourt (2003), a sugestão de que Garopaba deveria manter seu crescimento horizontal se deve à influência de um italiano que frequentou a cidade no início da década de 1970:

> Entre tantos que por aqui passaram, surge Guido Pacífico, com personalidade empreendedora anunciava a todos o futuro sucesso de Garopaba. Acostumado a mergulhar nos costões da ilha de Ischia – Itália -, Guido encontrou na costa catarinense um lugar semelhante para praticar seu esporte predileto. Foi através de algumas lideranças "locais" que Guido sugere transformar Garopaba numa cidade estilo italiana. Onde os prédios tenham uma altura máxima que não esconda os morros e o horizonte.[191]

Se Bitencourt (2003) estiver certo na história contada sobre a passagem do italiano Guido Pacífico por Garopaba, é de se lamentar que outros personagens como ele não tenham aparecido ao longo dos últimos anos para influenciar as decisões dos gestores da cidade. No último ano, a liberação para aterramento da área onde será erguido o Condomínio Garopaba Internacional causou revolta e manifestações de protesto de ambientalistas e moradores, preocupados com a qualidade de vida no município, mas essas manifestações não tiveram respaldo junto às autoridades municipais, estaduais ou federais. Hoje parece que as pessoas já se acostumaram com a presença do condomínio na área em frente ao acesso da Praia da Ferrugem, onde um grande *outdoor* avisa: "Finalmente a realeza encontrou seu lugar sob o sol de Garopaba".

---

[191] BITENCOURT, Pedro. Ibid.

Observa-se, nessa Garopaba do século 21, a transformação do lugar pela incorporação de novos significados, de novos signos e símbolos e da construção de um espaço turístico, com alteração da paisagem, tanto a natural quanto a cultural, em decorrência da interação entre as práticas de turistas e as de moradores comuns. Assim, a partir do verão de 2010, o *slogan* "Garopaba: viva essa natureza" foi substituído por um *slogan* mais híbrido: "Garopaba sem *stress*: o melhor lugar para suas férias".

Por outro lado, a região de Garopaba e Ibiraquera passa por um momento político importante. As atividades praticadas na natureza têm sido foco de muitos debates e de uma constante preocupação por parte da população local, principalmente por conta da mobilização em torno da Resex e dos trabalhos desenvolvidos por ONGs, como a Fundação Gaia e a Associação Amigos de Garopaba – AMA. Como efeito, há um maior envolvimento de segmentos nas práticas e usos do meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos um tempo fugidio, em que diferentes visões de mundo se contrapõem e fomentam conflitos diversos, ou seja, um tempo em que tudo é possível: repetições, estagnações, acelerações. Nessa forma de viver o tempo, não há espaço nem perspectiva que aponte para um fim. Vive-se o "eterno presente".

Nesse tempo de "agoras", até mesmo o meio ambiente, que, num primeiro olhar, se mostra como um bem comum, vem se transformando, cada vez mais, em objeto de disputas e conflitos. Nesta perspectiva, a presente dissertação se propôs discutir a transformação de parte de um badalado balneário no sul de Santa Catarina em Resex.

A polêmica em torno da reserva de Garopaba (e Imbituba), mote inicial desta pesquisa, surpreendeu pelo leque de outras polêmicas em torno da apropriação e usos da natureza, como também em torno da relação estabelecida entre moradores nativos e estrangeiros na área em questão. Foi durante a realização das entrevistas que percebi que essas outras situações exigiam um olhar mais atento.

A questão da Resex não deixou de ser importante, mas ganharam espaço outros conflitos; a maioria deles, colocada em tela após a intensificação do fluxo turístico para a região; outros, de ordem interna da organização social local. A transformação de um lugar qualquer em lugar turístico não se dá sem tensões; ao contrário, jogos de interesses envolvem desde o mais simples morador ao mais perspicaz dos empresários locais e/ou estrangeiros.

Entendo que transformar um agora lugar turístico em reserva extrativista não é a única solução para poupar o meio ambiente das agressões produzidas pelos novos hábitos de consumo impostos pelo modelo econômico predominante – o capitalismo. Afinal, não é mais possível juntar todos os pedacinhos de um lugar, que, como uma peça de cristal, se partiu em partes pequenas, incapazes de retomar o lugar que ocupavam antes do *boom* que a esfacelou, ou seja, antes do turismo.

Isto, porém, não significa afirmar que não se possa engendrar um novo modelo de sociedade que abrigue toda a diversidade existente no lugar. Isso não só é possível, como já se tornou objeto de estudo. Esta, na verdade, é uma situação própria deste Tempo Presente, em que o novo não chega a varrer o velho, mas lhe dá uma nova roupagem, uma roupagem composta pelo ontem e pelo hoje. Esta situação atípica é o que Canclini (2008) chama de hibridismo.

Pelos depoimentos dos diversos sujeitos envolvidos com a celeuma da Resex de Garopaba e Imbituba, coloquei em cena as diferentes intenções, ações e motivações dos sujeitos sociais que compõem essa trama. No entanto, a tessitura ainda continua em aberto e diferentes configurações sociais podem ser produzidas no desenrolar do processo. Pode-se dizer que por ora a questão da Resex está no "limbo", aguardando em algum arquivo da Presidência da República para ser decretada ou vetada.

Ser favorável ou contrário à reserva é bastante relativo, dependendo do lugar social ocupado pelo sujeito. Se há pescadores artesanais e ambientalistas que acreditam na possibilidade de sustentabilidade econômica através da produção do pescado é porque fazem uma leitura das necessidades individuais de bens de consumo pautadas no que se pode chamar de "economia da natureza", o que, numa visão holística, seria pautado na ideia de que ser é mais importante que ter.

Esta harmonia entre homem e natureza se baseia na exploração parcimoniosa dos recursos naturais, de forma a não comprometer o provimento das gerações futuras. Caracteriza-se, a meu ver, pela utopia de um mundo mais humano e menos desigual, presente no pensamento de muitos cidadãos contemporâneos. Não condeno nem engrosso o coro de preservacionistas; respeito-os como opção plausível de viver.

Contudo, acredito que o envolvimento de pessoas comuns na luta pela implantação da reserva ambiental tenha acontecido, possivelmente, após um trabalho cautelosamente planejado por instituições interessadas em disseminar o paradigma preservacionista e em cooptar lideranças comunitárias a fim de envolvê-las no movimento de preservação.

A própria Aspeci se organizou após um intenso trabalho do Fórum da Agenda 21 junto aos pescadores e lideranças comunitárias de Ibiraquera. A opção por lutar pela transformação desse lugar em Resex e defendê-la não se deu de maneira despretensiosa, ou melhor, não brotou do seio da comunidade como os grupos favoráveis costumam dar a entender. Os pescadores nativos que apóiam a Resex têm, evidentemente, toda uma história de envolvimento com o patrimônio natural que os habilita e os motiva a defender a causa. Esta, porém, não é a questão. O fato é que sem o envolvimento de agentes externos seria inviável o encaminhamento de tal proposta.

Se a causa dos pescadores da Aspeci não se mostra completamente original e pertinente, as motivações dos que decidiram pelo RESEX NÃO também não é isenta, nem tampouco despretensiosa. Um grupo composto por políticos, empresários, corretores de imóveis e construtores não age de maneira desinteressada. Este é, no meu modo de ver, um

grupo que visa essencialmente ao lucro, não importando que isso custe o fim de um banhado e da diversidade de vida que abriga ou a contaminação de uma lagoa.

Para esses, o importante é vender a imagem de um paraíso natural singular, porém repleto de singularidades do mundo globalizado. Assim, a imagem de Garopaba e região é oferecida aos visitantes como um lugar prefeito, onde natureza, requinte, comodidade, conforto, lazer e segurança formam um lugar à altura de qualquer *realeza*.

Transformar o "paraíso" em reserva soou, de fato, como perigo a ser enfrentado com todas as armas. Afinal, o turista quer vir para Garopaba e Ibiraquera para desfrutar das belezas naturais e provar o sabor do deslocamento da cidade para a vila sossegada. Dito de outra forma: para o turista, equivale a trocar a segurança e o conforto de um *Shopping Center*, cercado de vidraças, por um grande espaço de lazer e consumo cercado por praias, lagoas, morros e dunas. Evitar que a preservação do lugar vença o consumo do lugar é a preocupação e o mote que uniu (e une) os sujeitos contrários à Resex.

A intensificação do turismo veio acompanhada de tensões. Na verdade, os nativos, a princípio curiosos e receptivos, passaram a perceber que os turistas os viam como ingênuos e simplórios. Esta percepção ficou ainda mais evidente quando os estrangeiros, aqui também chamados de *outsiders*, se transformaram em um grupo coeso e financeiramente superior. Na condição de empregados, os nativos, embora estabelecidos, foram estigmatizados pelos estrangeiros como culturalmente inferiores.

Embora o hibridismo seja a palavra que melhor defina a organização social que passou a imperar após a consolidação do turismo, é importante sublinhar que a cultura local ainda resiste. Esta resistência se dá principalmente nas redes de socialização, pois é na troca de informações entre vizinhos e parentes, ou nas chamadas "fofocas", que os nativos identificam seus pares e depreciam supostas atitudes estrangeiras, ou seja, criam um código próprio que lhes permite manter vivas suas identificações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio L. Garopaba, mon amour. In: _____. **Pedras de Calcutá**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, p. 85 – 90.

ACSELRAD, Henri. **Conflitos ambientais no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fundação Heinrich Boll, 1995.

ALEXANDRE, A. F. **Novos elementos teóricos para pensar as práticas ecológicas no Brasil.** Disponível em: <www.helsinki.fi/hum/ibero/xaman/articulos/2004_01/novos_elementos_teoricos.pdf -> Acesso em: 17 ago. 2008.

ALONSO, A. M ; COSTA, V. M. F. Para uma sociologia dos conflitos ambientais no Brasil**.** In: Héctor Alimond. (Org.). **Ecología Política Naturaleza, sociedad y utopía.** Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Clacso, 2002.

AMADO, Janaina. O grande mentiroso. **Nossa história**, Rio de janeiro. Biblioteca Nacional. v. 1 n. 2, dez. 2003. p. 28-33.

AMADO, Jorge. **Mar morto**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

AGENDA 21. **Conferência das Nações Unidas sobre o Maio Ambiente e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: 1992. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18>. Acesso em: 28 jul. 2008.

ARAUJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral:** reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. 1989. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

ÁREA de Proteção Ambiental da Baleia Franca (ICMBio). Disponível em: < http://www.krillcom.com.br/promofranca/APA.htm>. Acesso em: 25 out. 2009.

ARRUTI, José Maurício Andion. **A emergência dos remanescentes**: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana. 1997, vol.3, n.2. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2439.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2010.

ANDRIGUETTO FILHO, José Milton. Das “dinâmicas naturais” aos “usos e conflitos”: uma reflexão sobre a evolução epistemológica da linha do “costeiro”. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente,** n. 10, jul./dez. 2004. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

AOUN, Sabáh. **A Procura do Paraíso no Universo do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da pós-modernidade. Campinas: Papirus, 1994.

AVELLAR, M. de L. **Ibiraquera:** a história de um lugar... um movimento singular e universal. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BAUMAN, Zigmund. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BÉDARIDA, Francóis. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Morais e AMADO, Janaina ((Orgs.).) **Usos & abusos da história oral**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 217, 229.

BELL, David V. J. A cultura da sustentabilidade. In: KRISCHKE. Paulo J. (org**). Ecologia, juventude e cultura política**: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do cone sul. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1982.

BERSEN, José Artulino. **São Joaquim de Garopaba 1980:** recordações da freguesia. 2 ed. Passo Fundo, RS: Gráfica e Editora Pe. Bhertier, 1996.

BHABHA, Homik. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BITENCOURT, Fernando. **De Ygara Mpaba a Garopaba: Sete Mil Anos de História.** Florianópolis: São Joaquim de Garopaba, 2003.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**: temas e situações. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. 224 p

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 11. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

BRASIL. **Infra-estrutura e integração regional:** subsídios à elaboração da Agenda 21 Brasileira. Brasília, DF: IBAMA, 2000.

BRASIL - **LEI 9.433/97**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9433.htm> Acesso em: 2 set. 2010.

BRASIL - **LEI 9.605/98.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9605.htm> Acesso em: 02 set. 2010.

BRASIL - **LEI 9.985/00.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9985.htm> Acesso em: 2 set. 2010.

BRASIL - **LEI 6.938/81.** Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legipesq.cfm?tipo=1&numero=6938&ano=1981&texto=> Acesso em: 2 set. 2010.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989):** a revolução francesa da historiografia**.** São Paulo: Unesp, 1997.

CAMPOS, Emerson Cesar. **Territórios Deslizantes:** recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002). 2003. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. **Culturas hibridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARDOSO, E. S. **Vitoreiros e monteiros**: ilhéus do litoral norte paulista. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) FFLCH-Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/A02.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2010.

CARVALHO, Ely Bergo. **Sombras do passado, projetos de futuro:** as florestas nas memórias dos agricultores de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1947-2003. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARVALHO, Jorge de. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. In: **Seminário Folclore e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: INF, 1992.

CECCA - Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha**: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre prática e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia.** São Paulo: Moderna, 1981.

_____. **Conformismo e resistência:** aspectos da cultura popular no Brasil . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COE, Frank; GUERRA, Otto. **Lutzenberger:** For Ever Gaia (filme). Brasil/RS, 52’, 2006.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (1988). Nosso Futuro Comum. Ed. Fundação Getúlio Vargas, RJ.

CORREA, Carlos Humberto P. **História oral: teoria e técnica.** Florianópolis: UFSC, 1978.

COSTA, V. M. F; ALONSO, A. M. Para uma sociologia dos conflitos ambientais no Brasil. In: Héctor Alimond. (Org.). **Ecología política naturaleza, sociedad y utopía**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Clacso, v. 01, 2002. , p. 115-135.

DEBETIR, Emiliana; ORTH, Dora (Orgs.). **Unidades de conservação**: gestão de conflitos. Florianópolis: Insular, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História Oral: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DREYER, Lilian. **Borregaard:** um marco da luta ambiental No Rio Grande Do Sul. Disponível em: <http://www.agenda21empresarial.com.br/arquivo/1260207520.9688-arquivo.pdf>. Acesso em: 5 set. 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FABIANO, Roberto Bruno. **Conflitos socioambientais e gestão integrada e sustentável de recursos pesqueiros:** estudo de caso sobre a atividade de carcinicultura na área da Lagoa de Ibiraquera (municípios de Imbituba e Garopaba, S.C). 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FALCÃO, Luiz Felipe. Das diferenças: possibilidades e ambiguidades dos estudos sobre identidades culturais. II Seminário Internacional Gênero e Movimentos Sociais: identidade, diferença, mediações. **Textos,** UFSC, 2003. Disponível em: http/www. rizoma.ufsc.br/HTML/426-of6-st1.htm

FARIAS, Vilson Francisco de. **De Portugal ao Sul do Brasil:** 500 anos – História, Cultura e Turismo. Florianópolis: Ed. do autor, 2001.

_____. **Dos Açores ao Brasil Meridional:** Uma viagem no Tempo – Povoamento, demografia, cultura. Florianópolis: Ed. do autor, 1998.

_____. **Dos Açores ao Brasil Meridional:** Uma viagem no Tempo, 500 Anos Litoral Catarinense. Florianópolis: Ed. do autor, 2000.

FERREIRA, Lucrecia D`Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. (Orgs.). **Turismo:** espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau, 1996. 158 p.

FRANÇA, Alex Santana. A carne mais barata do mercado é a carne negra. **Revista África e** Africanidades, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Coluna Resenha. Disponível em: <http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Carne_negra.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2010.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAVEAU, Agnès TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do tempo presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva.** São Paulo: UNESP. 1997.

HARVEY, David. El arte de la renta: la globalización y la mercantalización de la cultura. In: HARVEY, David; SMITH, Neil. **Capital finaciero, propriedad imobiliária y cultura**. Barcelona: MACBA, 2005.

HELENA, Lucia. **Um sultão no reino das coisas**. Alea [online]. 2003, vol.5, n.1, pp. 13-27. ISSN 1517-106X. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/alea/v5n1/20344.pdf> Acesso em: 21 ago. 2010.

HOBSBAWM**,** E. J. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____; RANGER, T. O. **A Invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **A Era das Revoluções**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOEBEL, E. Adanson, FROST, Everestt L. **Antropologia Cultural e Social**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976; Insular, 1997.

JACOB, Pedro. Movimento social e complexidade da articulação de práticas coletivas. In: Ribeiro, W. (org.). Publicado em **Patrimônio Ambiental** – EDUSP, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2006.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo:** para uma compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LACERDA Eugênio Pascele. **Bom para brincar, bom para comer:** a polêmica da farra do boi no Brasil. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** São Paulo: Unicamp, 1990.

LIMA, Luiz Cruz (Org.). **Da cidade ao campo:** a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: Ed. UECE, 1998.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Morais e AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p.16, 20.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Urbanização turística - um novo nexo entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz (Org.). **Da cidade ao campo:** a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: Ed. UECE, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto alegre: Sulina, 1997.

MARTINS, Manoel de Oliveira. **Imbituba**. Edição do Autor, s/data.

MEDEIROS, Rodrigo Pereira. **Pesca da tainha:** o lado dos pescadores. Disponível em: <http://waves.terra.com.br/surf/noticia/o-lado-dos-pescadores/36405> Acesso em: 20 jul. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MONTYSUMA, Marcos. **Senhores das Matas:** Experiências Extrativistas na RESEX Chico Mendes (1983/2002). 2003. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MÜLLER, Renê. Paraíso sob perigo: criação de reserva extrativista para a pesca artesanal em Garopaba e Imbituba provoca polêmica no Litoral Sul do Estado. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 23 dez. 2007. Reportagem Especial, p. 5-7.

MULLINS, P. **Tourism Urbanization.** International Journal of Urban and Regional Research, vol. 15, n.3, 1991. pp.326-342.

OLIVEIRA, Flavia Moura de. **Espaço, lugar, identidade e urbanização:** conceitos geográficos na abordagem do Turismo. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ONG : Agenda21. Disponível em: < http://tv.pucsp.br/mm/?p=252> Acesso em 21 ago. 2010.

PÁDUA, José Augusto; VIOLA, Eduardo (Org.) **Ecologia e política no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

BIANCHI, Sérgio. QUANTO VALE ou é por quilo? Direção de. Rio de Janeiro: Agravo Produções Cinematográficas, Rio filme, 2005. 1 DVD (104 minutos).

RELATÓRIO Brundtland. Disponível em: < pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso em: 13 jan. 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. 1997

RIOS, Kênia de Souza. História Oral: que história é esta? In **Anais,** Cadernos do CEON-Chapecó: Argos, 2000.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ROSAR, Daniel Bampi. **Gestão participativa e política substantiva:** duas formas de ação política coexistentes em Ibiraquera (Imbituba/Garopaba – SC). 2007. Dissertação (Mestrado em Agrossistemas) – Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RODRIGUES, Ana Cabral. **Subjetividades e Espaços:** Narrativas Incompletas. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.slab.uff.br/dissertacoes/2006/Ana_Rodrigues.pdf> *Acesso em*: *8 ago. 2010.*

SARAIVA, Sergio. **Projeto de Resex define novos limites para a área de amortecimento** Disponível em: <http://www.garopabaonline.com.br/cn_notgrb/notgrb_principal.php?codigo=196 23/04/20>. Acesso em: 13 mai. 2010.

SANTOS, Andréia P. **Imagens e sons de histórias do tempo presente e do imediato:** identidades e concepções de sujeito, memórias e subjetividades em (des)construção no cotidiano da História. Disponível em: <200.201.9.18/index.php?journal=rhr&page=article&op=viewPDFInterstitial&path%5B%5D=332&path%5B%5> Acesso em: 17 ago. de 2008.

SANTOS, Rafael José dos. **Antropologia, Comunicação e Turismo**: a Mediação Cultural na Construção do Espaço Turístico em uma Comunidade de Pescadores em Laguna, SC. Disponível em:<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/18334>

SEGURO Desemprego. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/seg_desemp/modalidades_artesanal.asp>. Acesso em: 12 ago. 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado:** historia oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Os críticos da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

VALENTIM, Manoel. **Homenagem a Garopaba:** poesia, Garopaba do passado e do Presente. Florianópolis: Continente, 1994.

VIÉGAS, Rodrigo Nuñez. **Conflitos ambientais e lutas materiais simbólicas.** Disponível em: *<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewFile/13564/10890> Acesso em: 17 jan. 2010.*

VIEIRA, Liszt; BREDARIOL, Celso. **Cidadania e política ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VIOLA, Eduardo; LEIS, Héctor; SCHERER-WARREN, Ilse; GUIVANT, Julia S. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania**: desafios para as ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

WAMER, A. H. Evolução histórica da legislação ambiental. In: **Legislação ambiental brasileira:** subsídios para a história do direito ambiental. Ed. Forense. Rio de Janeiro, 1999.

ANEXOS

Anexo 1: Moção de Repúdio da Câmara de Vereadores de Garopaba na qual Maria Elizabeth Carvalho da Rocha e considerada *"Persona non Grata"*

ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE GAROPABA
11ª Legislatura – 2005 a 2008

MOÇÃO Nº 001/2008

Senhor Presidente,

Os Vereadores que a esta subscrevem, vêm até Vossa Excelência, na forma da previsão regimental, requer após ouvido o Soberano Plenário, seja enviada a presente Moção de Repúdio por atos contraditórios aos interesses do Município de Garopaba a Senhora, MARIA ELIZABETH CARVALHO DA ROCHA, Chefe da APA da Baleia Franca considerá-la "PERSONA NON GRATA" no território municipal:

"A Câmara Municipal de Garopaba, por proposição dos Vereadores Jucélio de Souza Clementino, Ildo da Silva Lobo Filho, Paulo Sérgio de Araújo, Mauricio de Carvalho, Antônio Cardoso Vieira, Targino Henrique de Souza, Lisbertino Abreu, Rogério Linhares e Luiz Bernardo, aprovaram a presente "MOÇÃO DE REPÚDIO" aos atos praticados pela Senhora MARIA ELIZABETH CARVALHO DA ROCHA, pois a mesma, por suas atitudes de manipular um pequeno numero de pessoas, que não são pescadores extrativistas, sendo que a implementação da Resex irá prejudicar toda população na qual tem como principal atividade o Turismo. Ainda assim, a mesma como chefe da APA da Baleia Franca, vem atuando fora da área da APA, notificando e embargando obras de construção civil, apoiando ainda uma minoria de munícipes para a criação da Resex de Garopaba, com isso tem investido contrariamente aos interesses do Município, e causando prejuízos de ordem moral e econômico para o desenvolvimento e progresso do Município.

Sala das Sessões, em 15 de fevereiro de 2008.

Jucélio de S. Clementino **Vereador**	**Mauricio de Carvalho** **Vereador**	**Ildo da Silva Lobo Filho** **Vereador**
Antônio Cardoso Vieira **Vereador**	**Targino Henrique de Souza** **Vereador**	**Lisbertino Abreu** **Vereador**
Luiz Bernardo **Vereador**	**Paulo Sérgio de Araújo** **Vereador**	**Rogério Linhares** **Vereador**

Lido na Sessão de Hoje
A Secretaria por providencia.
Em 20/02/2008
Presidente

Rua Professor Antonio José Botelho, 113 – Centro – Garopaba/SC CEP:

DE. BERADO NA SESSÃO DE HOJE
Aprovado por unanimidade pelos Srs. Vereadores presentes
S. S. da C. M. de Garopaba.
Em 20/02/2008
Presidente

Anexo 2: Limites do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

Anexo 3: Panfleto da Resex de Garopaba e Imbituba distribuído pelo grupo de contrários a Resex

NATUREZA SIM RESEX NÃO

Turismo consciente não destrói, gera emprego e renda! ...

O surf não agride o meio-ambiente! ...

Não permita que usem o seu nome e o "meio-ambiente" contra você!

PARTICIPE DAS AUDIÊNCIAS PÚBLICAS:

Dia 19/12/2007 - Quarta - às 18:00hs
Salão do Campinense, no Campo D'Una - Garopaba

Dia 20/12/2007 - Quinta - às 18:00hs
Salão Paroquial da Igreja Matriz de Nsa.Sra. da Conceição - Imbituba

DIGA NÃO À RESEX!

NÃO SE DEIXE ENGANAR!
VEJA O QUE ESTÁ ESCRITO NA LEI FEDERAL 9.985/2000 (S.N.U.C):

Art. 18 - A Reserva Extrativista é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.

§ 1º - A Reserva Extrativista é de domínio público, com uso concedido às populações extrativistas tradicionais conforme o disposto no art. 23 desta Lei e em regulamentação específica, sendo que as **áreas particulares** incluídas em seus limites devem ser **desapropriadas**, de acordo com o que dispõe a Lei.

§ 3º - A visitação pública é permitida, desde que compatível com os interesses locais e de acordo com o disposto no Plano de Manejo da área.

Art. 23 - **A posse e o uso das áreas ocupadas** pelas populações tradicionais nas Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável serão **regulados por contrato**, conforme se dispuser no regulamento desta Lei.

Art. 25 - As unidades de conservação, exceto Área de Proteção Ambiental e Reserva Particular do Patrimônio Natural, devem possuir uma **zona de amortecimento** e, quando conveniente, corredores ecológicos.
§ 1º - **O órgão responsável** pela administração da unidade estabelecerá **normas específicas** regulamentando a **ocupação e o uso** dos recursos da **zona de amortecimento** e dos corredores ecológicos de uma unidade de conservação.

§ 2º - Os **limites da zona de amortecimento** e dos corredores ecológicos e as respectivas normas de que trata o § 1º poderão ser **definidas** no ato de criação da unidade ou **posteriormente**.

Art. 2º - Para os fins previstos nesta Lei, entende-se por:
XVIII - **zona de amortecimento: o entorno de uma unidade de conservação**, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e **restrições específicas**, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade;

MAPA DA ÁREA AFETADA PELA RESEX

Anexo 4: “Jornal” distribuído pelo grupo favorável a Resex

RESERVA EXTRATIVISTA DA PESCA ARTESANAL

DE IMBITUBA E GAROPABA

"Somos Cultura e Natureza"

Conheça a proposta inicial dos limites da Reserva Extrativista da Pesca Artesanal de Imbituba e Garopaba que está sendo discutida nas oitivas e consultas.

Esta proposta de fortalecimento da **Pesca Artesanal** não representa uma obra do acaso, e sim de ações intencionais de indivíduos e coletivos comprometidos com a reprodução social da pesca artesanal e com a construção de um novo modelo de desenvolvimento local.

O Gt-Resex - oriundo de um grupo de trabalho do Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa da Ibiraquera e da Associação dos Pescadores da Comunidade da Ibiraquera - está inserido numa rede de relações, que fortalece e legitima suas práticas, mas que não contempla a maioria dos habitantes da região. Nem por isso, o grupo deve ser rotulado por um “grupinho”, uma vez que representa setores organizados da sociedade (pescadores, surfistas, prestadores de serviço na área turística, poder público e outros representantes comunitários) e se esforçam sobremaneira para socializar suas práticas, ampliar o tamanho dos grupos e integrar indivíduos para uma maior participação no processo.

Os pescadores artesanais e as lideranças comunitárias não podem se sentir desapontados pelo fato de não conseguirem convencer massivamente seus vizinhos sobre a importância e a viabilidade de uma Reserva Extrativista, ou se sentirem frustrados com a demora de todo o processo. Não é tarefa fácil compreender que a viabilidade dessa inovação percorre um caminho de médio e longo prazo mas que no fim beneficiará a todos.

Basta analisarmos a quantidade de reuniões que foram realizadas:

- reuniões do Gt-Resex - mais de 40 reuniões
- reuniões comunitária - mais de 15 reuniões
- plenárias da Agenda 21 sobre o tema - 8 plenárias
- realizações de eventos sobre o tema - 3 eventos

Obs: na maioria destes encontros foram convidados: as Prefeituras, Câmara de Vereadores, Colônias de Pesca entre outras associações comunitárias.

Informativo produzido pela consultoria socioambiental do Ministério do Meio Ambiente.
Responsáveis:
Caio Rodrigo Martins Miranda, antropólogo
Lucas Canestri de Oliveira, sociólogo
GT resex - forumibiraquera@gmail.com